



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA



DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS, MESTRADO PROFISSIONAL – MPEJA

LUANA DE SANTANA RIBEIRO

O DIÁLOGO ENTRE O MUNDO DO TRABALHO E AS
TECNOLOGIAS DIGITAIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS.

Salvador - BA
2022

LUANA DE SANTANA RIBEIRO

**O DIÁLOGO ENTRE O MUNDO DO TRABALHO E AS
TECNOLOGIAS DIGITAIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional de Educação de Jovens e Adultos – MPEJA, Departamento de Educação – Campus I, Universidade do Estado da Bahia, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração 3: Gestão Educacional e Tecnologias da Comunicação

Orientadora: Prof. Dr^a. Lanara Guimarães de Souza

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

R484d

Ribeiro, Luana de Santana

O diálogo entre o mundo do trabalho e as tecnologias digitais no contexto da Educação de Jovens e Adultos / Luana de Santana Ribeiro. - Salvador, 2022.

143 fls : il.

Orientador(a): Profª Drª Lanara Guimarães de Souza.

Inclui Referências

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos - MPEJA, Campus I. 2022.

1.Tecnologias digitais de informação. 2.Mundo do trabalho.
3.Educação de jovens e adultos. 4.Empreendedorismo social.

CDD: 374

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Reconhecido Homologado pelo CNE (Portaria MEC nº 1009, DOU de 11/10/13, seção 1, pág. 13.)

**MESTRADO PROFISSIONAL
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

DEDC - CAMPUS I
Departamento
de Educação



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

“O DIÁLOGO ENTRE O MUNDO DO TRABALHO E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS”

LUANA DE SANTANA RIBEIRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos – MPEJA, em 15 de dezembro de 2022, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:

Profa. Dra. LANARA GUIMARAES DE SOUZA (UNEB)
Doutorado em educação Universidade Federal da Bahia

Profa. Dra. JOCENILDES ZACARIAS SANTOS (UNEB)
Doutorado em Educação e Contemporaneidade Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. RONALDO FIGUEIREDO VENAS (UFBA)
Doutorado em educação Universidade Federal da Bahia

Salvador - BA
2022

AGRADECIMENTOS

“Que darei eu ao Senhor, por todos os
benefícios que me tem feito?”

(Salmos-116:12)

Gratidão a Deus por todas as coisas que têm feito e que irá fazer, são incontáveis os benefícios. A trajetória no Mestrado Profissional de Educação de Jovens e Adultos – MPEJA se mostrou uma experiência desafiadora e de grande crescimento acadêmico, profissional e pessoal.

Grata aos professores pelas aulas incríveis que proporcionavam discursões relevantes para a formação enquanto área de atuação. Aos Colegas de turmas pelos momentos de descontração e conhecimentos compartilhados nas aulas e atividades em grupo.

Um muitíssimo obrigada do tamanho do universo a minha orientadora Dr^a. Lanara Guimarães, pelas orientações e principalmente flexibilidade nos horários das orientações, nossos encontros foram enriquecedores e fundamentais para que esta dissertação chegasse a uma conclusão!

A secretaria de Educação do município de Cruz das Almas-Ba, a Coordenadora de EJA, as professoras e estudantes que participaram da pesquisa, meus agradecimentos por contribuírem com informações importantes e de grande relevância para a elaboração do produto desta dissertação.

Aos amigos e colegas, aos de perto e aos de longe pelos momentos de companheirismo e palavras de incentivo.

E, finalmente agradeço a minha rede de apoio, minha Família!

A minha querida avó Terezinha de Castro, por todo amor e carinho.

Aos meus pais, Clóves José e Luciana de Castro pela compreensão e por partilharem esse momento comigo. Em especial a minha Mãe pelas orações, ligações... sempre se preocupando. Ela, mais do que ninguém não via a hora que essa dissertação fosse concluída.

Ao meu irmão Jonas... por ser meu irmão.

Aos meus tios, tias, primos e primas pelas palavras de incentivo e momentos compartilhados.

A minha prima Dilma Simões, que acompanhou de perto os últimos 2 anos, pela sua alegria, atenção e preocupação me perguntando sempre como estava indo o desenvolvimento do trabalho, me incentivando sempre a prosseguir.

Foram 2 anos intensos, repletos de aprendizados, encontros e desencontros. Quero agradecer a mim mesma, por ter seguido firme e aprendido tanto ao longo dessa trajetória.

A todos os meus sinceros agradecimentos!

“Não existe saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”.

Paulo Freire.

RESUMO

O diálogo entre o mundo do trabalho, e as tecnologias digitais no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), é definido como enredo para defender as temáticas do mundo do trabalho, Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), na realidade da EJA. O problema mobilizador deste trabalho é: como um design educacional contextualizado pode contribuir para o diálogo entre o mundo do trabalho e as TDIC na EJA? A pesquisa tem como objetivo principal, compreender como o mundo do trabalho e as tecnologias digitais presentes no contexto da EJA podem dialogar por meio de um design educacional contextualizado. Seguido dos objetivos específicos definidos em analisar os fundamentos teóricos, políticos e educacionais do mundo do trabalho no contexto da educação de jovens e adultos; analisar as bases político-sociais e pedagógicas das tecnologias digitais de informação e comunicação na EJA; mapear e discutir desenhos didáticos de articulação dialógica entre a temática do trabalho e o uso de tecnologias digitais de informação e comunicação na EJA; e propor um desenho didático contextual que articule o mundo do trabalho com as tecnologias digitais de informação e comunicação na educação de jovens e adultos. Utilizou-se como base epistemológica a complexidade de Morin (2001) numa abordagem qualitativa, tendo como método a pesquisa exploratória e aplicada. O *locus* da investigação são escolas públicas que ofertam a EJA no município de Cruz das Almas, Bahia. Tendo como técnica de pesquisa a aplicação do grupo de discussão baseado no grupo focal entre os professores voluntários e questionário de perfil entre os professores e estudantes para compreender a realidade dos sujeitos. Os processos metodológicos utilizados contribuíram para a idealização e construção de um desenho didático contextualizado (DDC) apresentado como uma alternativa atemporal, para ser aplicado nas turmas desta modalidade de ensino, a fim de que cada sujeito trabalhador/empreendedor da EJA utilize as TDIC no seu mundo do trabalho formal ou informal, com base na realidade vivenciada em meio a precarização das tecnologias digitais. No decorrer da pesquisa o empreendedorismo social surge como um caminho para a valorização dos saberes individuais dos sujeitos, tornando-os mais preparados para o mundo do trabalho. A partir da conexão entre a abordagem teórica sobre as temáticas retratada a partir dos principais autores como Mészáros (2006), Morin (2011), Freire (1980), Arroyo (2005) e Kenski (2012) presentes na pesquisa na exposição dos pensamentos, em comparação com o que é abordado e vivenciado no grupo de discussão e pela aplicação do questionário que o Desenho Didático Contextualizado - DDC foi projetado e embasado com as características de ser: atemporal que perpassa as transições e não se torna obsoleto com o passar dos anos; acessível sendo de simples compreensão; alcançável estando ao alcance de todos; atrativo sendo capaz de atrair a atenção dos sujeitos participantes; objetivo em ser direto ao ponto no que se pretende e como pretende; concreto saindo do campo da teoria e explorando o real e simplificado pensado para tornar mais simples os conteúdos mais complexos. Essas características se mostraram relevantes ao decorrer da pesquisa e na estruturação do modelo *canva*, formato o qual é idealizado o DDC para tornar a experiência mais dinâmica, explorando a criatividade. Diante do contexto vivenciado a pesquisa foi concluída e reflete os resultados obtidos por completo. Podendo alcançar novos avanços em pesquisas futuras que em novos contextos não pandêmicos possam ampliar seus resultados.

PALAVRAS-CHAVE: Mundo do Trabalho. Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. Educação de Jovens e Adultos. Desenho didático contextualizado. Empreendedorismo social

ABSTRACT

The dialogue between the world of work and digital technologies in the context of Youth and Adult Education (EJA) is defined as a plot to defend the themes of the world of work, Digital Information and Communication Technologies (TDIC) in the reality of EJA. The mobilizing problem of this work is: how can a contextualized educational design contribute to the dialogue between the world of work and DICT in EJA? The main objective of the research is to understand how the world of work and the digital technologies present in the context of EJA can dialogue through a contextualized educational design. Followed by the specific objectives defined in analyzing the theoretical, political and educational foundations of the world of work in the context of youth and adult education; analyze the political, social and pedagogical bases of digital information and communication technologies in EJA; map and discuss didactic drawings of dialogic articulation between the theme of work and the use of digital information and communication technologies in EJA; and propose a contextual didactic design that articulates the world of work with digital information and communication technologies in youth and adult education. The complexity of Morin (2001) was used as an epistemological basis in a qualitative approach, using exploratory and applied research as a method. The locus of investigation are public schools that offer EJA in the municipality of Cruz das Almas, Bahia. Having as a research technique the application of the discussion group based on the focus group among volunteer teachers and a profile questionnaire among teachers and students to understand the reality of the subjects. The methodological processes used contributed to the idealization and construction of a contextualized didactic design (DDC) presented as a timeless alternative, to be applied in the classes of this teaching modality, so that each individual worker/entrepreneur of EJA uses the TDIC in his world of formal or informal work, based on the reality experienced amid the precariousness of digital technologies. During the research, social entrepreneurship emerges as a way to enhance the individual knowledge of the subjects, making them more prepared for the world of work. From the connection between the theoretical approach on the themes portrayed from the main authors such as Mészáros (2006), Morin (2011), Freire (1980), Arroyo (2005) and Kenski (2012) present in the research in the exhibition of thoughts, in comparison with what is approached and experienced in the discussion group and through the application of the questionnaire that the Contextualized Didactic Design - DDC was designed and based on the characteristics of being: timeless that permeates transitions and does not become obsolete over the years ; accessible by being simple to understand; achievable by being within everyone's reach; attractive being able to attract the attention of the participating subjects; objective in being straight to the point in what is intended and how it is intended; concrete leaving the field of theory and exploring the real and simplified thought to make the most complex contents simpler. These characteristics proved to be relevant during the course of the research and in the structuring of the canva model, the format in which the DDC is designed to make the experience more dynamic, exploring creativity. Given the context experienced, the research was completed and reflects the results obtained in full. Being able to achieve new advances in future research that in new non-pandemic contexts can expand their results.

KEYWORDS: World of Work. Digital Information and Communication Technologies. Youth and Adult Education. Contextualized didactic design. Social entrepreneurship.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- BNCC – Base Nacional Comum Curricular
- CEA – Criação da Campanha de Educação de Adultos
- CEAA – Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos
- CEC – Centro Educacional Cruzalense
- CENDEC – Centro de Convivência Esportiva Educacional
- CLT – Consolidação das Leis do Trabalho
- DCH – Design Centrado no Humano
- DDC - Desenho Didático Contextualizado
- EJA - Educação de Jovens e Adultos
- FNEP – Fundo Nacional de Ensino Primário
- FUNDEB – Fundo Nacional de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais de Educação
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IDH – Índice de Desenvolvimento Humano do Município
- INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.
- LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- MCP – Movimento de Cultura Popular
- MEB – Movimento de Educação de Base
- MEI – Microempreendedor(a) Individual
- MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização
- PNAC – Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania
- PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios continuada
- PNE – Plano Nacional de Educação
- PROEJA - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional
- SECADI – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
- TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- TDIC - Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Fundamentos Metodológicos da Pesquisa.....	25
Quadro 2: Percursos Metodológicos.....	29
Quadro 3: Panorama Histórico da Educação desde 1549 no Brasil em destaque a EJA.....	33
Quadro 4: Matriz de Design Instrucional.....	72
Quadro 5 – Produto Piloto – Fase 1.....	106
Quadro 6- Produto Piloto – Fase 2.....	107
Quadro 7 – Produto Piloto – Fase 3.....	108
Quadro 8 – Produto Piloto – Fase 4.....	109
Quadro 9 – Desenho Didático Contextualizado - DDC.....	111

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil dos estudantes da EJA em Cruz das Almas – BA.....	78
Tabela 2 – Renda dos Estudantes da EJA em Cruz das Almas – BA.....	78
Tabela 3 – Atuação profissional dos estudantes da EJA em Cruz das Almas – BA.....	79
Tabela 4 -Atividade de trabalho desempenhada pelos estudantes da EJA em Cruz das Almas – BA.....	80
Tabela 5 - Planejamento/projeto de vida dos estudantes da EJA em Cruz das Almas – BA.....	82

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1 – Interesse em mudar a atividade profissional.....	81
Gráfico 2 – Aparelhos digitais que os estudantes da EJA de Cruz das Almas-Ba possuem.....	83
Gráfico 3 – Atividade de trabalho demandam o uso de tecnologias digitais?.....	84
Gráfico 4 – Aprendizagem através das tecnologias digitais para o mundo do trabalho.....	85

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. METODOLOGIA.....	22
2.1 FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS.....	22
2.2 PERCURSOS METODOLÓGICOS.....	27
2.2.1 Trajetória de Aplicação da Pesquisa.....	30
3. O MUNDO DO TRABALHO E SUAS RELAÇÕES COM A EJA.....	32
3.1. CONTEXTO HISTÓRICO DO BRASIL: EDUCAÇÃO E MUNDO DO TRABALHO...32	
3.2 A EDUCAÇÃO NO CENÁRIO DO MUNDO DO TRABALHO.....	37
3.2.1 A EJA no Mundo do Trabalho Compreendendo Trabalhador/Empreendedor.....	42
4. AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO COM OS SUJEITOS DA EJA.....	49
4.1 TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO APLICADAS À EJA.....	50
4.2 CAMINHOS PARA A INCLUSÃO DIGITAL.....	53
4.2.1 O Digital para os Sujeitos Trabalhadores/ Empreendedores na EJA.....	57
5 O DIÁLOGO ENTRE O MUNDO DO TRABALHO E O USO DE TDIC NO DESENHO DIDÁTICO PEDAGÓGICO.....	61
5.1 DIDÁTICA NA EJA PARA E SOBRE O MUNDO DO TRABALHO.....	62
5.2 DESENHO EDUCACIONAL COM O USO DAS TDIC.....	67
5.3 DESENHO DIDÁTICO PEDAGÓGICO COM USO DAS TDIC PARA EMPREENDER.....	71
6 DESENHO DIDÁTICO NA EJA E SUA RELAÇÃO COM O MUNDO DO TRABALHO E O USO DAS TDIC.....	74
6.1 PERFIL E PERCEPÇÕES DOS SUJEITOS DA EJA TRABALHADOR/EMPREENDEDOR PESQUISADOS.....	76
6.2 DESENHO DIDÁTICO NA PERCEPÇÃO DO GRUPO DOCENTE.....	88
6.3 PRODUTO PILOTO - DESENHO DIDÁTICO CONTEXTUALIZADO (DDC).....	103
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
REFERÊNCIAS.....	117

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DE PERFIL - ESTUDANTES DA EJA.....	125
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES DA EJA.....	127
APÊNDICE C - ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA O GRUPO DE DISCUSSÃO.....	129
APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	130
APÊNDICE E - TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DE COPARTICIPANTE.....	134
APÊNDICE F - MODELO CARTA CONVITE PARA PARTICIPAR DO GRUPO DE DISCUSSÃO.....	135
APÊNDICE G – DESENHO DIDÁTICO CONTEXTUALIZADO – DDC.....	136
APÊNDICE H – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA.....	137
APÊNDICE I – SLIDES DO SEGUNDO ENCONTRO DO GRUPO DE DISCUSSÃO.....	142

1. INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que alcança jovens e adultos que tiveram rompimento de seus estudos, seja na infância ou adolescência e por algum motivo não conseguiram concluir a educação básica obrigatória durante os anos iniciais. A busca por estabelecer o direito à educação para todos é um caminho longo entre estruturas políticas e retrocessos, mesmo em meio aos avanços tecnológicos, deixando assim, uma parcela da sociedade fragilizada, limitada com dificuldades de empregabilidade em pleno século XXI.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2019) mais da metade dos brasileiros com 25 anos ou mais, não completam o ensino médio no período regular, o que leva boa parte das pessoas a não retomarem os estudos. Apenas uma parcela ingressa na EJA, assim, a taxa de analfabetismo, entre as pessoas a partir de 15 anos ou mais, que corresponde a 11 milhões de jovens e adultos, aflige a educação no nosso país. Mais da metade dessas pessoas moram na região Nordeste.

No Brasil, os dados sobre a EJA, segundo o IBGE (2019), apresentam um alarmante cenário ao sistema educacional em relação ao abandono de adolescentes do ensino regular, e apenas uma pequena parcela retoma na modalidade de ensino da EJA. Em muitos casos o abandono do ensino se dá pela limitação de recursos, que viabilizem a permanência no ambiente escolar, e acabam abandonando a escola pelo trabalho, pela alternativa para obtenção de renda para subsidiar as necessidades básicas.

Com isso, percebemos um ciclo no qual o sistema precário leva o adolescente de 15 anos aproximadamente, a abandonar os estudos por não ter recursos para as necessidades básicas, e é direcionado para o trabalho. Assim, após o abandono entre 5 a 10 anos depois, esse mesmo adolescente ou jovem/adulto, retornam à escola na tentativa de se preparar para o mundo do trabalho, na busca por melhores condições de vida, as quais poderiam ser garantidas no ensino regular.

Os principais motivos entre os jovens de 14 a 29 anos, abandonar a escola, segundo Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD continuada de 2019, realizada pela entidade IBGE (2020) entre homens e mulheres está ligado em primeiro lugar com 39,1% a necessidade de trabalho, em segundo com 29,2 % não tinham interesse em estudar; seguido de 9,9% por motivo de gravidez, 9,6% outros motivos não especificados, 5,2% por motivo de realizar afazeres domésticos ou cuidar de pessoas e 3,7% problemas de saúde de parentes.

Entre os homens o principal motivo está em precisar trabalhar com 50%, seguido de não ter interesse em estudar 33%, já para as mulheres o principal motivo está em não ter interesse com estudar com 24,1%, seguido pelo afastamento por conta de gravidez e precisar trabalhar ambos correspondendo a 23,8%, e os afazeres domésticos aparece como um dos motivos para abandono, ou nunca terem frequentado a sala de aula com 11,5% enquanto esse mesmo motivo foi indicado apenas por 0,7% para os homens.

Dessa forma, com base nas informações da pesquisa da PNAD de 2019, se destacam como razões prioritárias de abandono da escola, a necessidade de trabalhar, a falta de interesse e a gravidez já voltado para as mulheres, atrelado ao retorno na EJA, os sujeitos vivenciam situações associadas como: a conciliação do trabalho e os estudos, o desinteresse associado ao cansaço e falta de tempo.

Esta pesquisa surge com a motivação de entender o atual cenário da EJA, e a percepção do mundo do trabalho e das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDIC, nos desenhos pedagógicos para esta modalidade.

Qualquer que seja o nome dado à sociedade atual: “sociedade do conhecimento” (DRUCKER, 1994), “sociedade da informação” (SHAFF, 1995), “cibercultura” (LÉVY, 2010), “era digital” (SANTAELLA, 2001), “sociedade em rede” (CASTELLS, 2003), é importante destacar o atual momento vivenciado pela humanidade, quando em dezembro de 2019, alastra-se por todo o mundo o vírus SARsCOV2, chamado de coronavírus, causador de uma doença mortal conhecida por COVID-19. Esta doença se tornou uma pandemia mundial, atingindo milhares de vidas e forçando a mudar hábitos, seguir novos protocolos de cuidados e distanciamento social, com o intuito de minimizar os impactos, enquanto não tinha uma imunização de toda a população (FIOCRUZ, 2020).

Em março de 2020, o Brasil parou por conta da pandemia. e a população passou a conviver com um vírus invisível aos olhos humanos, e que mudou completamente a liberdade de ir e vir, para um estado de quarentena. Essa delimitação de espaço, de forma obrigatória, alterou completamente a rotina e as necessidades humanas, potencializado assim a dependência pelas tecnologias, visto a necessidade de estabelecer comunicações.

Morin (2020) aponta a pandemia do coronavírus como um dos desafios da complexidade, destacando as incertezas em um cenário de instabilidade, em que não se sabia ao certo o que esperar ao passar dos dias, além de manter em distanciamento social, sendo assim “um desafio para a complexidade: como confrontar, selecionar, organizar os conhecimentos de forma adequada, ao mesmo tempo religando-os e integrando as incertezas” (MORIN, 2020, p. 6).

As atividades de trabalho passaram a migrar para o digital, os empreendimentos e empreendedores que já percebiam a importância de migrar para o digital, com a pandemia tiveram que se adaptar por necessidade, já que os espaços físicos precisaram ser fechados, e a única alternativa de manter uma renda é se reinventando. O uso do celular e das redes sociais, por exemplo, se mostraram essenciais para a comunicação e interação.

Na educação não foi diferente, assim como os empreendimentos, as escolas precisaram repensar a metodologia de ensino, e recorrer aos recursos tecnológicos de comunicação para alcançar os estudantes. Na EJA essa realidade foi afetada principalmente pela desigualdade e pelas perdas de direitos dos sujeitos, com base na pesquisa do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) (2019) que aponta uma diminuição considerável no número de matrículas na EJA, uma queda de 7,7%, ocorrendo de forma similar no ensino fundamental em 8,1% e no ensino médio a queda de 7,1%, resultados divulgados em 31 de janeiro de 2020.

Dessa forma, com base nas compreensões de Santos (2020), sobre um olhar mais detalhado em relação às evidências da pandemia e seus impactos, tomando como referência a educação, questiona-se sobre o regresso à normalidade: “Quando se recuperarão os atrasos na educação e nas carreiras?” (SANTOS, 2020, p. 29).

Pensar em recuperar os atrasos no futuro é pensar a longo prazo, mas enquanto isso, é preciso ações presentes, principalmente quando trata-se da EJA, que estão em uma posição de limitação. Os sujeitos que fazem parte do contexto da EJA passaram por barreiras na juventude e o trabalho tem sido considerado como o limitador. Dessa forma, para melhor compreender sobre este espaço é necessário identificar qual a relação do mundo do trabalho e a tecnologia que se faz presente na vida dos sujeitos da EJA, e como estes dialogam nas propostas pedagógicas da modalidade.

No âmbito das pesquisas já realizadas, se tem uma vasta produção sobre essas temáticas de forma separada, como por exemplo: o estudo sobre o mundo do trabalho e a EJA, de Sá (2019), e sobre as tecnologias digitais na EJA no estudo de Carvalho (2019), nessa perspectiva, a presente pesquisa se propõe a triangular o mundo do trabalho, TDIC e a EJA.

Os estudos citados inspiraram a presente pesquisa, A dissertação de Carvalho (2019) ao abordar a pedagogia dos multiletramentos nos processos educativos de jovens e adultos escolarizados, o que resultou na compreensão da cultura digital, em que os estudantes estão inseridos e a necessidade dos professores de se qualificarem, para enfrentar a realidade das TDIC presente no cotidiano dos sujeitos.

Na dissertação de Sá (2019) é abordada a temática do mundo do trabalho, em sua pesquisa sobre a inserção dos estudantes do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional (PROEJA) e o trabalho, por meio do Programa Primeiro Emprego criado pelo Governo Estadual. O autor aponta o conceito de trabalho como princípio educativo, objetivando a inserção no mundo do trabalho, a fim de oportunizar aos sujeitos uma ampliação dos seus conhecimentos e experiências em sociedade, no intuito de trilhar novos caminhos com relação ao mundo do trabalho. Tornando o espaço de ensino da EJA um espaço de formação a partir dos pressupostos emancipatórios e possibilitando aos sujeitos trabalhadores compreender o trabalho como princípio educativo.

Somam-se à estas pesquisas, a experiência desta pesquisadora em trabalhos na área da educação colaborativa, gestão do conhecimento e educação digital na atuação profissional com infoprodutos como: cursos, materiais didáticos digitais, *webinars* e *workshop*, os quais alcançam como público principal jovens e adultos.

A pesquisa aqui apresentada tem como intuito corroborar com o estudo sobre o mundo do trabalho e as tecnologias digitais de informação e comunicação no contexto da EJA, destacando o diálogo entre as temáticas, que estão presentes na vida do sujeito, na realidade do professor e como elas se propagam no ambiente escolar, como método pedagógico de ensino.

Assim, o problema mobilizador desta pesquisa é: como um design educacional contextualizado pode contribuir para o diálogo entre o mundo do trabalho e as TDIC na EJA?

Na busca por mais esclarecimentos e aprofundamento teórico, a partir das temáticas: mundo do trabalho e tecnologias digitais de informação e comunicação, no âmbito da EJA, surgem as questões associadas tais como: no contexto educacional da EJA, qual é o lugar ocupado pelo mundo do trabalho e pelas TDIC? Como se revelam as categorias trabalho e tecnologias digitais de informação e comunicação no perfil dos sujeitos da EJA? Qual é o desenho didático que pode fazer com que os sujeitos da EJA usem as TDIC no seu mundo do trabalho formal ou informal?

As questões associadas surgem como canal mediador na busca sobre as possibilidades de construção de um desenho didático contextualizado, ou seja, que considere a realidade em que o sujeito vive e compartilha os conhecimentos obtidos no espaço escolar e vice-versa, tornando a aprendizagem mais significativa e emancipatória ao longo da vida.

A pesquisa tem como objetivo principal, compreender como o mundo do trabalho e as tecnologias digitais presentes no contexto da EJA podem dialogar por meio de um design educacional contextualizado. Arelado a este objetivo se destacam quatro objetivos específicos que são:

- Analisar os fundamentos teóricos, políticos e educacionais do mundo do trabalho no contexto da educação de jovens e adultos;
- Analisar as bases político-sociais e pedagógicas das tecnologias digitais de informação e comunicação na EJA;
- Mapear e discutir desenhos didáticos de articulação dialógica entre a temática do trabalho e o uso de tecnologias digitais de informação e comunicação na EJA;
- Propor um desenho didático contextualizado que articule o mundo do trabalho com as tecnologias digitais de informação e comunicação na educação de jovens e adultos.

Os objetivos específicos destacados contribuirão para a divisão dos capítulos que sequenciam esta dissertação com o objetivo de aprofundar cada temática, explorando a literatura, possibilitando a compreensão, atuação e aplicabilidade, propondo a entrega de um modelo de desenho didático contextual, baseada no estudo e pesquisa realizada.

A proposta de pesquisa tem como produto um Desenho Didático Contextualizado (DDC) pensado mediante a realidade dos sujeitos trabalhadores/empreendedores, que os faça refletir, produzir e agir sobre seu cotidiano. Um desenho didático que poderá ser adaptável à realidade presenciada pelo professor na EJA de forma atemporal, acompanhando as mudanças tanto no mundo do trabalho quanto em relação às tecnologias digitais.

No decorrer dos capítulos desta dissertação serão abordados estudos científicos sobre a EJA, partindo da compreensão de autores como: Arroyo (2005) que defende a EJA como uma educação integral de direitos do sujeito; Freire (2003) a autonomia dos sujeitos e seus saberes; Haddad e Di Pierro (2000) explora a escolarização de jovens e adultos, em seu contexto histórico.

A temática do mundo do trabalho e discutido a partir de Mészáros (2006) ressaltando a educação para além do capital e suas transições sobre o mundo do trabalho; Marx (2000) sobre a percepção da ação do homem no mundo; Smith (1996) observa as mudanças e as divisões do trabalho.

O diálogo é destacado a partir da percepção inicial de Freire (1980) em relação ao ponto de partida, mas que também é um ponto de chegada em complementação os pensamentos de Morin (1990, 2011) que aborda uma consciência crítica e de autoformação. Fundamentado assim na compreensão e adaptabilidade à realidade desses sujeitos enquanto formador de opinião na sociedade, por isso, a EJA se denomina como Educação de Jovens e Adultos, o que difere do termo ensino. O ensino é limitante de suas características e métodos, a educação desperta o pensar, como compreender e como questionar sobre as coisas, sem ter um método engessado, mas uma aprendizagem livre.

Essa compreensão reforça a importância e a necessidade de pesquisas sobre o campo da EJA, com o propósito de propagação e contribuição para movimentar ações coletivas, a favor de pequenas mudanças, para alcançar grandes transformações.

As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) é um caminho em potencial a ser explorado, com contribuições significantes e de destaque, em relação a conectividade e seus recursos em prol da comunicação, informação e expansão em inovação. Está temática é abordada a partir de Kenski (2012) em relação ao papel das tecnologias na educação; Lévy (2010) sobre a percepção dos espaços digitais e suas interações; Castells (2003) o papel da internet na comunicação e as relações sociais em rede.

A busca pela educação digital é necessária na formação profissional, e na valorização do seu trabalho, que distancia da realidade da EJA no modelo de ensino, mas se aproxima da temática: mundo do trabalho, um dos motivos que leva os sujeitos para a EJA, sendo as tecnologias digitais de informação e comunicação participando de forma direta ou indireta nas dimensões e campos de atuação, levando em consideração que a EJA é continuada, não apenas limitada a estrutura de ensino proposta, e sim, na formação de sujeitos críticos, que aprendam e compartilhem conhecimentos ao longo da vida.

Dessa forma, a pesquisa destaca parte das experiências obtidas a partir da realidade no campo de atuação profissional, em que os relatos se dão, pela busca de uma educação digital e novas oportunidades no mundo do trabalho, melhores oportunidades no mercado, para obter uma renda extra e até mesmo despertar o empreendedorismo, aqui abordado pelos autores: Oliveira (2004) retratando o impacto local; Bastos e Ribeiro (2011) e Costa (2019) em seus estudos destacam o empreendedorismo social no contexto dos jovens e adultos.

Uma realidade que acelerou devido à pandemia em que o índice de desemprego aumentou, e a necessidade de estar conectado com as tecnologias digitais de informação e comunicação se tornou uma necessidade, pois a informação chega em tempo real. Essa realidade se tornou concreta pela busca de jovens e adultos por cursos digitais na busca de adquirir habilidade/atividade para geração de renda, a partir dos recursos digitais.

A pesquisa e o produto gerado a partir de então, busca essa relação de colaborar com a formação dos sujeitos da EJA, a partir de um desenho didático no qual os professores da EJA, podem aplicar o mesmo de diferentes formas, agregando no espaço da aula de forma didática o trabalho e as tecnologias digitais de informação e comunicação, a fim de contribuir com os sujeitos, na valorização e formação para o trabalho, munindo os sujeitos de conhecimentos aplicáveis no ambiente em que está inserido.

Para concretização da produção do desenho didático contextualizado (DDC), foi preciso buscar referências presentes no mercado, a fim de tomar como ponto de partida modelos já aplicados, e buscar analisar com base na realidade vivenciada pela pesquisa em campo, entre os sujeitos da EJA do município de Cruz das Almas- BA. Tendo como referências o estudo de Romiszowski e Romiszowski (2005) que abordam desenho didáticos, aplicados na educação, mediado a partir das tecnologias; Filatro (2008) sobre a perspectiva de planejamento e desenvolvimento envolvendo ensino e aprendizagem; e Moran (2015) sobre metodologias ativas e ensino híbrido.

O DDC foi elaborado cuidadosamente pensado nos sujeitos da EJA matriculados nas escolas do município de Cruz das Almas-BA, mas sua aplicabilidade é replicável em diferentes âmbitos, com o intuito de agregar tecnologias digitais e mundo do trabalho voltados para o ensino e a aprendizagem. Munindo assim os sujeitos da EJA de conhecimento capaz de romper barreiras sociais, econômicas e política. Elevando assim a capacidade empreendedora dos estudantes em prol de um impacto social no meio em que está inserido.

A pesquisa apresenta uma conexão em rede, interligando, mundo do trabalho, as TDIC, inovação, empreendedorismo social ao redor dos sujeitos da EJA e sua realidade em prol de uma contribuição para a sociedade em que os jovens e adultos estão inseridos, gerando um impacto até mesmo em outros sujeitos como um exemplo de inspiração.

2. METODOLOGIA

Este capítulo, apresenta o arcabouço teórico metodológico, abordado no processo de construção da pesquisa e realização da concretização do produto apresentado. Sendo contemplado em dois momentos. O primeiro é uma abordagem sobre os fundamentos metodológicos, que detalham como foi estruturada a pesquisa, que se configura a partir da base epistemológica da complexidade, de natureza aplicada, com o objetivo da pesquisa exploratória, com uma abordagem qualitativa, tendo como procedimento a revisão bibliográfica. Além disso, foi utilizado como técnica de obtenção dos dados o grupo de discussão, baseado no grupo focal entre os professores da EJA e o questionário de perfil aplicado aos estudantes e professores para uma melhor compreensão do público estudado, em que o *lócus* da pesquisa são as escolas do município de Cruz das Almas-BA que atuam com EJA e os sujeitos participantes são professores e estudantes da EJA.

No segundo momento são abordados os percursos metodológicos com o relato dos caminhos trilhados durante a pesquisa, desde o planejamento, desenvolvimento, resultados decorridos da aplicação e conclusão do projeto definido. Abordando também, sobre o produto proposto por esta dissertação, que é o desenho didático contextualizado – DDC.

2.1 FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa em educação, no século XXI, está marcada pela complexidade de um mundo globalizado, uma sociedade conectada e um planeta em avançado processo de degradação ambiental. Segundo Morin (2001) as interações entre os indivíduos os tornam coprodutores um do outro. Nessas condições, é preciso pensar a formação dos sujeitos da EJA para uma maior participação enquanto indivíduos na sociedade, com uma nova consciência ética, solidária e planetária. Nesse sentido:

A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência, que com frequência a instrução extingue e que, ao contrário se trata de estimular ou, caso esteja adormecida, de despertar. (MORIN, 2001, p. 39).

Neste trabalho, usamos como base epistemológica o olhar da complexidade de Morin (2001) sobre o fenômeno estudado. Parte-se do pressuposto de que todo o conhecimento deve

ser contextualizado para ser pertinente, ainda que se tenha que lidar com as incertezas históricas e as cegueiras geradas pelo próprio conhecimento.

Para o desenvolvimento desta dissertação, as escolhas e os caminhos metodológicos descritos nesta seção, foram definidos com base principalmente na acessibilidade de dados e informações, tendo em vista o atual momento de limitação na realização de pesquisas de cunho presencial, devido à pandemia da COVID-19, dessa forma, cada etapa foi definida cuidadosamente para melhor expressar sobre o conteúdo abordado.

Assim, a metodologia considerada mais adequada é um híbrido de pesquisa social exploratória e pesquisa aplicada. Dando início pela natureza da pesquisa que se constitui como aplicada, segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 51) em que “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos” que “envolve verdades e interesses locais”.

Tendo como objetivo da pesquisa exploratória entendido por Gil (2002, p. 41) surge para “o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”, considerada uma pesquisa flexível que permite familiaridade com o problema estudado e torná-lo mais explícito. Na compreensão de Prodanov e Freitas (2013) a pesquisa exploratória deve ser aplicada:

quando a pesquisa se encontra na fase preliminar, tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto. Assume, em geral, as formas de pesquisas bibliográficas e estudos de caso. A pesquisa exploratória possui planejamento flexível, o que permite o estudo do tema sob diversos ângulos e aspectos (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 52).

Nesse sentido, a pesquisa exploratória possibilita compreender a temática desta dissertação, por meio de ângulos e aspectos que envolvem o ambiente de aprendizagem e as relações sociais do sujeito, explorando as vertentes que contemplam as temáticas, com base na literatura, pesquisas e relatos a partir da etapa de aplicação da pesquisa.

O processo metodológico está pautado na abordagem qualitativa, levando em consideração um estudo mais aprofundado das questões que envolvem a pesquisa. “As técnicas mais utilizadas em pesquisas qualitativas, destacam-se as entrevistas não direcionadas e semiestruturadas, as técnicas projetivas e os grupos focais” (DIAS, 2000, p.2).

Para Flick (2008, p. 20) “a pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais, devido à pluralização das esferas da vida”. O que motiva a uma pesquisa sobre as diferentes faces apresentadas no ambiente estudado, por meio das vivências dos sujeitos. Dessa forma, Dias (2000) e Flick (2008), definem que a perspectiva qualitativa corresponde à

composição da pesquisa, com a intenção de gerar informações relevantes para a comunidade científica e nas relações sociais, baseada em uma investigação abrangente, com base nas experiências relatadas e os relatos obtidos.

Partindo dessa compreensão e dos objetivos da pesquisa, as técnicas de revisão bibliográfica contemplam a presente pesquisa, ao levantar na literatura referencial sobre o mundo do trabalho, as tecnologias digitais e a EJA. Partindo dessa pesquisa inicial é possível compreender em que momento as temáticas pesquisadas se encontram e possibilitam a discussão de compreender o presente e gerar questionamentos futuros.

As técnicas de revisão bibliográfica extraídas do modelo de pesquisa bibliográfico são definidas por Gil (2002) como fonte de informações que consiste no estudo de materiais já publicados e disponíveis como: livros, artigos, periódicos e arquivos impressos que tratam do problema ou tema em estudo, com o intuito de abordar as diferentes perspectivas das temáticas e até mesmo correlacionar às informações. Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica, trata-se de materiais de estudo de caráter científico como forma de validar um estudo que perpassa para a contribuição de novas pesquisas.

Segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 44) a pesquisa bibliográfica se compreende em “oito fases distintas sendo elas: a) escolha do tema; b) elaboração do plano de trabalho; c) identificação; d) localização; e) compilação; f) fichamento; g) análise e interpretação; h) redação”. Dessas oito fases da pesquisa bibliográfica, para esta pesquisa utilizaremos seis fases: identificação; localização; compilação; fichamento; análise e interpretação.

Na revisão bibliográfica foram consultadas fontes científicas dos últimos três anos, documentos de referência no campo do problema em estudo, com o intuito de apresentar e compreender sobre as perspectivas dos autores e teóricos a respeito da temática, e sua aplicabilidade no atual cenário aqui apresentado que condiz com a abordagem de Lakatos e Marconi em dizer que:

sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer, gravadas (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 183).

Dessa forma, se compreende os principais processos de entendimento e compreensão metodológica sobre o tema estudado, gerando subsídios para a etapa de aplicação e análise de dados, que se trata do método qualitativo em que busca descrever e compreender por meio dos relatos e relações sociais abordadas na pesquisa. Com base nessa estrutura, apresentamos no quadro 1 os caminhos metodológicos definidos e percorridos durante a pesquisa.

Quadro 1: Fundamentos Metodológicos da Pesquisa

Estrutura Metodológica	Caminhos da Metodologia
Base Epistemológica	Complexidade
Natureza	Aplicada
Objetivo da Pesquisa	Exploratória
Abordagem	Qualitativa
Procedimento	Revisão Bibliográfica
Técnicas	Grupo Focal e Questionário

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Com base no quadro 01, as técnicas empregadas para coleta de dados e planejamento e estruturação do produto final, se configura por meio do grupo focal como alternativa por meio da acessibilidade no atual cenário social, com o intuito de concentrar os esforços nas interações sociais, que são possibilitadas por esse meio de pesquisa, diferente da entrevista, que tem cunho individual e roteirizada, o grupo focal possibilita a flexibilidade das relações, seguindo um roteiro, que abre margem para atingir as realidades existentes no grupo estudado.

Segundo Dias (2000) o grupo focal surgiu há mais de 40 anos, inicialmente é um meio de pesquisa, que se popularizou nas pesquisas de *marketing* e na área das Ciências Sociais, que é uma técnica facilmente adaptável em outros campos de estudo que atuam com a abordagem exploratória.

O grupo focal ou entrevista de grupo focal consiste na seleção de pessoas em grupos pequenos, com características proporcionais e que possam contemplar o intuito da pesquisa, geralmente os grupos são compostos entre 06 a 10 pessoas com o intuito de determinar as relações dos integrantes da pesquisa com base na experiência vivenciada (DIAS, 2002).

Gatti (2005) aborda o grupo focal como uma técnica utilizada em pesquisas sociais, tendo flexibilidade em sua estrutura e possibilita de forma coerente entender a partir do diálogo e discussões no grupo pesquisado, compreender conceitos, sentimentos, as relações sociais, a experiência dos pesquisados e os fatores do ambiente onde estão inseridos, podendo obter diferentes versões sobre uma mesma questão abordada.

Esta técnica de pesquisa permite aos integrantes do grupo a liberdade de expressar de forma crítica sobre as questões apresentadas, conduzindo o grupo conforme a realidade inserida.

Assim, a pesquisa tem como foco expressar a realidade em que o grupo está inserido. Em relação ao termo grupo focal, ser abordado como “entrevista de grupo focal”, “discussões de grupo focal”, “interações de grupo focal” são abordadas como sinônimos para definir a técnica de pesquisa utilizada com o intuito de compreender sobre o mundo do trabalho, a influência e o espaço da tecnologia com relação à realidade dos sujeitos da EJA.

Nesse sentido, Gomes (2005) aborda que o grupo focal como método de investigação na área da educação, auxilia na compreensão e percepção das reações dos indivíduos que participam do grupo, como meio de entender o ambiente educacional em que o grupo está inserido, podendo captar informações sobre os sujeitos ao se expressar, sem sofrer influências externas que possam influenciar nas relações sociais e nas falas.

Assim, para melhor relacionar com a adaptabilidade e acessibilidade, o termo grupo focal é a base para os encontros do grupo de discussão com os professores voluntários. O grupo de discussão se baseia no grupo focal o qual se encaixa no contexto apresentado para compreender sobre o tema. Assim, esta pesquisa compreende com uma abordagem exploratória, por meio de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e com uma análise de dados a partir do método de grupo focal.

A pesquisa tem como campo de abrangência territorial o município de Cruz das Almas-BA, uma cidade do interior do Recôncavo Baiano em que ao início da pesquisa em 2021, quando contada a coordenadora de EJA do município foi informado a presença de 12 unidades de ensino da EJA (05 na zona rural e 07 na zona urbana), mas em meio os retrocessos, no ano de 2022 ocorreu a redução de escolas com EJA para 9 unidades de ensino, nesse processo também ocorreu transição de gestão da coordenação de EJA.

Os sujeitos participantes da pesquisa são professores e estudantes da EJA do referido município. Foram contactadas todas as escolas atuantes com EJA, mas devido a disponibilidade e acessibilidade apenas quatro professoras se dispuseram voluntariamente a participarem do grupo de discussão, cada professora atua em uma unidade escolar diferente e uma das professoras atuam em duas escolas diferentes. O questionário de perfil aplicado entre os professores e os estudantes para compreender a realidade deles na EJA.

Os sujeitos pesquisados foram selecionados pelo critério de acessibilidade e disponibilidade, além do comprometimento e veracidade dos dados descritos, gerando um bom andamento da pesquisa. Em 2021, tendo em vista o cenário pandêmico o encontro do grupo focal, foram estruturados de forma *online* por meio do recurso de videoconferência pelo *Google Meet*, e para pesquisa de perfil a utilização de questionário *online* idealizado inicialmente para utilizar o *google forms*, mas com a melhora do cenário pandêmico, o avanço na vacinação e

redução de casos, foi possível o contato com os estudantes nas escolas para aplicação de forma impressa e para geração dos dados a utilização do *google forms*.

A vantagem do *Google Meet* é que permite conectar várias pessoas ao mesmo tempo em uma sala virtual, possibilitando o desenvolvimento do grupo focal com os professores e o pesquisador o qual será mediador do diálogo no grupo, buscando conduzir de forma aberta e flexível a comunicação. O *google forms* é uma ferramenta de elaboração de questionário seu compartilhamento entre várias pessoas ao mesmo tempo, que responde de forma individual, este recurso possibilita a coleta de informações imediata e geração dos dados como gráficos e planilhas para análise.

O grupo de discussão estabelecido com os professores, com o intuito de abordar as didáticas e contribuições para a elaboração do desenho didático proposto como produto final da pesquisa. O questionário de perfil entre os professores, foi aplicado de forma virtual utilizando o *google forms*, antes do primeiro encontro do grupo, como uma forma de conhecer a realidade vivenciada a fim de facilitar a mediação dos grupos de discussão. A aplicação do questionário entre os estudantes da EJA, de suma importância para a compreensão da realidade dos sujeitos, e sua relação com o mundo do trabalho e as tecnologias digitais de informação e comunicação.

A partir do desenrolar do grupo focal pesquisado e a aplicação do questionário de perfil, a presente dissertação, dará início ao planejamento e execução do produto final, o qual tem como estrutura inicial o desenho de um projeto que pode ser aplicado pelas escolas da EJA como atividade extracurricular ou até mesmo um projeto de disciplinas que se identifiquem.

O Desenho Didático Contextualizado – DDC, se delimita na elaboração de um modelo de desenho didático utilizando dos recursos tecnológicos, que permitem novos horizontes, ao adaptar à realidade dos professores, ambiente escolar, sendo atemporal pela sua flexibilidade de se relacionar ao mundo do trabalho e a tecnologia com base na realidade dos sujeitos da EJA, sendo pensado para quebrar a barreira de tempo, na possibilidade de ser aplicado em diferentes cenários sem se tornar obsoleto com o passar dos anos, trazendo o sujeito da EJA para explorar a criatividade.

2.2 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Os percursos metodológicos trilhados pela pesquisa, se iniciam na revisão da literatura sobre a compreensão das temáticas em destaque Mundo do Trabalho e Tecnologias Digitais na

EJA, a fim de entender o atual cenário e os relatos indicados pelos pesquisadores e teóricos que abordam sobre essas temáticas e sua correlação no contexto das pesquisas.

Seguido do levantamento e análise de desenho didático, bem como os conhecimentos adquiridos a partir da revisão da literatura, permitindo a elaboração inicial das perguntas norteadoras para o primeiro encontro com o grupo de discussão, a fim de discutir limites e possibilidades da inclusão da temática, mundo do trabalho, de forma contextual com auxílio das tecnologias/dispositivos digitais.

O grupo de discussão realizado com os professores da EJA, do município de Cruz das Almas, é definido a partir de um convite para professores nas unidades escolares que atuam com EJA, para se voluntariar a pesquisa com disponibilidade e acessibilidade. Assim, o intuito inicial de que um professor por escola de EJA, onde serão compartilhadas experiências a partir da realidade vivenciadas por eles.

A proposta da pesquisa é a realização de dois encontros com o grupo de discussão, o primeiro norteado a partir de questionamentos levantados e discussão sobre desenho didático a partir da perspectiva dos professores e suas vivências no ambiente escolar e suas relações com os sujeitos, o segundo encontro já pensando no direcionamento para a produção do desenho didático construído coletivamente, com os professores, na tentativa de validar o modelo proposto como produto final da pesquisa.

Além disso, a aplicação do questionário de perfil com os estudantes da EJA, para obtenção de dados complementares, se delimita a sua aplicação pelo critério de acessibilidade, tendo como expectativa de uma média de retornos de 05 respostas por turma. A pesquisa de aplicação de questionário, bem como o grupo focal, idealizado para sua realização 100% remota, através de formulário *online* de pesquisa (*google forms*) e videoconferência (*Google Meet*), precisou ser adaptada, por meio de uma pesquisa híbrida, encontros do grupo de discussão realizados por videoconferência, mas para a interação com os alunos da EJA, com o fim das restrições e a volta as aulas presenciais a aplicação do questionário foi aplicada presencialmente e utilizando o *google forms* em seguida para reunir todas as respostas e analisar os dados. Para melhor compreender os percursos metodológicos percorridos, segue no quadro 2 que apresenta as etapas e descrições das atividades a serem realizadas.

Quadro 2 – Percursos Metodológicos

ETAPAS	PROCEDIMENTOS REALIZADOS
1º Levantamento de informações	Revisão da literatura e levantamento de desenho didáticos nos planos de aulas
2ª Análise das informações	Análise dos desenhos didáticos e sobre as temáticas de pesquisa, para a elaboração das perguntas norteadoras do grupo focal
3º Instrumentos da pesquisa	Elaboração das perguntas norteadoras do grupo focal e formulário de pesquisa de perfil
4º Campo de Pesquisa	Contatar o município - secretaria de educação, turmas de EJA para convidar os professores e estudantes a participar da pesquisa.
5ª Realização da Pesquisa	2 Encontros do grupo de discussão com os professores (no início e no final após a produção do desenho didático); Aplicação do questionário de perfil com os estudantes e professores da EJA.
6º Produto	Elaboração do modelo de desenho didático (construção inicial, feedbacks, ajustes para a versão final)

Fonte: Elaborado pela autora.

Os caminhos trilhados ao longo da pesquisa referente aos percursos metodológicos, quadro 2, estão descritos de forma sucinta a fim de facilitar a compreensão e a replicação da estrutura em pesquisas futuras, sendo uma pesquisa desenvolvida ao longo de quase 02 anos divididas em 06 etapas desde o levantamento de informações até o produto final.

O desenho didático contextualizado, será o instrumento para abordar as temáticas do mundo do trabalho e TDIC na EJA, em prol de contribuir para a didática do ambiente escolar e munir os sujeitos para se preparem cada vez mais para o mundo do trabalho e as TDIC que o envolvem em sociedade, o tornando protagonista nas suas escolhas e na busca de experiências para um trabalho melhor, tomando parte das expertises dos recursos digitais básicos, bem como, o uso dos recursos do seu celular.

Os percursos metodológicos descritos podem ser moldados a partir da realidade de cada pesquisador, seguindo minuciosamente as etapas descritas no quadro 2. As etapas 1º e 2º são primordiais uma vez que se referem a estrutura metodológica teórica sobre o que já foi pesquisado e seus os resultados são essenciais para conduzir novas pesquisas e apresentar dados inovadores a comunidade científica e a sociedade

2.2.1 Trajetória de Aplicação da Pesquisa

Para a aplicação da pesquisa conforme descrição anterior, sua estrutura passou pela aprovação do comitê de ética, validando o percurso metodológico estabelecido. Em mediação a secretaria de educação do município de Cruz das Almas – BA foi informada sobre a pesquisa, a fim de obter o consentimento para realização bem como apresentado no Apêndice E - o termo de Autorização Institucional da Coparticipante e o Apêndice H– Parecer do Comitê de Ética.

O contato com as escolas da rede pública municipal atuantes com a EJA, de professores a estudantes se iniciou a partir do consentimento e aprovação, tendo início em Maio de 2022 com o contato inicial apresentando a pesquisa e convidando os professores para participar do primeiro grupo de discussão, que foi realizado em 03 de setembro de 2022 e o segundo encontro realizado em 22 de outubro de 2022 através do *google meet*, contou com a participação de quatro professoras da EJA que se voluntariaram a participar da pesquisa.

No primeiro encontro do grupo de discussão, foi apresentado para as professoras a aprovação do comitê de ética para realização da pesquisa, bem como o detalhamento das informações do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, contido no apêndice D, enquanto preservação da imagem, sigilo dos dados e informações compartilhadas.

Após a apresentação do termo, foi solicitado as professoras os seus dados para o envio do termo para assinatura eletrônica, firmando então o consentimento das professoras voluntárias. O Contraktor (contraktor.com.br) site especializado em assinaturas eletrônicas, foi utilizado como mediador para assinatura do TCLE. As gravações dos encontros do grupo de discussão não serão divulgadas pela pesquisa e em nenhum outro meio de comunicação.

Fica estabelecido a preservação dos dados coletados durante 5 anos, para fins de veracidade e revisitação caso necessário, após esse período serão deletados. Os dados ficam resguardados na nuvem pelo *google drive*, durante o período estabelecido, tendo como registros arquivados: as gravações do grupo de discussão, os TCLE assinados, os dados dos questionários de perfil bem como suas análises.

Após o primeiro grupo de discussão, deu-se a aplicação da pesquisa de perfil com os estudantes da EJA, inicialmente foi compartilhado o link do questionário para as professoras compartilhassem com o aluno em aula para obtenção das respostas, mas dessa forma não foi viável. Como alternativa a aplicação do questionário com os estudantes passou a ser aplicada de forma presencial, onde em alinhamento com as professoras foi acordado um período de aula para apresentar a proposta da pesquisa, abordar a presença das tecnologias digitais e o mundo do trabalho para aproximar os estudantes deste contexto em seguida foi aplicado o questionário.

A aplicação do questionário presencial, foi realizada de forma distinta das demais, para melhor compreensão e entendimento dos estudantes, o questionário partiu de uma leitura das orientações e das alternativas, explicando as alternativas e ficando atenta para as dúvidas dos estudantes, estas que eram sanadas individualmente no caso de ser algo mais individual, e no caso de uma dúvida coletiva era compartilhado o esclarecimento para todos.

Para complementação das informações, foi realizada uma entrevista com a coordenadora da EJA do município com base nas perguntas do primeiro grupo de discussão, para complementação das informações sobre uma perspectiva a partir da coordenação de EJA.

Com base, na revisão da literatura a partir dos capítulos subsequentes, as informações coletadas do primeiro grupo de discussão com as professoras voluntárias, a entrevista com a coordenadora e os dados coletados na pesquisa de perfil, foi realizada também uma análise de modelos de design institucional/desenho didático que serviram de inspiração para elaboração do projeto piloto do DDC - Desenho Didático Contextualizado, o qual foi apresentado no segundo encontro do grupo de discussão.

No segundo encontro de discussão, foi compartilhado com as professoras voluntárias a trajetória da pesquisa no processo aplicado para validar a veracidade das informações apresentadas do projeto piloto do DDC, o qual passou por ajustes e se encontra detalhado no capítulo 6 – Desenho didático na EJA e sua relação com o mundo do trabalho e o uso das TDIC.

3. O MUNDO DO TRABALHO E SUAS RELAÇÕES COM A EJA

Neste capítulo é abordado sobre o mundo do trabalho e as relações com a EJA, com o propósito de analisar os fundamentos teóricos, políticos e pedagógicos do trabalho no contexto da EJA, para atender a este objetivo é importante compreender as transições do mundo do trabalho, seus avanços e retrocessos ao longo da história visando uma compreensão de perspectivas.

Será discutido o papel da educação no cenário do mundo trabalho, em que ponto se estabelece uma relação, como distinguir essa relação no contexto atual baseado nas transições temporais e na diversidade social, ressaltando a importância da educação no processo de formação do sujeito. Partindo dessas compreensões o estudo deste capítulo se delimita entender sobre a relação da EJA com o mundo do trabalho, tendo como caminho norteador o currículo, plano pedagógico da EJA conforme intitula as políticas públicas, as práticas no ambiente de ensino, e, sobretudo entendendo a realidade dos sujeitos que vivenciam a EJA.

3.1 CONTEXTO HISTÓRICO DO BRASIL: EDUCAÇÃO E MUNDO DO TRABALHO

O mundo do trabalho está relacionado aos processos de desenvolvimento humano, suas interferências no meio ambiente, na sociedade, nas relações entre as pessoas, modificando espaços e estruturas sociais a partir de um contexto histórico e as influências culturais.

Entender o mundo do trabalho a partir das origens históricas é compreender a sobrevivência humana, onde os humanos vivem apenas para a sua subsistência, os primeiros brasileiros, os índios, tinham uma concepção de trabalho para sua sobrevivência e viviam em equilíbrio com o meio ambiente, eles cultivavam saberes da natureza ainda que de forma empírica, estruturando uma comunicação, com divisão de atividades e tarefas a serem cumpridas e assim, estabeleceram uma comunidade colaborativa com suas políticas e regras. Estabelecendo assim, uma economia de consumo próprio, em que as aldeias produziam com o intuito de satisfazer as suas necessidades (FAUSTO, 2008).

Essa estrutura segue até o famoso ano de 1500, em que é conhecido como o descobrimento do Brasil, por meio da “carta el-rei Dom Manuel, de Pero Vaz de Caminha, pode ser considerada como uma espécie de certidão oficial de batismo do Brasil para o mundo europeu, pois é nela que procede a fama do descobrimento (KIRCHOF, 2008, p. 21)”.

Trago uma crítica a esse marco em que não condiz com a realidade, pois descobrir um território já habitado não tem coerência, poderia ser considerada uma descoberta se o espaço fosse inabitado, mas, o Brasil possuía um povo, uma estrutura com suas próprias regras e leis, as quais foram tomadas pelos portugueses, que chegaram e tiraram os seus direitos, onde se implementou regras e políticas, passando assim uma nova concepção de trabalho. Sendo tirados os direitos indígenas que ali viviam em sua própria terra, mas que segundo Fausto (2008, p. 40) o povo indígena “mostra, até hoje sua presença silenciosa na formação da sociedade brasileira”.

Dessa forma, a trajetória do Brasil foi moldada a partir da desapropriação territorial dos índios para os portugueses, que influenciaram a partir de trocas e barganhas para exploração das terras e exportação das riquezas do local para Portugal, dando início a influência no ensino com vertente religiosa a fim de converter os índios (HADDAD; DI PIERRO, 2000).

Com a influência dos portugueses, o que antes se considerava o trabalho como uma ação de sobrevivência e atuação em harmonia, o meio ambiente passou a ser explorado. Foi dada a importância e valorização de coisas e bens, desse ponto em diante a educação passou a ter um papel fundamental nas transições e desenvolvimento territorial.

No quadro 3 é abordado um panorama histórico sobre a Educação no Brasil, em destaque a trajetória da EJA a partir dos estudos de Haddad e Di Pierro (2000) e Marquez e Godoy (2020) sobre a EJA no processo de escolarização, os movimentos e disputas por espaço na sociedade que vem atrelado a estruturação do país.

Quadro 3: Panorama histórico da Educação desde 1549 no Brasil em destaque a EJA

SÉC/ANO	PANORAMA HISTÓRICO
1549	Período Colonial – Marcada pela chegada dos padres Jesuítas para catequizar os índios
SÉC. XVIII	Período da Escravidão – A Educação ficou esquecida até o século XIX
1824	Período imperial – Criação da primeira constituição brasileira, que garantia a todos os cidadãos, direito à instrução primária e gratuita, porém a lei não teve impacto.
1870	Abertura de escolas noturnas – Com o objetivo de alfabetizar os trabalhadores analfabetos e “civilizar as camadas populares” sendo de caráter filantrópico.
1882	Lei Saraiva – direito ao voto.
1891	Constituição de 1891 – Restringe o direito do voto aos analfabetos, o que na época correspondia a cerca de 80% da população do país.
SÉC. XX	Expansão da Industrialização e urbanização – Surgimento dos movimentos que lutavam pela efetivação de direitos sociais básicos aliados à renovação dos pensamentos pedagógicos advindos da Escola Nova,
1934	Constituição de 1934 – Reconhecimento da Educação como direito de todos.
1945	Fim do novo estado e da segunda guerra Mundial - A educação popular e a alfabetização de adultos passaram a ser vistas como um instrumento para a redemocratização e o desenvolvimento do país; Surgimento de programas governamentais; Destino de 25% dos recursos do Fundo Nacional de Ensino Primário (FNEP) para o ensino supletivo da educação de adolescentes e adultos não alfabetizados.

1947	1º Congresso Nacional de Educação de Adultos – Criação da Campanha de Educação de Adultos (CEA) e a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA) - objetivo alfabetizar a população em três meses.
1954	CEA e CEAA – Iniciou com resultados, mas começou a ser extinta pelo seu caráter superficial de alfabetização .
1958	2º Congresso Nacional de Educação de Adultos - primeira concepção de valorização e respeito aos sujeitos da EJA - inspirado nas ideias de Paulo Freire.
1962	Término do regime novo e aprovação do Artigo 150 - Determina a criação um Plano Nacional de Educação; menciona pela primeira vez, à educação de adultos que caracterizava como força de trabalho.
1959 a 1964	Surgimento dos Movimentos como – Movimento de Educação de Base (MEB); Movimento de Cultura Popular (MCP) e a Campanha de Pé no chão também se aprende a ler; Plano Nacional de Alfabetização, fundamentado nas propostas de Paulo Freire.
1964	Golpe Militar – com isso as iniciativas de Paulo Freire foram extintas.
1967	Criação do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) – Mão de obra alfabetizada
1970	Inserção do ensino supletivo – Junto aos sistemas de ensino regulares; Criação da Lei nº 5.692/71, a EJA ficou fortemente marcada pela concepção de suplência.
1985	Fim do regime militar – O MOBRAL então é substituído pela Fundação Educar.
1990	Fim do ensino pela Fundação Educar – Deixando um vazio nas políticas públicas para EJA; A EJA passa a ser responsabilidade dos municípios; Ano Internacional da Alfabetização; Conferência Mundial sobre a Educação para Todos, realizada na Tailândia e no Brasil acontece o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC), que propunha reduzir em 70% o número de analfabetos do país em um prazo de cinco anos o que não durou 2 anos.
1996	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9.394/96 – A EJA passou a ser considerada uma modalidade da Educação Básica; Programa de Alfabetização Solidária.
1997	Declaração de Hamburgo – V Conferência Internacional para a Educação de Adultos
1993 a 2003	Plano Decenal de Educação para Todos – Emenda Constitucional nº 14, de setembro de 1996, regulamentada pela Lei nº 9.424/96 e pelo Decreto nº 2.264 de junho de 1997; 15% de arrecadação global de Estados e Municípios reservado ao ensino fundamental.
2000	Parecer CNE/CEB nº 11/2000 – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos com função reparadora, equalizadora e qualificadora.
2003 a 2008	O governo sancionou a Lei nº 10.172/2001 que aprovou o Plano Nacional de Educação (PNE) – O Plano estabeleceu 26 metas para serem realizadas entre os anos 2001 a 2011; Dentre elas, pretendeu-se alfabetizar dois terços da população em até cinco anos e a sua totalidade até 2011 (não obteve recurso financeiros).
2006	Aprovação da Resolução nº 1 de 15/05/2006 – A qual atribuiu aos cursos de licenciatura formar docentes para atuarem na modalidade de Jovens e Adultos.
2007	Fundo Nacional de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais de Educação (FUNDEB) – Criado para substituir o FUNDEF.
2014	Plano Nacional de Educação 2014 a 2024 – Possui 20 metas, as metas 8, 9 e 10 direcionadas para a EJA: Meta 8 visa aumentar a escolaridade da população de 18 a 29 anos; Meta 9 busca elevar a taxa de alfabetização da população com 15 anos ou mais para 93,5%, reduzir em 50% o índice de analfabetismo; Meta 10 trata de ofertar no mínimo 25% das matrículas da EJA de forma integrada à educação profissional.
2016	Impeachment da Presidenta Dilma Rousseff – Emenda Constitucional nº 95, de 15 de dezembro de 2016, que determina o não reajuste do orçamento do Poder Executivo acima da inflação, até o ano de 2036, o que dificilmente as metas do plano nacional de Educação serão alcançadas.
2017	Terceira e última versão do documento da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) – Não contendo orientações específicas para o desenvolvimento do currículo, sobre a EJA.
2019	Mudanças políticas – Já no dia 2 de janeiro, o governo eleito extinguiu a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) a qual contempla a EJA desde 2 de março de 2012 pelo decreto nº. 7.690.
2020 a 2021	Pandemia COVID-19 – Cenário de incertezas em todo o mundo, na educação as aulas passaram a ser remotas e em um processo de adaptação de aulas síncronas e assíncronas.

Fonte: Adaptado pela autora segundo as obras de Haddad e Di Pierro (2000) e Marquez e Godoy (2020).

Com base no panorama histórico e os acontecimentos que ocorreram no Brasil ao longo dos anos, foi se estabelecendo o espaço da EJA entre movimentos e disputas. Atrelada a essa compreensão, se tem o mundo do trabalho e a relação da educação e trabalho desde 1870, com a proposta das escolas noturnas, estruturadas a fim de alfabetizar os trabalhadores, que em sua maioria eram analfabetos. Naquela época, os analfabetos compreendiam cerca de 80% da população do país, em seguida com a Lei Saraiva o espaço ao voto, mas, apenas para os homens brancos e alfabetizados o que correspondia menos de 20% já que não eram considerados como cidadãos com direitos, as mulheres, negros e os analfabetos, como destacado no quadro 3.

A escola noturna tinha o intuito de civilizar as camadas populares, esta iniciativa não visava os sujeitos e seus saberes, mas centralizava nos resultados para o capital e a economia. Com a expansão da industrialização e urbanização no século XX, surgem movimentos que lutam pela efetivação dos direitos sociais básicos a fim de resgatar e valorizar os trabalhadores os quais viviam marginalizados e sem direitos (MARQUEZ; GODOY, 2020).

Sobre essa compreensão histórica Haddad e Di Pierro (2000, p. 128), apontam que “o desafio maior, entretanto, será encontrar os caminhos para fazer convergir às metodologias e práticas da educação continuada, em favor da superação de problemas do século XIX, como a universalização da alfabetização”. O que nos leva a compreender o cenário e suas transições para valorização e representação da EJA para além de uma formação, um aprendizado ao longo da vida.

Analisando os dados do quadro 3 no contexto do mundo do trabalho, pode se dizer que a EJA transita no mundo do trabalho, inicialmente definido pela necessidade de alfabetizar os trabalhadores, mesmo sem uma política e estrutura definida pensada para o aluno, mas por uma necessidade apresentada, seguido da expansão da industrialização e urbanização em busca de mão de obra qualificada e pela alfabetização dos trabalhadores, continuou perpassando por movimentos.

Programas como o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e políticas as quais surtiram um incentivo no início, mas limitava a aprendizagem dos sujeitos, o que leva a compreender os esforços sobre a alfabetização de jovens e adultos, apenas como mão de obra alfabetizada com destaque ao trabalho.

Mas, a estrutura social da época apesar de se estabelecer um trabalho remunerado, apresentava condições escassas de valorização dos saberes de cada sujeito, como identificado nos marcos históricos uma valorização e foco na EJA a partir da declaração de Hamburgo em 1997, possibilitando um diálogo e a cultura voltada às necessidades dos sujeitos, incentivos

esses que é limitado quando refletido na realidade do EJA no Brasil (HADDAD; DI PIERRO, 2000).

Em pleno século XXI, ainda vivemos problemas evidenciados do século XIX, nesse percurso, a EJA apresenta avanços e retrocessos por meio de movimentos de resistência e luta pelos seus direitos, os quais são mascarados por uma estrutura política, projetos e planos definidos em papel, mas distante da realidade dos sujeitos. Pensar em políticas e direitos para a EJA, é trazer a comunidade para perto e a tornar participativa na construção e atuação das políticas, valorizando assim os sujeitos e os espaços em que estão inseridos.

Assim, como as transições na educação, o mundo do trabalho passa por transições, principalmente pelo reflexo do modo de produção advinda do capitalismo que supera o passo em relação ao feudal e ao modo escravocrata, nesse contexto, os sujeitos que participam desse processo, como trabalhadores, sofreram o impacto do capitalismo no seu dia a dia.

Dessa forma, o mundo do trabalho de acordo com a percepção de Mészáros (2015) sofre influência do capital, o qual existe antes do capitalismo. O autor discute três dimensões do sistema de capital o qual pode ser definido a partir do capital, trabalho e estado, ao se inter-relacionar ao tripé da percepção do trabalho assalariado e propriedade privada. O capitalismo, por sua vez, tem o capital como forma dominante e tudo se torna mercadoria.

Nesse percurso, o sujeito da EJA, em sua maioria, são trabalhadores assalariados, desempregados, autônomos ou até mesmo desalentados os quais desistiram de procurar por emprego pela dificuldade do processo e a escassez no mundo do trabalho, o que leva a boa parte destes atuar de forma informal para obter os recursos para sobreviver. Esse cenário se tornou mais complexo com a pandemia do COVID-19, onde escancarou a desigualdade social no país.

Segundo dados do IBGE (2021) cerca de 6 milhões de pessoas estão desalentadas e com recorde de 14,4 milhões de brasileiros desempregados. Dados do primeiro trimestre de 2021 apontam que o país alcançou infelizmente, mais de 500 mil óbitos em junho de 2021, conforme dados do governo sobre o COVID-19 (BRASIL, 2019).

Os números nos mostram a verdadeira face do atual governo, o qual está mais preocupado com a economia do que com as pessoas, o impacto disso está refletido nos milhares óbitos, nas taxas de desemprego, no aumento da desigualdade social e no crescimento das grandes fortunas no país.

O momento atual vivenciado é reflexo de uma governança focada no capital, desconsiderando a valorização do humano e o meio em que está inserido. Com base na obra de Mészáros (2015) para além do capital, aponta a tendência da crise estrutural do capital, em que o capital só se reproduz gerando acúmulo de riqueza destruindo os recursos naturais e

fragilizando a sociedade. Um reflexo da teoria defendida por Mészáros é a pandemia, que se disseminou em todo o mundo a partir da globalização, pessoas se locomovendo entre as fronteiras.

Além do aquecimento global advindo da poluição atmosférica, das indústrias, conseqüentemente, as pessoas estão mais vulneráveis a doenças ocupacionais em seus ambientes de trabalho. Ou seja, tudo a favor do capitalismo, da necessidade de ter uma produção acelerada a qualquer custo, o estímulo do consumismo e a necessidade de ter, de comprar e o sistema capitalista gerando cada vez.

Essa é uma cruel realidade, na qual estamos inseridos, por isso, é preciso mudanças individuais para reverberar em resultados locais e assim, alcançando as pessoas para uma mudança significativa acontecer, com pequenas ações e a educação é uma maneira para que essas mudanças aconteçam.

A pesquisa de Mészáros (2006) aponta a educação para além do capital, aborda uma compreensão dialética sobre a valorização do ensino e aprendizagem na luta contra o capital, a exploração e opressão, principalmente no campo do mundo do trabalho, apontando como uma alternativa de superação do capital, a partir dos processos educativos, os quais podemos relacionar aos sujeitos da EJA, que buscam um aprimoramento dos seus conhecimentos, assim, o aprendizado desses sujeitos tem o potencial de impactar a comunidade em que vive e se tornar um agente transformador no meio em que está inserido.

Dessa forma, podemos compreender a importância de se discutir a educação e o mundo do trabalho na atualidade, na qual estamos fortemente imersos, em um sistema capitalista em que o capital se destaca sobre o ser humano, os recursos naturais e outros direitos. Para combater as influências do capital é preciso mudanças no mundo do trabalho que exerce forte influência no capital. E por sua vez, o mundo do trabalho precisa se reinventar e para isso, o caminho é a educação, as didáticas de ensino e aprendizagem que vão além do espaço das salas de aulas, a aprendizagem social na qual aproxima o conteúdo com o dia a dia do indivíduo.

3.2 A EDUCAÇÃO NO CENÁRIO DO MUNDO DO TRABALHO

A educação é capaz de transformar o sujeito, bem como o meio em que este vive, de modo a contribuir para o bem próprio e da sociedade. Neste contexto, e nas relações sociais existe o trabalho, como atividade essencial para a subsistência humana e desenvolvimento da sociedade.

Diante desse contexto, faz-se necessário analisar as demandas existentes no mundo do trabalho e os meios de solucioná-las, o que pode ser feito através da educação, sendo que, essa formação social não deve buscar apenas o desenvolvimento técnico, mas o pensamento crítico do sujeito. O mundo do trabalho foi e ainda é amplamente comentado dentro das ciências econômicas e sociais, no qual podemos citar grandes pensadores como Adam Smith e Karl Marx, baseado na compreensão da educação e do mundo do trabalho por Mészáros e Frigotto. Esses autores analisaram e interpretaram as transformações ocorridas no mundo capitalista, e como essas mudanças influenciaram nas questões que envolvem os processos de produção e as relações de trabalho, com enfoque na presente dissertação sobre a relação com a educação.

Primeiramente, faz-se necessário conceituar a definição de “trabalho”, entendido como ação do homem no mundo, que leva a modificações deste universo e, conseqüentemente, a transformação do sujeito que age, alterando também as relações sociais que se estabelecem na sociedade (MARX, 2000). Assim, as sociedades passam a lidar com o trabalho de forma assalariada, abandonando a produção de subsistência, e autônoma, as demandas que envolvem o trabalho passam a ter maior importância no que se refere à organização da sociedade. Em sua famosa obra, Adam Smith (1996) elucida qual a origem da riqueza das nações, atribuindo à divisão do trabalho a força propulsora do crescimento econômico.

Ao se aprofundar na obra, percebe-se que o autor aborda problemas relacionados às trocas, acumulação de capital, desenvolvimento econômico, o papel do estado e distribuição de renda. Já referente à divisão do trabalho, o autor observa as mudanças ocorridas no mundo do trabalho, a importância da divisão de tarefas e funções para a economia, exemplificando através de uma fábrica de alfinetes.

Tomemos, pois, um exemplo, tirado de uma manufatura muito pequena, mas na qual a divisão do trabalho muitas vezes tem sido notada: a fabricação de alfinetes. Um operário não treinado para essa atividade (que a divisão do trabalho transformou em uma indústria específica) nem familiarizado com a utilização das máquinas ali empregadas (cuja invenção provavelmente também se deveu à mesma divisão do trabalho), dificilmente poderia talvez fabricar um único alfinete em um dia, empenhando o máximo de trabalho; de qualquer forma, certamente não conseguirá fabricar vinte (SMITH, 1996, p.65-66).

Após abordar os ganhos de produção relacionados à manufatura e posteriormente a natureza da separação de tarefas, o autor conclui que a “divisão do trabalho, na medida em que pode ser introduzida, gera, em cada ofício, um aumento proporcional das forças produtivas do trabalho” (SMITH, 1996, p.66).

Percebe-se que nas sociedades contemporâneas, a divisão do trabalho tem uma função que vai além de aspectos puramente econômicos, seu papel social se manifesta na capacidade

de integrar o corpo social, assegurando sua unidade. Além do mais, dado ao processo de globalização, que não se resume à integração dos mercados, transportes, meios de comunicação, das ideias ou informações, mas envolve uma questão mais ampla, substancialmente o modo de produção e, conseqüentemente, as formas e os significados do trabalho que atinge todas as extensões da condição humana entre essas alterações, como: o crescimento ou a diminuição das populações, a distribuição da riqueza, o desemprego, as enfermidades globais, a comercialização de entorpecentes, entre muitas outras.

Ao analisar as demandas do mundo do trabalho, percebe-se que as relações de produção estão intimamente ligadas aos princípios que qualificam e desqualificam o trabalhador para desempenhar determinada função. Essas demandas no processo produtivo, principalmente no que se refere à mão de obra, implicam na concepção de um trabalhador ideal, um funcionário padrão com requisitos selecionados.

É nesse contexto que as instituições de ensino se inter-relacionam com o mundo do trabalho, satisfazendo uma lacuna existente no mundo do trabalho, inserida no processo produtivo. Nesse sentido, a educação profissional é definida por processos educativos que permitam ao sujeito adquirir e desenvolver conhecimentos teóricos e práticos que se relacionam com a produção de bens e serviços.

Sendo assim, percebe-se que, embora a escola exista desde a antiguidade, em diferentes civilizações, é com o desenvolvimento do industrialismo que os sistemas de ensino se tornaram obrigatórios, com o objetivo de integrar a sociedade com os modos de produção. Segundo Manfredi (2002, p. 54), “a expansão do capitalismo industrial, durante os últimos séculos, criou a necessidade da universalização da escola como agência social de preparação para a inserção no mundo do trabalho”. Dessa necessidade surge o princípio de “Ensinar Tudo a Todos”, originando-se uma homogeneização dos conteúdos curriculares visando padronização de conhecimentos que antes pertenciam aos artesãos ou às casas de ofício.

Ao se delimitar um sistema de ensino obrigatório e universal, começa a se ensinar na escola ferramentas básicas ou fundamentais ao mundo do trabalho, como ler, escrever, contar, se comunicar, entre outras técnicas e conhecimentos. Entretanto, o conteúdo ensinado vai além, no sentido que o sujeito se habitue a regras de bom comportamento necessárias, futuramente, a um posto de trabalho que irá ocupar. Nas palavras de Althusser (1985, p. 58), “a reprodução da força de trabalho não exige somente uma reprodução da sua qualificação, mas ao mesmo tempo uma reprodução da sua submissão às normas de ordem vigente”.

O mesmo autor ainda, destaca o papel das escolas como reprodutoras das condições de dominação e vai além, afirma ainda que ela é o “aparelho ideológico de Estado que assumiu

a posição dominante nas formações capitalistas maduras” (ALTHUSSER, 1985, p. 77). Ainda segundo o mesmo autor, a escola se encarrega de repassar os saberes contidos na “ideologia dominante em estado puro (moral, educação cívica, filosofia)” (1985, p.79).

Nesse contexto, é possível afirmar, que as bases e pilares do sistema de ensino atual não se desvinculam de um mundo globalizado e em constante mudança, e nesse sentido, faz-se necessário compreender o papel da escola como intimamente relacionada com as propostas políticas pedagógicas de um dado momento histórico, social, cultural e principalmente econômico de um país.

Com a ascensão da globalização e da reestruturação e dos meios produtivos, a partir da década de 1990, toma impulso a ideia de que a educação profissional é uma ferramenta estratégica, para a promoção e manutenção do desenvolvimento socioeconômico de um país, diante da sua conexão com o mundo do trabalho.

O contexto internacional, caracteriza-se pela desregulamentação/liberalização das economias, pelo aumento da vulnerabilidade externa, pela financeirização da riqueza em detrimento dos produtos e por maior ocorrência de crises sistêmicas. Configura-se então, um processo de flexibilização no setor produtivo e nas relações de trabalho, demandando-se então por uma mão de obra mais flexível e capacitada, com maior acúmulo de habilidades que não são apenas técnicas, mas também habilidades sociais.

Já Mészáros (2006) defende a ideia de que a educação deve ser sempre continuada, permanente, ou não é educação. O autor defende a abordagem de práticas educacionais que levem os sujeitos a trabalharem as mudanças necessárias para a construção de uma sociedade, na qual o capital não explore mais o tempo de lazer, sendo que na visão do autor, as classes dominantes impõem uma educação para o trabalho alienante, com o objetivo de manter o homem dominado.

Já a educação libertadora teria como objetivo transformar o trabalhador em um agente político, sendo um ser pensante, que age, e que usa a palavra como arma para transformar o mundo. Para Mészáros (2006) uma educação deve ir além da visão capitalista, e, portanto, seguir de forma integrada com a luta por uma transformação radical do atual modelo econômico e político hegemônico.

Ainda sob os pensamentos de Mészáros (2006), a educação consiste na nossa própria vida. Embora a educação institucionalizada faça parte da vida do sujeito, a educação sob o caminho da pedagogia, não é suficiente, pois, a dominação ideológica da sociedade prevalece. Portanto, a educação não se deve qualificar para o mercado de trabalho, mas para o mundo do

trabalho, para a vida, “a educação não é uma mercadoria”. A lacuna tornou-se objeto da obra “*Educação e Crise do Capitalismo Real*” de Frigotto que:

[...] teve sua produção num contexto em que a crise do sistema capital se aprofundou e, ao mesmo tempo, dois fatos históricos alteram radicalmente a relação entre capital e trabalho e a luta de classes. Ao longo das décadas de 1970 e 1980, simultaneamente define-se um novo salto tecnológico, que altera o modo dos seres humanos operarem com a matéria e, portanto, com as formas de produção e se processam contradições que levam ao colapso do socialismo real. A apropriação privada deste salto tecnológico e seu crescente processo de monopolização pelos megagrupos detentores do capital ampliam a desigualdade entre nações e permite uma avassaladora vingança do capital sobre as conquistas e direitos da classe trabalhadora. Os efeitos sobre a classe trabalhadora de suas condições de trabalho e de sua organização foi explosivo e potência o que Marx observara em meados do século XIX (FRIGOTTO, 2015, p. 218).

Nos dias atuais, a era da revolução científica e tecnológica tem como abordagem a tese da sociedade do conhecimento. Considerando uma realidade em que não só a ciência, mas também a informação, está cada vez mais monopolizada e privatizada, passa-se a ideia de que todos podem acessar o conhecimento e, portanto, são extinguidas as classes sociais.

No plano da produção flexível já não basta a qualidade, mas exige-se a qualidade total. Esta é uma noção que advém da nova realidade da relação capital-trabalho e exige que o trabalhador produza uma mercadoria ou serviço, em menor tempo, dentro das prescrições e ao menor custo possível. Assim, esta mercadoria ou serviço cheguem ao mercado com vantagens competitivas para sua realização.

Sendo assim, elucidando as abordagens dos autores citados, contrapõe-se a visão tecnicista anteriormente abordada, visto que a educação dos sujeitos não deve prepará-lo exclusivamente para cumprir uma “função social” em um mundo capitalista, e sim, prepará-lo a ter uma mentalidade crítica, para saber lidar com as demandas sociais do novo mundo do trabalho, cheio de incertezas e desafios advindos da era da tecnologia e informação, em que os espaços de trabalho se tornam disputados pela necessidade de profissionais mais capacitados. Ou seja, formar sujeitos com pensamento crítico e a vocação da educação, como forma de se manterem antenados ao mundo do trabalho, bem como aos avanços tecnológicos que vêm ocorrendo na sociedade por meio da globalização.

A preparação dos sujeitos para o mundo do trabalho, deve ser vista a partir dos conceitos apresentados pelos autores mencionados no trabalho e não podem ser tratados de forma tecnicista, em desacordo com a realidade dos problemas sociais enfrentados pelos cidadãos que fazem parte dela.

É importante entender, que mesmo no ambiente escolar se reproduz o reflexo da sociedade atual, ou seja, a escola ainda reforça a divisão fundamental entre o trabalhador manual e o intelectual. A escola é a essência do trabalho intelectual, o próprio processo de transmissão e recepção de conhecimentos é uma forma de trabalho, pois exige esforço cerebral, dedicação, cansaço e disciplina.

Neste sentido, os professores trabalham e os pedagogos também, pois para aplicação do conteúdo existe o planejamento, métodos e os objetivos do ensino que são implementados por estes. E, por fim, o maior trabalhador da escola, é o próprio sujeito, que trabalha na escola quando este se apropria dos conteúdos ensinados e, também fora da escola, quando eles continuam com a aprendizagem.

Para a Pedagogia de Freire, o currículo escolar não deve se afastar do preceito que o ser humano é um ser inconcluso, inacabado, e, portanto, tem vocação para ser mais, através de um permanente movimento de busca. Freire (2002, p.55) chancela que “na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento”.

O autor afirma que o currículo escolar deve ter como premissa contribuir para construção da identidade dos sujeitos, e ao mesmo tempo destacar a individualidade e o contexto social que estão inseridos. Além de ensinar um determinado tópico, o currículo significativo deve aprimorar as potencialidades e a criticidade dos sujeitos, suas histórias e saberes. O conhecimento voltado às ações é entendido por Freire (2003, p. 92) “como sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte do conhecimento reflexivo e criação”.

Dessa forma, a proposta curricular planejada pelo educador deve considerar uma educação humanizadora e emancipadora, possibilitando ao sujeito se tornar um ativo construtor da sua própria história e liberto dos condicionamentos deterministas impostos pela ideologia dominante e pelo sistema capitalista, na proposta pelo mundo do trabalho.

3.2.1 A EJA no Mundo do Trabalho Compreendendo Trabalhador/Empreendedor

Na busca por compreender a EJA com o mundo do trabalho por meio dos fundamentos teóricos, políticos e pedagógicos, é importante compreender as transições do mundo do trabalho e seus avanços e retrocessos ao longo da história visando uma compreensão de perspectivas, abordando a vertente do sujeito trabalhador/empreendedor.

É essencial entender o papel da educação nesse cenário do mundo trabalho e em que ponto se estabelece uma relação, ao distinguir essa relação no contexto atual baseado nas transições temporais e na diversidade social, ressaltando a importância da educação no processo de formação do sujeito.

Partindo dessas compreensões sobre a relação da EJA com o mundo do trabalho, tendo como caminho norteador o currículo, plano pedagógico da EJA relatada nas políticas públicas, Di Pierro e Haddad (2015), apontam que no Brasil, os avanços em relação aos direitos dos jovens e adultos à educação foram produto de um processo de democratização, na transição dos anos 1980 e 1990, após 20 anos de ditadura militar, que produziu em 1988 uma Constituição avançada na garantia dos direitos sociais. No entanto, como em outras partes do mundo, a realização desses direitos foi limitada pelas políticas de ajuste macroeconômico e redefinição do papel do Estado.

De modo geral, a EJA passou a ser reconhecida como um direito desde os anos 30, mas só começou a ganhar relevância com as campanhas de alfabetização das décadas de 40 e 50, e com os movimentos culturais populares na década de 60, com o MOBREAL e o Ensino Supletivo dos governos militares e a Fundação Educar da Nova República.

Ao se tratar da educação de pessoas jovens e adultas, a participação ativa do Estado é fundamental. Diferentemente da educação infantil, a experiência e os estudos realizados na América Latina indicam que é a oferta de serviços que modela as características da demanda nesse nível de ensino. Diferentemente da educação infantil, onde há um grande consenso social (e particularmente dos pais) sobre a necessidade de as crianças irem à escola, na EJA isso não ocorre, exigindo, portanto, uma atitude ativa do poder público. Segundo Haddad:

[...] a nova LDB vem completar este movimento claro de transformar a educação de pessoas jovens e adultas em uma educação de segunda classe. Evidentemente, isto não se expressa aos olhos de um leitor desavisado, que não vem acompanhando esta conjuntura em que a Lei foi produzida. Se não considerarmos o contexto anterior, podemos nos enganar com pelo menos dois fatores: o fato da lei considerar uma seção para a Educação de Jovens e Adultos e a sua aparente flexibilidade. Há também o fato de que o próprio texto da lei reflete as intenções contraditórias que permearam os processos de negociações e pressões de interesses diversos presentes em sua elaboração. Neste sentido, cabe buscar tais aspectos de modo a prever, no movimento mais geral das reformas educacionais, os caminhos possíveis de ampliar os espaços de democratização (HADDAD, 1997, p. 8).

Em resumo das transformações da EJA no Brasil nos primeiros anos do milênio podemos identificar quatro linhas de força. A primeira refere-se à ampliação da declaração de direitos dos jovens e adultos, que passa a abranger não só a alfabetização e o ensino elementar, mas também o ensino médio e profissional, inclusive das pessoas privadas de liberdade,

ampliando o campo para o exercício da advocacia e diminuindo a distância que separa as leis das políticas que garantem os direitos aos cidadãos (DI PIERRO; HADDAD, 2015).

A segunda característica do período, foi a institucionalização e padronização da EJA na estrutura das políticas públicas de educação básica, sendo grande o ativismo em torno de programas, que deram margem à experimentação de várias estratégias que, mesmo com resultados pouco expressivos que poderiam denegrir a imagem da EJA, proporcionam ricas aprendizagens, a partir das quais as políticas públicas podem ser orientadas.

A terceira característica indica os desafios do mundo moderno impostos às sociedades, em geral no sentido de implementar uma cultura de direitos educativos, em específico no campo da Educação ao longo da vida, em que ações efetivas contemple sua plena realização, contribuindo para superar as insuficientes políticas educacionais sociais por transformar demandas e direitos educativos em compromissos efetivos.

O quarto traço, relacionado às agendas internacional e nacional recentes de políticas educativas, é o estabelecimento de uma leitura instrumental do que seja a aprendizagem continuada ao longo da vida, visando à competitividade econômica, buscando atender (inclusive mediante estratégias privadas) exigências de qualificação para o mercado de trabalho, em detrimento da formação integral dos sujeitos, e sem compromisso com a universalidade do direito à aprendizagem. O enfrentamento desta onda serve como base para o fortalecimento do debate de ideias e da capacidade de articulação política da sociedade civil para incidir nos fóruns nacionais e internacionais.

A partir das compreensões abordadas sobre a educação e o mundo do trabalho, fica nítido que as demandas atuais para o mundo do trabalho exigem cada dia mais, profissionais capacitados e com a devida formação para desempenharem suas funções de maneira coerente e eficaz em suas respectivas funções.

Essa percepção está muito ligada a questão de formar trabalhadores, mas o mundo do trabalho não se limita apenas ao empregador e o empregado, embora seja a vertente destacada, para validar a compreensão do mundo do trabalho sobre a percepção do empreendedorismo, é importante entender sobre o desemprego e os impactos dessas condições sobre o mercado informal.

Segundo dados do IBGE (2021) o desemprego ou a taxa de desocupação foi de 14,1% referente aos trimestres de abril a junho de 2021, tendo uma variação de -0,6 ponto percentual em relação ao trimestre anterior de janeiro a março de 2021 que chegou a 14,7% sendo o maior desde 2012. Comparando com o mesmo trimestre no ano anterior entre abril e junho/2020, a taxa foi estimada em 13,3%, temos então uma variação de 0,8 ponto percentual.

Destacando aqui em relação ao trimestre de abril a junho de 2020, período em que a pandemia do covid-19 já estava em evidência, os trimestres seguiram tendo variações, e mesmo com a redução do segundo trimestre para o primeiro do ano de 2021, ainda se tem uma taxa de desocupação que comporta em torno de 14,4 milhões de pessoas e cerca de 5,6 milhões de brasileiros desalentados que são considerados por desistir em buscar um emprego (IBGE, 2021).

Os dados disponíveis pelo IBGE (2021) sobre o primeiro trimestre do ano de 2021 mostra que temos 86,7 milhões de pessoas ocupadas, ou seja, exercem algum tipo de atividade remunerada. O que chama a atenção é que 40% da população ocupada atua na informalidade, sendo então 34,7 milhões de trabalhadores sem carteira assinada, trabalhando por conta própria.

Dados do IBGE (2021), apontam que o desemprego tem levado muitos trabalhadores para a informalidade, o que inicia como um “bico”, *freelancer*, na busca de obter uma renda para se sustentar, pode se tornar em uma oportunidade de transformação de vida através do empreendedorismo, como por exemplo, destacar um perfil muitas vezes comum na realidade da EJA, alunas que são revendedoras de produtos diversos, a costureira que através da interação com os colegas da turma presta seus serviços, ou até mesmo os colegas que vendem algum lanche ou docinho. Esses casos são mais comuns do que se pensa, todo professor da EJA tem como aluno um trabalhador/ empreendedor.

Em compreensão sobre empreendedorismo, pode-se considerar como um dos conceitos de que “empreendedorismo é o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam a transformação de ideias em oportunidades. E a perfeita implementação destas oportunidades leva à criação de negócios de sucesso”. (DORNELAS, 2008, p. 22).

Empreender é considerado por Dornelas (2008) como uma “revolução silenciosa” com potencial de gerar transformações em curto espaço de tempo, podendo ser considerado como empreendedorismo da oportunidade, quando há o planejamento e visão de crescimento para um negócio, em um segundo perfil o empreendedorismo por necessidade é considerado como a falta de opção, as pessoas se aventuram em empreender muitas vezes levados pelo desemprego e sem alternativa de trabalho.

As oportunidades para empreender podem surgir de diferentes formas, baseado principalmente a partir do meio e as relações que envolvem a pessoa. Em destaque a educação tem influência positiva para o empreendedorismo, na criação de empreendedores, uma educação para além da educação formal a fim de abranger novos conhecimentos que ajudem a empreender. O Empreendedorismo é importante na movimentação da economia, assim como na prosperidade de nações e regiões (HISRICHE; PETERS; SHEPHERD, 2014).

O termo empreendedorismo vem sendo ampliado para ser aplicado em outras áreas, assim como o empreendedorismo corporativo que é a ação voltada para o crescimento e desenvolvimento de uma empresa, levando-a a praticar a inovação como fator de sucesso; e o empreendedorismo social em que o objetivo já não é mais o negócio pelo negócio, trata-se de um negócio social, envolvendo a comunidade e tem como foco a atuação na sociedade (MELO NETO, FROES, 2002; DORNELAS, 2009).

Voltado para o perfil do aluno trabalhador/empreendedor, os conhecimentos sobre empreendedorismo social agregam valor, tendo em vista sua aplicabilidade a realidade, na qual o empreendedorismo social segundo Melo Neto e Froes (2002) é voltado para produzir bens e serviços à comunidade; tende a ter foco na busca por soluções para problemas sociais e voltados para o impacto social e para a transformação social.

O que permite a reflexão: do porquê não é mais explorado o empreendedorismo social como alternativa para além da formação, para o mercado de trabalho sobre a percepção limitante do emprego, uma vez que, a realidade sobre o jovem e o adulto, trabalhador/empreendedor, em que muitos buscam seja no mercado informal, como renda principal e até mesmo os que recorrem ao informal como forma de renda extra.

Dessa forma, é importante discutir sobre o empreendedorismo social como alternativa no mundo do trabalho, sendo que uma parcela dos trabalhadores informais são empreendedores locais, que começam pela necessidade e não encontram apoio ou até mesmo instruções que os direcionam ou favoreçam o seu crescimento.

O empreendedorismo social vai de encontro à desigualdade, oportunizando novas formas de pensar a comunidade, na busca por inclusão social, qualidade de vida através da inovação, despertando novas ideias e desdobramentos de oportunidades capazes de transformar seu contexto de vida. Segundo Oliveira (2004, p. 17) “o empreendedorismo social atua mais na geração de ações que causem impacto local”.

Para outros autores como Bastos e Ribeiro (2011, p. 582) “na educação empreendedora não há fórmulas prontas ou técnicas específicas, mas sim, propostas conjuntas que proponham o autoconhecimento, o conhecimento do outro e do mundo e a construção de um sujeito mais completo”. É possível uma transformação a partir do empreendedorismo social no qual é plausível um impacto humanizado, valorizando os saberes e aprendizados do jovem e do adulto trabalhador/empreendedor na EJA.

Para além dos pontos positivos do empreendedorismo social, em sua contribuição para a comunidade. O empreendedorismo também apresenta suas fragilidades como parte do

capitalismo na movimentação econômica quando se trata do lucro a qualquer custo, além de ser utilizado como formas de subsidiar o trabalho negligenciando os direitos do trabalho.

O capitalismo que se expande em diferentes vertentes passando pela terceirização, a informalidade e a flexibilidade do trabalho de forma tendenciosa a promover a intermitência que é considerado o fator mais corrosivo na proteção do trabalho. Um exemplo desse capitalismo que explora direitos é o “*zero hour contract*” (Contrato de zero hora) termo que surgiu no Reino Unido, como uma plataforma em que trabalhadores se cadastram e ficam à disposição para a contratação de diferentes atividades. Trabalhadores que ficam à espera de um chamado para trabalho e só recebe pelo trabalho realizado. Essa forma de trabalho se espalha pelo mundo, dada a expansão do trabalho online e crescimento e inovação dos aplicativos (ANTUNES, 2020).

Como é o caso da uberização, termo utilizado para caracterizar empresas plataformas em que o trabalhador se cadastra para trabalhar por demanda. O termo se difundiu em diversos países, apesar de caracterizar a Uber, aplicativo mais famoso e que popularizou o motorista por aplicativo, apresentando como uma identidade flexível.

A uberização não inicia com a atuação desta empresa e nem se restringe a ela. Em definição a urbanização do trabalho se considerada como uma nova forma de gestão, organização e controle do trabalho, que se assegura como tendência global no mundo do trabalho e as tecnologias digitais em que as plataformas digitais se destacam pela sua nova forma de organização do trabalho (ABÍLIO, 2019; ANTUNES, 2020).

Na Uber, o motorista se cadastra para prestar o serviço de motorista aceitando levar as pessoas de um lugar a outro, através do contato pelo aplicativo. Essa modalidade se apresenta de forma atrativa pela flexibilidade do motorista poder trabalhar, podendo ficar disponível durante todo o dia, mas só recebe remuneração caso realize viagens. Sendo inserto o valor do retorno financeiro, além disso o carro, manutenção e seguro são por parte do motorista.

Outras empresas no mercado digital seguem a partir da urbanização, buscando profissionais para realização de trabalho por demanda contando com a disponibilidade do trabalhador, promovendo a produtividade para gerar resultados, mas limita dos direitos e garantias do trabalhador (ALBÍLIO, 2019).

A uberização pode ser vista como o avanço das tecnologias digitais para o mundo do trabalho, oportunizando vagas de trabalho para as pessoas, destacando a flexibilidade, a quebra de horários fixos, a facilidade de poder trabalhar de qualquer lugar, poder ganhar conforme sua produtividade. São benefícios atrativos os quais mascaram a negligência de trabalhos excessivos porque quanto mais se trabalha mais se ganha, porém é desprovido de direitos,

recebendo apenas pelo que foi feito, a necessidade de ficar disponível e ter que arcar com os próprios custos.

Muitas vezes, os trabalhadores que atuam com essas plataformas são apresentados como empreendedores, convidados a gerar a sua própria renda, sendo chefes de si mesmos. Com essa linguagem a relação de subordinação desaparece, dando lugar aos empreendedores (ALBÍLIO, 2019).

Esses trabalhadores são considerados como empreendedores e cedem “gentilmente” parte significativa dos seus rendimentos para o “aplicativo”, isto é, para o capitalista que faz a gestão do sistema e conecta clientes e prestadores de serviços. Assim, a taxa de empreendedorismo cresce aqui, mas a parte do mais-trabalho do trabalhador (uberizado) precarizado vai para o grande capital que controla a operação de outro lugar (FERRAZ, 2019, p. 158).

Os aplicativos que se configuram como uberização, possibilitam uma oportunidade de geração de renda, permitindo um começo no mercado de trabalho ou uma atividade complementar a renda. Mas, quando é colocado como uma alternativa do trabalhador empreender, é algo a ser questionado uma vez que os direitos do trabalho são negligenciados e se sobressai o capitalismo em torno da geração de lucro centrado nas grandes empresas dos aplicativos.

Desse modo, a educação insere-se nesse contexto como elemento essencial para a formação dos sujeitos, e posterior atuação e integração profissional e social. No entanto, como podemos observar, essa capacitação não se resume a uma formação tecnicista, onde o sujeito desempenha sua função, sem participar de maneira ativa no meio social, mas tendo a oportunidade de um desenvolvimento emancipatório através do empreendedorismo social.

Sendo assim, abordamos os principais conceitos relacionados ao mundo do trabalho, e a aplicação pedagógica da educação, em destaque sobre o ensino na EJA como canal potencializador do diálogo entre os sujeitos a fim de oportunizar e ampliar o conhecimento dos mesmos em prol de novas oportunidades no mundo do trabalho para além de uma formação de “trabalhador específico”. Ou seja, não é apenas desenvolver determinada função e pronto, mas ter perspectiva de novos horizontes, o que pode ser possível através de um diálogo mais inspirador com os jovens/adultos e trabalhadores/empreendedores da EJA, apoiando e valorizando os saberes individuais na perspectiva de corroborar no seu crescimento.

Assim, a educação, em todas as suas dimensões pode ser libertadora através do empreendedorismo social e podem abrir novas perspectivas para esses sujeitos diante das tecnologias digitais de informação e comunicação que serão detalhadas no capítulo seguinte.

4. AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO COM OS SUJEITOS DA EJA

Este capítulo dialoga sobre a percepção do capítulo anterior em relação ao mundo do trabalho, dando enfoque à temática das tecnologias digitais de informação e comunicação - TDIC, com o objetivo de analisar as bases político-sociais e pedagógicas das TDIC para com os sujeitos jovens/adultos e trabalhadores/empreendedores da EJA.

E plausível destacar o trabalho como princípio educativo frente às tecnologias, destaca as transições na educação sobre as influências para o mundo do trabalho, e as suas atualizações em que se mostram necessárias no processo de formação dos sujeitos (SAVIANI,1994).

O início do século XXI, foi marcado pela popularização do computador pessoal e da internet. Na mesma época, foram consolidados os termos TIC - Tecnologias da Informação e Comunicação e TDIC - Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, integrando as mídias digitais no conjunto de recursos tecnológicos de informação e comunicação. Dessa forma, a pesquisa faz uso do termo TDIC, reconhecendo essa inclusão das mídias digitais e que vem se destacando e tendo cada vez mais espaço no dia a dia das pessoas através dos equipamentos e ferramentas digitais.

Castells (1999) já previa esse cenário, quando observou o surgimento de um novo sistema eletrônico de comunicação, caracterizado pelo seu alcance global e a integração de todos os meios de comunicação, essa interatividade mudaria para sempre nossa cultura. Pode-se compreender que as TDIC estão presentes no cotidiano das pessoas, seja umas com mais constância, outras com limitações, o fato é que o digital é um caminho cada vez mais utilizado pelo ser humano para suas interações na comunicação, no acesso à informação, na inovação, na descoberta de algo para a saúde, por exemplo. A todo momento, pesquisadores e o meio social usam as tecnologias em prol de algo, destacando assim a inovação como um caminho.

Na educação não é diferente, cada vez mais se torna necessário a inserção das TDIC, seja como recurso administrativo para gestão escolar, seja na interação das atividades didáticas, como método de ensino e aprendizagem, mas para além das relações que se estabelecem, se tem a construção do conhecimento. Inserção essa que aparece perfeitamente aplicável no campo da idealização, em projetos, mas o reflexo vivenciado nos espaços escolares se distancia.

As tecnologias apresentam recursos que estão disponíveis para todos, mas esse termo “para todos” tem sua fragilidade partindo de uma compreensão cultural, socioeconômica e territorial, em que o acesso à informação e aos recursos são limitados e apenas uma parcela da

sociedade tem acesso. Dessa forma, busca-se sua aplicabilidade na EJA e os caminhos para a inclusão digital tendo em vista as bases político-sociais e pedagógicas no entendimento do digital para com os sujeitos trabalhadores/empreendedores.

4.1 TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO APLICADAS À EJA

Para tratar sobre as tecnologias digitais de informação e comunicação – TDIC aplicadas à EJA, faz-se necessário iniciar a compreensão a partir do conceito, seu espaço de atuação e dá seguimento começando a analisar sua aplicabilidade com base político-social nas práticas pedagógicas para com os sujeitos da EJA.

A presença das tecnologias é inevitável e se apresenta em constantes transições e evoluções, trazendo principalmente inovação para atividades comuns do dia a dia, seja no trabalho, nas atividades em casa como: se exercitar, dormir, entre outras atividades.

Para todas as demais atividades que realizamos, precisamos de produtos e equipamentos resultantes de estudos, planejamentos e construções específicas, na busca de melhores formas de viver. Ao conjunto de conhecimento e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade nós chamamos de “Tecnologia” (KENSKI, 2003, p. 18).

As tecnologias têm potencializado diversos meios de comunicação, ampliando as possibilidades das relações sociais, bem como, o acesso à internet e disponibilidade de recursos tecnológicos como: computadores, *tablets* e celulares, além de outros mecanismos de usos e aplicabilidade. Na obra “*A Galáxia Internet: reflexões sobre a internet, negócios e a sociedade*” de Castells, é abordado a ligação à sociedade, na qual é representada por suas ferramentas tecnológicas. Estando assim em defesa da tecnologia bem como a educação, informação e a ciência como “fontes decisivas de criação de valor na economia baseada na internet” (CASTELLS, 2003, p. 217).

Complementando esse pensamento, Lévy (2010, p.22) nos leva a “[...] pensar que as tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura”. Essa compreensão parte do entendimento sobre técnica, cultura e sociedade, em que podemos associar aos sujeitos os quais estão inseridos no processo, seja com ideias, pesquisas, produções em diferentes frentes e até mesmo como o próprio consumidor em sociedade. Em um contexto sociocultural, econômico e político, revelam uma divisão de classes em que uns têm mais acesso que outros, não existindo uma igualdade no acesso às TDIC e estando muito longe de se pensar sobre a equidade.

O novo ritmo da tecnologia parte de duas maneiras distintas, uma se dá por meio da relação com técnicas e equipamentos, e outra sobre a percepção levando em conta a inovação no campo da educação no incentivo às novas descobertas (KENSKI, 2012).

Na visão de Kenski, Castells e Lévy é possível identificar um alinhamento entre os autores na compreensão de que as tecnologias estão presentes na sociedade sendo parte do cotidiano dos sujeitos, o que leva a relação das TDIC e seu papel na educação, voltada para os sujeitos trabalhadores/empreendedores da EJA.

Dessa forma, podemos compreender o espaço de atuação da tecnologia e suas transições a cada época, um exemplo disso é quando o homem das cavernas descobriu o fogo e séculos depois, se te a criação do celular, ambos são considerados inovação para as épocas que surgiram e hoje são comuns, chegando à compreensão sobre TDIC que parte das transições do termo em questão. Segundo Lévy (2010, p. 32), “as tecnologias digitais surgem, então, como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento”.

Essa transição inicia entre os anos de 80-90, com o movimento sociocultural abordado por Lévy (2010) onde se tem a inserção dos primeiros computadores conectados à rede e desde então as tecnologias continuaram se expandindo, chegando à atualidade com o avanço nos recursos tecnológicos como notebook, celular, relógios digitais, móveis e eletrodomésticos inteligentes e assim por diante.

Nesse sentido, Kenski (2012) comunga do mesmo pensamento de Lévy (2010) no que tange o digital, a partir da internet em que proporcionar um espaço de integração promovendo a comunicação sobre a percepção do ciberespaço. A autora também destaca a relação com a educação, ressaltando “a presença de uma determinada tecnologia pode induzir profundas mudanças na maneira de organizar o ensino” (KENSKI, 2012, p. 44).

O ensino, por sua vez, apoiado nas TDIC tem muito a agregar na vida dos sujeitos, sendo bem estruturado como canal de interação, utilizado para tornar o espaço da sala de aula como um campo experimental do que é vivenciado em sociedade. No processo de ensino e aprendizagem é possível associar a realidade dos sujeitos, a fim de facilitar a compreensão e inspirando-os a colocar em prática os conhecimentos obtidos. Segundo Machado:

Não há dúvidas que as TIDC provocam mudanças consideráveis na forma de ensinar e aprender transformando o processo educacional tradicional, antes passivo, em aprendizado interativo. Utilizada de maneira criativa, a tecnologia pode tornar a aula prazerosa e atrativa. Como propõe Faria (2008), isto implica em uma análise da mudança do paradigma educacional e da função do professor na relação pedagógica, focalizando as inovações tecnológicas como ferramentas para ampliar a interação e a interatividade. (MACHADO, 2016, p. 2).

A aplicabilidade das TDIC na EJA pode contribuir para maiores oportunidades, despertando o entendimento crítico-reflexivo e a aprendizagem dos sujeitos. Contribui com a preparação dos sujeitos para o mundo do trabalho, compreendendo a relevância do trabalhador/empreendedor para que em sua percepção de tempo e espaço para colocar em prática os conhecimentos adquiridos ao longo da sua formação, utilizando as TDIC ao seu favor e explorando sua criatividade e autonomia.

Estamos vivenciando a era da aceleração da informação, onde tudo acontece muito rápido e ocorre de maneira imediata a transmissão do conteúdo. A forma de se comunicar se torna instantânea e globalizada, basta apenas um clique para se espalhar e alcançar milhões de pessoas. Levando em consideração o aprendizado ao longo da vida como um modelo inclusivo de ensino em todas as fases da vida, é insuficiente quando se trata da EJA. Assim:

A escola representa na sociedade moderna o espaço de formação não apenas das gerações jovens, mas de todas as pessoas. Em um momento caracterizado por mudanças velozes, as pessoas procuram na educação escolar a garantia da formação que lhes possibilite o domínio de conhecimentos e melhor qualidade de vida. Essa educação escolar, no entanto, aliada ao poder governamental detém para si o poder de definir e organizar os conteúdos que considera socialmente válidos para que as pessoas possam exercer determinadas profissões ou alcançar maior aprofundamento em determinada área do saber (KENSKI, 2012, p. 19).

A EJA acaba ficando em segundo plano no que tange uma compreensão política social de incentivo e de valorização da EJA, enquanto modalidade de ensino, a partir da precarização no processo de formação de professores quanto ao uso das tecnologias digitais de informação e comunicação, uma vez que é preciso ter conhecimento, saber aplicar para então, ensinar aos sujeitos, não dá para ensinar algo que não conhece.

A construção do conhecimento na EJA, para a preparação dos sujeitos ao mundo do trabalho, as TDIC se encaixam como fundamentais para ampliar os horizontes no processo de ensino e aprendizagem, sendo que as TDIC compõem um cenário de mudanças para além do ambiente de ensino, em diferentes esferas da sociedade.

Essa abrangência pode se limitar a depender da realidade dos sujeitos uma vez que nem todos possuem com facilidade o acesso à internet e aos recursos tecnológicos o que podemos chamar de exclusão digital, pela limitação ao acesso às tecnologias digitais de informação e comunicação.

A percepção sobre as TDIC na EJA, mostra uma distinção entre o campo da ideia para com a realidade da sala de aula. Tendo um afastamento das práticas pedagógicas que contribuam na valorização das experiências dos sujeitos, gerando assim uma crítica ao modelo

de ensino enquanto estrutura governamental estabelecida. Assim, consideramos como relevante abordar as TDIC no espaço da sala de aula, lançando a responsabilidade para o professor, o qual possui uma proximidade com os sujeitos trabalhadores/empreendedores e que de alguma maneira buscam adaptar os conteúdos a partir da realidade, a qual se modifica conforme as turmas e as vivências dos sujeitos.

4.2 CAMINHOS PARA A INCLUSÃO DIGITAL

Falar de inclusão digital atualmente é fundamental para a construção de uma educação para todos, uma vez que o digital está inserido na realidade dos sujeitos, desde ações individuais, se estendendo às interações em sociedade. A inclusão digital se faz presente nas relações entre quem está inserido no meio e promove a acessibilidade das tecnologias digitais de informação e comunicação, no entanto, se tivermos um olhar para além da caixa social em que estamos inseridos podemos perceber que ainda existem milhares de pessoas que estão às margens de usufruir das TDIC.

A pesquisa realizada pelo IBGE (2019), aponta um aumento dos domicílios com acesso à internet em relação ao ano de 2018, a porcentagem passou de 79,1% para 82,7%, um acréscimo relevante. Mas, o que chama a atenção é que mais de 40 milhões de pessoas não possuem acesso à internet.

O acesso à internet não resume as tecnologias digitais de informação e comunicação, mas é um meio para a conectividade e assim, tornar o sujeito participante das transições que o mercado vem atingindo. Esse acesso representa possuir recursos digitais como celular, computador e/ou *tablet* para se manter conectado e obter informações em tempo real, de forma globalizada e quebrando as barreiras geográficas. Entretanto, nem todo sujeito tem o acesso aos recursos digitais e não possui acesso à internet, o que limita a conectividade para obtenção de informações.

Além do fator econômico, a questão territorial também pode limitar o acesso à internet, principalmente em cidades do interior, locais mais afastados de cidades que impossibilita o acesso pela ausência do sinal de celular, bem como a distribuição de internet, sem contar que os recursos governamentais e até mesmo de instituições privadas não se propõem a tornar o acesso à internet mais acessível em regiões mais distantes.

Na educação a inserção das TDIC, enquanto planejamento se apresenta de forma completa, mas, a realidade se depara pela descontinuidade e limitação dos recursos investidos, tanto aos recursos como equipamentos, quanto aos recursos de treinamento para os professores,

algo que vem sendo implementado lentamente. As salas de informática, por exemplo, possuem equipamentos ultrapassados com versões de programas desatualizados o que limita o processo de ensino e aprendizagem.

As limitações das TDIC no que tange a educação, referem-se à distribuição da verba e sua aplicabilidade, na formação de professores. Percebemos professores e professoras ainda despreparados em relação ao conhecimento das TDIC, o que por sua vez, terão dificuldades ao ensinar aos estudantes que chegam entusiasmados para aprender, mas não possuem um ambiente propício para adquirir conhecimentos necessários e que são demandados no mundo do trabalho.

Nesse sentido, as aulas de informática não devem se limitar a ensinar aos sujeitos a elaborarem currículo, nem utilizar os aplicativos do *Office*, como: *Word*, *PowerPoint* ou *Excel*, entre outras, como uma forma de contribuir para a formação do sujeito, ou ensinando a preparar um currículo está preparando o mesmo para ir em busca de um emprego ou desenvolver o aprendizado usando o computador. Mas, devem ser pensadas nas competências digitais as quais são essenciais para atuarem no mundo do trabalho, dando assim um novo significado para a vida desses sujeitos, uma vez que vão começar a descobrir coisas novas pela presença do digital em sua realidade.

Segundo Cervera e Mon (2011), as competências digitais podem ser consideradas como a soma de habilidades, conhecimentos e atitudes relacionado a aspectos tecnológicos, informacionais, multimídias e comunicativo. E Larraz (2013) comunga com as competências digitais a partir da sua capacidade de mobilizar diferentes alfabetizações para conferir sobre as informações e transmitir o conhecimento, sanando situações da sociedade na busca pela evolução.

As competências digitais se conectam ao domínio das tecnologias e seu conceito pode variar entre os pesquisadores. Com base no estudo de Silva e Behar (2019), compreende o conceito das competências digitais a partir do CHA sigla utilizada para se referir ao conjunto de elementos a saber: Conhecimento, Habilidade e Atitudes, em prol de resolver problemas no meio digital, além do contexto específico ao perfil dos sujeitos.

No desenvolvimento de modelo de competências digitais para a educação voltado para os estudantes, Silva e Behar (2018) elaboram um modelo voltado para a educação a distância o qual até as necessidades desta pesquisa em relação ao mundo do trabalho e as tecnologias, chamado e MCompDigEAD.

O MCompDigEAD com foco no domínio tecnológico está organizado através de um quadro contendo três competências digitais: alfabetização digital, letramento digital e fluência digital, seis áreas do domínio tecnológico: 1. Introdução às tecnologias digitais, 2. Comunicação digital, 3. Gestão da informação em rede, 4. Saúde e segurança digital, 5. Presencialidade e civismo digital e 6. Criação e desenvolvimento de conteúdo digital, quatorze competências específicas, detalhadas através dos conhecimentos, habilidades e atitudes (CHA), totalizando 328 elementos. Cada competência específica possui três níveis de proficiência, 1) Inicial, 2) Intermediário e 3) Avançado com exemplo de casos de uso (SILVA; BEHAR, 2018, p 6).

O modelo de competências estruturado por Silva e Behar (2018), apresenta uma estrutura completa para formação do aluno enquanto conhecimentos digitais, preparando assim o sujeito para a sociedade e seus avanços tecnológicos, a começar pela fase de alfabetização digital, como sendo o primeiro contato e passo fundamental para inclusão e difusão do conhecimento.

Em *“Pedagogia do Oprimido”* Freire (2003) aborda a dialética da inclusão-exclusão que está sempre se transformando conforme as relações sociais que a constituem. A EJA estabelece essa relação, uma vez que jovens e adultos por algum motivo foram afastados do ensino regular e assim, podemos considerar como uma exclusão social, ao privar o sujeito concluir os estudos no tempo regular e após esse processo ingressarem na EJA como um caminho de inclusão para a sua formação e na busca de trilhar novos caminhos.

Dessa forma, a inclusão digital se faz fundamental na caminhada e no desenvolvimento dos sujeitos trabalhadores/empreendedores da EJA. Conforme citam Joaquim; Pesce:

A inclusão digital na educação de jovens e adultos, se configurada como ação cultural para libertação, poderá ter um impacto profundo na vida social dos sujeitos adultos reinseridos no espaço escolar. Isto só será viável, no entanto, se a educação de jovens e adultos for compreendida a partir de uma perspectiva não compensatória, que tenha por base o sentido pleno de educação ao longo da vida. Se dotada desta significação, ela permitirá reconhecer os sujeitos adultos como dotados da capacidade de aprender, de se incluir, social e digitalmente e, portanto, de se empoderar (JOAQUIM; PESCE, 2016, p. 98).

O empoderamento dos sujeitos para uma educação ao longo da vida no digital é uma realidade, uma vez que o conhecimento não se esgota, constantemente surgem novas informações, conteúdos, recursos e inovações que vão fazendo parte do cotidiano dos sujeitos que está em constante aprendizagem quanto as tecnologias digitais de informação e comunicação.

A forma como a inclusão digital se apresenta na EJA, deve ser pensada a partir da autonomia dos sujeitos, compreendendo suas necessidades e conforme o mercado demanda, a fim de proporcionar conhecimentos condizentes com a realidade e que possam ser aplicados no

mundo do trabalho, não sendo mais um conteúdo programático que sirva apenas para o espaço escolar.

Para tornar o empoderamento dos sujeitos uma realidade, é preciso articular ações de curto, médio e longo prazo, desde sua idealização na instância governamental se estendendo a ações locais na estruturação do currículo, na gestão pedagógica, na formação de professores e nas estratégias de atrair e manter os estudantes engajados para adquirir os conhecimentos necessários para sua formação. Permitindo assim, uma preparação dos sujeitos por parte de toda comunidade escolar e pelo desejo dos sujeitos em aprender. Quando se tem boas condições de estrutura e infraestrutura à espera dos estudantes, se torna cada vez mais atrativo a permanência dos sujeitos na escola.

Os sujeitos da EJA, em sua maioria trabalhadores/empreendedores, escolheram voltar à escola, mesmo com todas as demandas de trabalho e responsabilidades as quais demandam muito esforço físico e mental pela rotina diária. Esse gesto de determinação demonstra a força de vontade desses estudantes em aprender e adquirir conhecimentos para mudar sua realidade.

Ao buscar novas oportunidades de transformação e gerar impactos para além de adquirir conhecimento e ter uma formação no ensino, mas também nas relações de amizade, incentivo entre os colegas para manter a permanência, motiva ainda mais o retorno e compromisso com os estudos. A EJA nas suas particularidades proporciona uma esperança de melhores condições de trabalho e abre as portas para o empreendedorismo.

De acordo com Santos (2006) os espaços “multirreferenciais” de aprendizagem, criado em prol da formação de diferentes grupos, oportuniza a compreensão dos saberes em diferentes dimensões do conhecimento como sociais, políticos, econômicos e educacionais, a partir de uma construção coletiva e participativa, levando em consideração os saberes individuais adquiridos ao longo da vida.

Com a pandemia o país sofreu o processo de aceleração e a necessidade da aplicabilidade de ações para inclusão digital. Assim, um diálogo foi proposto de como inserir o digital na EJA e precisou ser vivenciado na prática, para fins de comunicação no processo de ensino e aprendizado. As escolas e professores se articularam da forma que dava para manter os estudantes participativos, mesmo que distantes, visto que a comunicação era realizada estritamente por recursos digitais como vídeo chamada e pelo *WhatsApp*, entre outros.

Realizar aulas de forma *online* para estudantes da EJA é um desafio tendo em vista a realidade dos sujeitos integrantes, em que possuem uma limitação no acesso à internet, a falta de um aparelho adequado, e assim, tornou-se um desafio vislumbrar uma educação igualitária para todos, uma vez que parte da turma não conseguia participar das aulas.

A realidade advinda do COVID-19, reforça a necessidade de identificar novos caminhos para a inclusão digital. Ao proporcionar aos sujeitos o acesso aos recursos necessários para um aprendizado formador, refletindo as possibilidades do empoderamento no mundo do trabalho, tornando sujeitos capazes de impactar positivamente na sua formação e transformando o meio no qual estão inseridos.

4.2.1 O Digital para os Sujeitos Trabalhadores/ Empreendedores na EJA

Os sujeitos trabalhadores/empreendedores da EJA, que frequentam os espaços escolares, estão em busca de oportunidades para mudar ou melhorar a qualidade de vida. Para tais resultados é necessário um diálogo entre gestão escolar, professores e estudantes, para compreender a realidade econômica, social e cultural que os envolvem, e assim, traçar estratégias para corroborar com o desenvolvimento do ensino no espaço escolar.

Manter a atenção dos sujeitos no espaço escolar se tornou um desafio, uma vez que o digital apresenta diferentes mecanismos de distração, um exemplo disso é o uso do celular que muitas vezes é proibido no espaço da sala de aula, com o intuito de evitar a distração dos estudantes, para que eles tenham mais atenção e concentração à aula. Essa ação tem controvérsias e pode ser vista como um retrocesso no caminho para avançar com as tecnologias digitais de informação e comunicação na educação.

É preciso repensar a forma de ensino com base nos recursos digitais que estão disponíveis, mesmo que esses recursos se apresentem de forma limitada, o que é uma realidade na maioria das escolas públicas no Brasil. A esse respeito, vale destacar o papel do docente e sua relação com a tecnologia digital de informação e comunicação na contribuição para o ensino na EJA, seja, síncrono ou assíncrono.

Segundo Dantas (2019) a formação de professores a partir de uma perspectiva envolvendo as políticas públicas em prol da valorização da EJA e dos sujeitos da EJA, são:

As políticas públicas voltadas para formação de professores devem desencadear mecanismos de reflexão sobre a própria prática dos docentes de forma a integrar o ensino às demandas específicas de aprendizagem dos educandos jovens, adultos e idosos e diversificar as práticas educacionais. É preciso que os professores e gestores deixem de ver os estudantes da EJA como “coitadinhos”, “alienados”, “deserdados pela sorte”, e comece a vê-los como sujeitos históricos, que têm experiências, histórias, memórias enriquecedoras, são construtores do seu processo de aprendizagem, como trabalhadores capazes de construir e transformar o seu próprio destino (DANTAS, 2019, p. 33).

As práticas educativas devem ser pensadas a fim de valorizar o ensino, voltado para um pensamento prático, mas levando ao pensamento reflexivo, uma vez que o processo de ensino e aprendizagem possui variáveis que nos levam a questionar como se inter-relacionam. Para efeito educativo é necessária uma interação com base nos fatores inter-relacionados os quais envolvem o ensino como aspectos culturais, metodologias aplicadas, relações sociais com o intuito de compilar informações, em prol do aprimoramento de metodologias ajustadas à realidade dos sujeitos, na construção do conhecimento e valorização dos mesmos (ZABALA, 2015).

O digital se faz presente nas práticas educativas e pode ser explorado de diferentes formas, como por meio das metodologias ativas que é composta por diferentes métodos de aplicação, e são consideradas como estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível, interligada, híbrida (MORAN, 2015).

A participação dos sujeitos trabalhadores/empreendedores no espaço escolar é um marco de reconhecimento histórico, social e cultural, de valorização e compreensão dos papéis que estes sujeitos representam na sociedade. Proporcionando aos sujeitos novas possibilidades de aprendizagem, e corroborando para a construção de uma postura reflexiva e crítica, despertando assim o reconhecimento dos seus direitos, a fim de tornar os sujeitos trabalhadores/empreendedores protagonistas.

O processo de ensino e aprendizagem pode ser conduzido de diferentes formas, se caracterizando a partir de estruturas como a disciplinaridade que se refere ao aprendizado por partes, em que as disciplinas e seus conteúdos não dialogam. A multidisciplinaridade que é um passo além da disciplinaridade e ocorre quando um determinado fenômeno a ser analisado solicita o aporte de várias disciplinas para aplicá-lo. No entanto, essas disciplinas não dialogam entre si.

Já na interdisciplinaridade incentiva a produção de conhecimento científico novo a partir de duas ou mais áreas do conhecimento interagem para tal. Permitindo assim, uma nova visão da realidade a partir do diálogo entre as disciplinas. E para completar, tem a transdisciplinaridade ainda no campo da ideia, se refere a temáticas que ultrapassam a própria articulação entre as disciplinas, indo para além delas, sem se preocupar com limites ou fronteiras, mas integrando em sua investigação outros modos de conhecimento. Procura a abertura de todas as ciências e as atravessa.

Dentre os campos abordados, destaca-se a interdisciplinaridade como um caminho a ser trilhado na EJA, partindo do princípio que os sujeitos voltam ao espaço escolar como forma

de buscar novas oportunidades para o seu crescimento e consecutivamente melhores condições para a sua família, ingressando no mundo do trabalho. Por isso, torna-se fundamental investir em metodologias que visem à valorização destes sujeitos com base em sua realidade (FERREIRA, 2021).

A interdisciplinaridade é capaz de proporcionar a interação entre os sujeitos, suas realidades por meio de troca de experiências, permitindo que as aulas sejam mais prazerosas, menos densas e com maior capacidade de aprendizagem compartilhadas entre os estudantes, incluindo assim, a troca de experiências com base no digital que está presente a todo momento.

O celular, por exemplo, não pode ser facilmente ignorado durante as aulas, como um recurso a ser excluído por atrapalhar a concentração do sujeito, mas pode ser inserido como recurso na aula, como ferramenta de pesquisas, na busca por experimentos e/ou principalmente como canal de renda para os sujeitos trabalhadores/empreendedores.

Com isso, preparar os sujeitos trabalhadores/empreendedores da EJA, para o mundo do trabalho é necessária uma ação coletiva da escola com as tecnologias digitais de informação e comunicação, ao pensar formas de agregar os conteúdos programáticos às TDIC no processo de formação dos sujeitos. É o casamento perfeito para munir os sujeitos dos conhecimentos necessários para estarem preparados para o mundo do trabalho o qual está cada vez mais dependente das tecnologias.

Os sujeitos trabalhadores/empreendedores estão inseridos no mundo do trabalho, seja no mercado formal ou informal, o intuito é a geração de renda para manter o seu sustento, e ao escolherem retornar os estudos na EJA é um caminho para transformar a realidade em que vivem. Se ao chegar no espaço escolar se deparam com o incentivo significativo, eles serão motivados a trilharem caminhos e realizar sonhos. Assim, o empreendedorismo proporciona essa sensação de estar trabalhando com o que se gosta, sendo uma escolha diária na realização dos seus sonhos.

O empreendedorismo na EJA, se destaca a partir do empreendedorismo social e pode ser abordado como alternativa para a obtenção do desenvolvimento socioeconômico comunitário, atrelado às tecnologias digitais de informação e comunicação que proporcionam aos sujeitos utilizar suas habilidades e recursos em prol de um empreendimento capaz de impactar a comunidade em que está inserido, valorizando aspectos culturais e históricos (GOMES; DANTAS, 2020).

Ao abordar sobre o digital para os sujeitos trabalhadores/empreendedores da EJA e as práticas educativas como alternativa, principalmente como proposta de tornar os sujeitos livres e atentos à realidade do mundo do trabalho, os tornam protagonistas de suas histórias, ao

compreender suas capacidades na realização de sonhos, desvendando habilidades e o que gostam e não gostam de fazer.

Tornar os sujeitos independentes e capazes de escolher no mundo do trabalho o que tem interesse de realizar, seja como trabalhador regular ou empreendedor, o ponto principal a se chegar é na autonomia dos sujeitos, para se sentirem empoderados e capazes de realizar o que desejam. Assim, o digital pode contribuir no rompimento das crenças limitantes e ampliar os horizontes para o trabalho na EJA.

5 O DIÁLOGO ENTRE O MUNDO DO TRABALHO E O USO DE TDIC NO DESENHO DIDÁTICO PEDAGÓGICO

Este capítulo aborda o diálogo entre as temáticas que envolvem a pesquisa, sobre mundo do trabalho, o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) em volta da Educação de Jovens e Adultos, partindo dessa compreensão para abordar como se aplicam em um Desenho Didático Pedagógico, conforme o objetivo específico que busca mapear e discutir referenciais de articulação dialógica, entre a temática do trabalho e o uso de tecnologias digitais de informação e comunicação na EJA.

Para Freire (1980), tudo parte do diálogo e tudo volta para o diálogo, nas relações entre as pessoas, estabelecendo o conhecimento como ponto de partida, mas que também é ponto de chegada. O diálogo de uma pessoa para com a outra vai estar em constante transição em alguma coisa que se tem para ensinar como para aprender. Sendo um movimento de aprendizagem, entre mudar a visão de mundo e/ou de reafirmar sobre ele.

Com o olhar em relação à educação entre educador, educando e as influências dos movimentos sociais o diálogo se estabelece, segundo Arroyo (2003, p. 45) “entre lógicas precisas e imprecisas para todos chegarem ao estágio humano e político perfeito, a consciência precisa”. Essa abordagem expressa a esperança de que, com o tempo, o diálogo contribua para a verdadeira consciência de como funciona o mundo e a sociedade ou como deveria ser.

O Diálogo na educação é essencial nas relações de comunicação, do aprendizado, da troca de experiências. Atuando nos conflitos em combate ao “antidiálogo” o qual não comunica, faz comunicados. A educação antidialógica se trata apenas da imposição de ensinamento, sem que haja de fato um diálogo de compreensão, uma relação de troca entre o educador e o educando (FREIRE, 1980).

Em complementação sobre o diálogo, faz parte do construto que define a epistemologia da complexidade abordada por Morin em suas obras, com uma abordagem analítica, possibilitando a articulação de ideias, até mesmo uma visão antagônica, mas que também pode ser considerada complementar e possibilita a realização de diferentes saberes.

Explorando as diferenças do conhecimento não como contradição, mas revelando sua complexidade, não atingindo uma síntese conclusiva. O diálogo pode ser abordado enquanto consciência entre as pessoas relacionadas e como agente de transformação gerando ações de mudança e contribuição. (MORIN, 1990, 1996, 2011).

Refletindo sobre o diálogo no contexto da educação, enquanto Arroyo (2003, 2017) expõe o diálogo a partir das ações, em dialogar com a realidade do sujeito, especialmente nas áreas mais vulneráveis, respeitando os diferentes ciclos de aprendizagem para a formação do cidadão. Pensamentos que comungam com a abordagem Freire (1980, 2002, 2005) do diálogo como um movimento de aprendizagem capaz de mudar a visão de mundo, levantam questionamentos com o mundo, curiosidade permanente diante do mundo e seus movimentos.

Diferente do pensamento de Morin (1990, 2011) que aborda o diálogo como uma consciência crítica e de autoformação. Tais observações sobre o diálogo, mesmo que diferente, pode ser considerado como ponto de encontro, não sendo um ponto em comum, mas um momento de exposição dos pensamentos, apresentando perspectivas que podem ser consideradas complementares.

Com base na compreensão do diálogo, e seu papel na educação, enfatiza-se aqui a educação de Jovens e Adultos e sua busca por novas perspectivas no mundo do trabalho e as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) transformando a realidade a partir do conhecimento.

Dessa forma, o capítulo se encontra subdividido em três partes, na primeira parte é abordada a didática na EJA para o mundo do trabalho, discutindo assim a partir de Freire (1980, 2002, 2005) e Arroyo (2003, 2017) a relação trabalho e educação.

Seguindo assim, para a abordagem do Desenho Educacional com o uso das TDIC, em que é discutido o uso das tecnologias na EJA a partir dos autores Zacarias (2017), Santos (2014), Ferreira (2009), enquanto desenho educacional a partir de Filatro (2004, 2008) abordando planejamento e desempenho.

Na terceira parte é contemplado a partir dos estudos dos principais autores utilizados no mapeamento e discussões das temáticas estudadas, já voltado para a concepção do produto deste trabalho, destacando o Desenho Didático Pedagógico com o uso das TDIC para empreender, alinhado ao aprendizado ao longo da vida.

5.1 DIDÁTICA NA EJA PARA E SOBRE O MUNDO DO TRABALHO

A didática no processo educativo dos sujeitos, tendo um papel fundamental voltado para o aprendizado a partir do meio social, na valorização dos conhecimentos da vivência dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos - EJA. Sendo assim, abordado aqui o que se ensina e como se ensina na EJA para o mundo do trabalho. Em compreensão da sua aplicabilidade, destacando inicialmente o significado da palavra "didática" que é definido como: "1) Técnica

ou arte de ensinar, de transmitir conhecimentos. 2) Ramo ou seção específica da pedagogia que se concentra nos conteúdos do ensino e nos processos próprios para a construção do conhecimento; ciência e arte do ensino” (MICHAELIS, 2022).

Quando o assunto é EJA não existe formação pedagógica na graduação específica para atuar nessa modalidade de ensino, faltam questões fundamentais, como uma didática diferenciada, metodologia ativa, ações eficientes e elaboradas de forma positiva, respeitando as dimensões culturais e sociais do sujeito, através de uma educação humanizada como eixo voltado para o cognitivo e afetivo do jovem e adultos que se encontra inserido no sistema educacional.

A EJA exige atitudes protagonistas dos educandos dentro da sala de aula, Freire (2002, p.70) salienta que ensinar na modalidade EJA exige um educador que seja “coerente, competente, que testemunha seu gosto de vida, sua esperança num mundo melhor, que atesta sua capacidade de luta, seu respeito às diferenças, sabe cada vez mais o valor que tem para a modificação da realidade”.

Com as rápidas mudanças no mundo contemporâneo, surge uma nova concepção sobre a EJA que traz para o ambiente educacional questões voltadas ao processo histórico e social, que abrangem a volta do sujeito aos estudos e estão relacionadas à competitividade que o mundo do trabalho exige.

O educador da EJA necessita pensar constantemente na sua didática, procurando melhorar cada vez mais a sua prática docente, levando em consideração a EJA, como uma modalidade que tem como objetivo proporcionar aos sujeitos a igualdade de oportunidades, permitindo que sejam reingressados ao sistema educacional. Os sujeitos da EJA passam muitas vezes por um processo contínuo de ingressos e desistências, assim para um jovem ou adulto ir para a escola é derrubar barreiras, criar um projeto de vida (BRASIL, 2005).

Diante deste contexto, o educador da EJA necessita desenvolver uma didática condizente com a realidade dos sujeitos, cumprindo assim sua principal função de preparar os jovens e adultos para o exercício da cidadania e ao mesmo tempo para o mundo do trabalho, pois a modalidade EJA necessita de mudanças que sejam de fato significativas para garantir a permanência dos estudantes e combater a evasão (BRASIL, 1997).

Portanto, a didática na modalidade EJA, deve ser desenvolvida com novas técnicas e métodos articulados ao lado da tecnologia, levando em consideração o cotidiano dos sujeitos e o mundo com a tecnologias digitais (SOBRAL; LISBOA; TEIXEIRA, 2019) voltada à formação de um sujeito com autonomia ética, intelectual, política e ao mesmo tempo humana.

Morin (2001) afirma que infelizmente, a educação nos dias atuais ainda visa, com raríssimas exceções, tão simplesmente, à transmissão do conhecimento, mostra-se cega quanto ao que é conhecimento humano.

Portanto é necessária uma educação que mostre que não há conhecimento que não esteja ameaçado pelo erro e ilusão, desta forma é preciso que a educação consiga armar cada indivíduo da EJA para um combate vital em direção a lucidez (MORIN, 2001), uma lucidez que está “pautada no princípio educativo de trabalho e deriva desta sua especificidade de ser uma atividade necessária desde sempre a todos os seres humanos. O trabalho constitui-se, por ser elemento criador da vida humana, num dever e num direito” (FRIGOTTO, 2001, p. 73).

Diante deste contexto a educação EJA modela aptidões, muda os comportamentos, melhora as atitudes dos jovens e adultos, criando novos valores e conceitos que são fundamentais a cada nova organização social, Arroyo (2017) destaca que outros sujeitos sociais são necessários e se fazem presentes em ações coletivas e novos movimentos, trazem e exigem outras pedagogias.

Com novos movimentos e outras pedagogias, o sistema educacional se transforma em um ambiente adaptado a realidade dos jovens e adultos, possibilitando que se encontrem e se realizem, pois uma formação pensada de forma consciente irá contribuir para que os sujeitos se posicionem na sociedade, o que também compreende o mundo do trabalho, mas sem restringir-se simplesmente a ele, desta forma dão continuidade aos estudos e cada vez mais ocupando espaços de destaque na sociedade em que estão inseridos até então vistos como privilegiados.

A partir de uma didática diferenciada, o ambiente escolar se transforma e passa a assumir um papel relevante na evolução dos sujeitos da EJA enquanto formador de opinião, pois é mediante a uma nova didática que a prática se estrutura os educandos adquirem pensamento crítico, passam a questionar sobre o mundo do trabalho e todo o contexto social em que estão inseridos. A educação é responsável por fazer a mediação entre os saberes e valores que são considerados essenciais para a formação do cidadão, tornando-o mais responsável no desenvolvimento de atitudes relacionadas ao pensamento, tecnologia e trabalho.

Assim, a educação se torna uma educação libertadora, emancipadora, com bases na democracia e na justiça, sendo necessário uma “educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática” (FREIRE, 1980, p. 89), cabe ao sistema educacional que assuma sua real condição, sendo democrática e acolhedora de todos, transformando o ambiente, valorizando o próximo, procurando estabelecer igualdade e ao mesmo tempo fortalecer o mundo do trabalho.

Por conseguinte, para se chegar a base defendida por Freire, se faz necessário conhecer e ao mesmo tempo pensar criticamente como se desenvolveu o movimento mundo do trabalho e EJA, com políticas educacionais voltada para a minoria social, proporcionando a eles valores democráticos, que são fundamentais para estabelecer e destacar a solidariedade, pois esses jovens e adultos voltam para a sala de aula, para conseguir muitas vezes uma melhor colocação no mercado de trabalho o que não é possível devido a sua baixa escolaridade.

A EJA, portanto, é vista como uma modalidade de ensino que traz como perspectiva o mundo do trabalho, pois muitos sujeitos procuram a formação tendo esta concepção em vista, sendo então necessário converter educação e mundo do trabalho em um objeto de reflexão, diálogo e ao mesmo tempo crítica e análise, para que os sujeitos se apropriem da real compreensão do que é trabalho como uma forma constitutiva da natureza humana, pois no final todos buscam pelo autoconhecimento nesse que é fundamental para os sujeitos.

Arroyo (2017) salienta que é necessário conhecer outros sujeitos, outras pedagogias, que fazem parte do movimento social e que são autores da concepção pedagógica e que trazem várias interrogações e constroem outras pedagogias procurando a emancipação e a humanização dentro do sistema educacional, caminhando para uma educação libertadora, que não transfira simplesmente o conhecimento e a preocupação com o mundo do trabalho, pois os sujeitos da EJA não devem ser visto como indivíduos passivos, de uma educação arcaica e bancária.

Freire (1980) já afirmava que uma educação problematizadora coloca o sujeito em uma situação que exige superação tanto na condição de educador como educando, pois se não houver uma educação de qualidade, não é possível estabelecer uma relação dialógica, relação que indispensável aos indivíduos que são semelhantes, fazendo com que procurem novos desafios relacionados à educação, inovação e mundo de trabalho.

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018) veio para fundamentar e definir as competências gerais, que os educandos necessitam desenvolver durante sua trajetória educacional básica, ela entrou em vigor em 2018, e procurou focar no estudante como protagonista de sua aprendizagem, com voz e participação nos processos educacionais, desta forma é necessário que os sujeitos consigam:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018, p. 14).

Diante do que foi exposto na BNCC (BRASIL, 2018), observa-se que o sistema educacional tem a função de repassar conhecimentos e habilidades, que são necessárias para a formação humana e integral dos sujeitos, mas não contempla a EJA, deixando lacunas no sistema educacional, já que a aprendizagem dos adultos são diferentes das crianças, sendo necessário atender às necessidades individuais, com práticas pedagógicas eficiente para que realmente os educandos se desenvolvem de forma adequada, para exercer a cidadania e seu lugar no mundo do trabalho.

Desta forma, os educandos jovens e adultos se mostram presentes e reagem ao silêncio, deixam de ser subordinados nas relações de poder e dominação, criam novas vivências, alocam uma nova ordem social, política, cultura e ao mesmo tempo pedagógica, aprendem a se relacionar com outros sujeitos, trocam experiências, e procuram uma pedagogia de libertação (ARROYO, 2017).

Nota-se que para que a formação humana na modalidade EJA seja considerada adequada é necessário compreender o trabalho como um dos princípios educativos, sendo um tema recorrente na educação dos jovens e adultos, e considerado por muitos educadores como um alicerce que reflete a necessidade e a natureza da formação humana, Marx (1983, p. 218) afirma que o “trabalhador, durante toda sua vida não é se não força de trabalho, razão pelo qual todo o seu tempo disponível é, por natureza e por direito, tempo de trabalho, que pertence, portanto, à autovalorização do capital”..

Para Marx (1983) o processo de humanização é construído a partir do trabalho do indivíduo, e considerado uma atividade que o diferencia das outras espécies, desta forma o trabalho passa a ser compreendido como uma ação humana e passa a ocupar um local de destaque, sendo essencial para a existência e preservação dos indivíduos, necessitando fazer parte do processo formativo, procurando integrar os sujeitos da EJA dentro do contexto social, pois o trabalho apresenta elementos que satisfazem a necessidade humanas e que abordem um novo desenho educacional, com o uso de novas tecnologias digitais.

Dessa forma, a compreensão de didática na EJA para o mundo do trabalho, não se limita a uma formatação específica, como uma técnica engessada. Mas, parte da compreensão da realidade dos sujeitos. Basta um olhar mais atento às questões culturais e sociais por parte do educador para com os sujeitos a fim de uma construção de prática pedagógica mais acolhedora a essa realidade.

E assim, poder integrar para além do mundo do trabalho, o uso das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) a qual a presente pesquisa busca abordar sua

aplicabilidade enquanto desenho didático educacional, evidenciando os sujeitos enquanto protagonistas a partir de suas experiências.

5.2 DESENHO EDUCACIONAL COM O USO DAS TDIC

A sociedade contemporânea é caracterizada pelas tecnologias digitais, utilizando dispositivos como o computador, o celular e o acesso à internet. Vivemos em um mundo de múltiplas linguagens, onde o computador e o celular são os principais recursos, e estão tomando cada vez mais espaço, nas pesquisas manuais, na escrita, nos meios de informação e comunicação, diante deste contexto Ferreira (2009) que a EJA mesmo sendo considerada como modalidade de destaque nas políticas educacionais, ainda sofre com a deficiência na rede regular de ensino, com a nova vertente educativa e ainda estão pautadas em ações de assistencialismo.

Diante do que foi exposto, os sujeitos da EJA não têm acesso a esses dispositivos e a uma educação de qualidade, se torna excluído da sociedade, que por consequência acabam também perdendo oportunidades no mercado de trabalho, para ganharem uma vida digna com direito aos bens de produção, sendo necessário inseri-los na sociedade contemporânea, pois esses sujeitos jovens e adultos geralmente sofrem preconceitos, gerando desconforto e insegurança diante das pessoas letradas.

Diante deste contexto, a Declaração de Hamburgo em 1997 (UNESCO, 2004), salienta que a educação é a chave para o século XXI é uma das condições para a plena participação na sociedade, a educação de adultos consegue modelar a identidade do sujeitos, dando significado a sua vida, mas para que de fato a educação seja significativa para esses sujeitos, se faz necessário metodologias eficazes que valorizem as suas vivência e os incluam digitalmente e socialmente no mundo, sendo fundamental para o educador ter sempre em mente um desenho educacional voltado para esses sujeitos.

O desenho educacional é fundamental no planejamento, preparação, projeção, produção e publicação de textos, utilizando imagens e sons adequados, simulando experiências e atividades com alicerce nos suportes virtuais, portanto para o desenvolvimento de uma proposta de design instrucional é necessário “ações intencional de planejar, desenvolver e aplicar situações didáticas específicas incorporando mecanismos que favoreçam a contextualização (FILATRO,2004, p. 103)”.

Para Santos (2014, p. 44) contextualizar é uma “condição do homem, ao agir sobre o mundo construindo conhecimento, remete à compreensão de que o objeto do conhecimento, é,

pois, uma criação do sujeito, entremeado de subjetividade”, interagindo e buscando uma inteligência de forma coletiva, onde todos interagem e trocam conhecimento. Nesta concepção o uso das TDIC,

possibilita a produção de um conhecimento histórico social que parte das relações históricas entre os sujeitos, numa ação comunicativa e dialógica. Uma condição humana rompe com a concepção anteriormente existente, em que conhecimento e técnica caminhavam por vias distintas. O homem reflete sobre o conhecimento, e esta reflexão se ressignifica, partindo do pensar, enquanto condição física, para um pensar como uma ação do homem sobre o mundo (SANTOS, 2014, p. 45).

Assim, as novas formas de se relacionar possibilitam a construção do conhecimento e uma forma de habitar o educando da EJA para o mercado de trabalho, construindo habilidades digitais. De acordo com Ramos e Ramos (2020) construir habilidades digitais, adaptar-se a modelos de aulas online, como estratégia essencial para o desenvolvimento do trabalho pedagógico, focando no processo de aprendizagem e necessidades educativas dos sujeitos da EJA, por isso a necessidade de desenvolver um desenho educacional.

Para que o desenho educacional seja eficiente, é necessário planejamento do projeto pedagógico, tendo como função criar conteúdos e recursos para que o educador crie experiências significativas em sala de aula, pois as TDIC atualmente estão presentes em todos os momentos no cotidiano do ser humano, e cada vez mais é necessário o uso das ferramentas no processo de ensino-aprendizagem.

A utilização de desenho educacional, trouxe evolução para a educação, é indispensável que os sujeitos da EJA tenham acesso as tecnologias para que não haja a exclusão digital. Portanto é necessário compreender os princípios e diferentes estilos de aprendizagem ao se pensar em desenho educacional para a EJA, porque as teorias de aprendizagem constituem-se fonte de saber para pensar o processo educativo e criar estratégias. (RAMAS; RAMOS, 2020)

Hoje em dia com a disponibilidade da internet a sala de aula deixou de ser o único recurso disponível, com grande inovações tecnológicas e novos equipamentos aplicados no processo ensino e aprendizagem, a sociedade foi sentindo cada vez mais o impacto das TIDC o mundo se globalizou, e muitos jovens e adultos pararam no tempo, não deram sequência a um aprendizado contínuo, e retornam a escola necessitando de um conjunto de processos e situações de aprendizagem mediadas pela tecnologia (ROMISZOWSKI; ROMISZOWSKI, 2005).

A inclusão digital é um ato necessário na educação, pois afirma o desejo de convívio universal, ampliando trocas de cultura, transformando e orientando a construção de saberes para

que os sujeitos da EJA estejam aptos a utilizar a informação dos meios digitais para organizar o conhecimento.

Portanto, a modalidade EJA preconiza novas práticas pedagógicas, com papel de democratizar a educação, trazendo um desenho educacional mais interessante e a conveniência da escolha, por parte dos sujeitos, de horários e locais para que consigam estudar e participar de atividades.

Assim com a utilização do desenho educacional com o uso das TIDC as aulas ganham dinamicidade e interatividade por meio dos sons, vídeos e imagens, atraindo assim, os jovens e adultos para a busca do conhecimento. O Educador tem a sua disponibilidade softwares educativos para auxiliá-lo no processo de ensino. Contudo, para utilizar essas ferramentas é preciso uma capacitação dos educadores e o ambiente educacional possuir recursos para adotá-los, avaliar o melhor software para a realidade do educando.

Lazarte (2000) salienta que os componentes essenciais para a utilização de um desenho educacional com o uso das TIDC, não devem considerar apenas à infraestrutura e as ferramentas, mas, principalmente, a habilitação dos sujeitos para manusear os meios de comunicação e informação, como também, a oportunidade de uma vinculação no decurso de elaboração e compartilhamento.

Diante deste contexto, “a forma de se proporcionar este acesso deve estar integrada às condições locais existentes, em termos de suas organizações, tanto quanto em seus referenciais culturais. Centros de produção, criação e compartilhamento cultural” (LAZARTE, 2000, p. 48).

Seguindo o pensamento de Freire (1982, p. 46), “o educador há que viver como um ser molhado de seu tempo”. Ou seja, o educador precisa estar sempre em formação continuada, estar atualizado com as tecnologias, usar essas ferramentas como instrumento de trabalho e preparar os educandos para o convívio em sociedade. Com a utilização das TIDC o educador proporciona o conhecimento constante aos educandos através de um ambiente virtual, incorporado às práticas pedagógicas através do desenho educacional.

Por conseguinte, as instituições de ensino precisam estar relacionadas aos demais ambientes sociais e integrar os meios digitais de informação e comunicação, Arroyo (2017) cita que a diversidade de confrontos relacionados ao campo do conhecimento, valores, saberes, cultura fazem parte da formação de sociedade, que necessitam serem reconhecidas e discutida dentro do ambiente educacional seja presencial ou online.

O foco central no desenho educacional é a inserção das ferramentas digitais na modalidade EJA para melhorar as práticas pedagógica e preparar os educandos para o convívio social, com as ferramentas digitais o ambiente educacional se torna mais atrativo e lúdico,

levando o educando a desfrutar das informações obtidas através dos softwares e pesquisas na internet, sentido, Lévy (1998, p. 24) afirma:

Poucas inovações tecnológicas provocaram tantas mudanças em tão pouco tempo na sociedade como as novas tecnologias de informação e comunicação –TIC. Dentro dessas mudanças está incluída a educação. Novas maneiras de pensar e conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática”.

As TIDC estão cada dia estão mais atualizadas, o educador pode utilizar isso a seu favor, criar, experimentar e utilizar sites educativos adaptados à realidade dos sujeitos, objetivando promover uma educação ativa, participativa e atrativa, pois a interatividade não é somente uma função da tecnologia utilizada pelo educador, mas sim a interação que está prevista no desenho educacional, pois em “qualquer prática pedagógica do ensino e aprendizagem percebe-se um mundo complexo que não pode ser explicado por disciplinas fragmentadas, limitadas (ZACARIAS, 2017, p. 29).

Para que o educando da EJA, consiga posicionar-se diante dos fluxos da comunicação entre mídia e outros âmbitos da sociedade, fazem-se necessário que o ambiente educacional e o educador insiram as TIDC e olhem o educando da EJA como indivíduos participativos no processo ensino-aprendizagem, incitando-os a trabalharem utilizando a internet, estimulando-os a encarar as novas vivências no mundo globalizado.

De acordo com Da Costa *et al* (2020) cita que a qualidade de ferramentas digitais torna o processo de aprendizagem significativo, dinamizam as aulas, contribuem de forma significativa dentro e fora da sala de aula, despertam a curiosidade e contribuem para o aproveitamento de novos conhecimentos e cultura extraclasse.

O desenho educacional com o uso das TDIC, é a forma adequada para enfrentar a transição da educação bancária e arcaica para a educação digital, que renova constantemente as informações durante as aulas, instigar os sujeitos no desenvolvimentos das suas habilidades e capacidade de converter informação em conhecimento, não só para realização de pesquisas e a busca por respostas prontas, mas induzi-lo a evolução das competências socioeducativas, propiciando autonomia e criticidade, como também, o educando, passa a interagir nas aulas, deixando de ser um agente passivo, assim a “utilização das TDIC em múltiplas atividades do convívio humano é um processo inerente ao avanço tecnológico ao longo das últimas décadas” (ZACARIAS, 2017, p. 35).

Portanto, é necessário um desenho educacional interativo que crie possibilidades de participação através da construção coletiva do conhecimento, onde educando e educador

dialogam e fazem a interação prevista no desenho pedagógico, os quais definem a escolha das TIDC em função do educando da EJA e do acesso.

O desenho educacional utilizado as TIDC trazem inovação e acessibilidade para novas práticas pedagógicas, o educador tem a opção de escolher a que se encaixa melhor na classe e levar inovação e novos aprendizados para seus educandos, como por exemplo, a sala de aula invertida, o ensino através dos games ou projetos.

Com foco na EJA, essas ferramentas podem ajudá-los a se manterem atualizados e conectados mesmo não estando em sala de aula. Através, do desenho educacional são disponibilizados em plataformas virtuais com recursos para a criação de grupos de trabalho online, nos quais os educandos podem compartilhar informações, tirar as dúvidas e interagirem através de redes sociais, blogs e espaços de trabalho onde possam exercer interação com arquivos sincronicamente como os *google drive*, *one drive*, *dropbox*, entre outros.

Enquanto, para os educadores há softwares que facilitam a administração das aulas, como é o caso do *google classroom*, onde o professor pode compartilhar os conteúdos e atividades com seus educandos e tirar as dúvidas a qualquer momento, como cita Morin (2001) é necessário civilizar teorias e dialogar com as ideias.

5.3 DESENHO DIDÁTICO PEDAGÓGICO COM USO DAS TDIC PARA EMPREENDER

O desenho didático pedagógico auxilia o educador no planejamento das aulas, mas para que seja de fato eficiente, é necessário pensar por trás dos conteúdos que deverão ser trabalhos e as metodologias utilizadas, sendo necessário um design educacional que será o responsável por criar novas experiências e colaborar com a absorção do conhecimento, gerando benefícios para que o ensino esteja sempre inovando.

Filatro (2008) define design educacional, como uma ação intencional e sistemática de ensino que envolve planejamento, didática, conhecimento, aprendizagem humanas, procurando identificar problemas de aprendizagem e assim elaborar um desenho didático, implementando e avaliando situações problemas.

O desenho didático pedagógico estrutura o planejamento para o ensino e aprendizagem em estágios distintos, que tem como princípio um design contextualizado que envolvem ações como: a) análise que envolve a identificação de necessidades de aprendizagem, procura definir objetivos e solucionar possíveis problemas, b) design e desenvolvimento, esse estágio ocorre a partir da elaboração de materiais e produtos instrucionais, c) implementação é uma etapa importante, pois é a responsável pela ambientação de educador e educando realizando situações

que envolvem o ensino e aprendizagem, e para finalizar d) a avaliação, neste estágio é fundamental o acompanhamento, revisão e manutenção de todo sistema propostos. (FILATRO, 2004);

Diante deste contexto, o design educacional a ser abordado será o contextualizado, mas para ser eficiente, ele deve ser entendido e representado de forma gráfica, para melhor entendimento, assim se faz necessário abordar uma matriz instrucional., que de acordo com Filatro (2008) envolve um conjunto de ações que devem trazer objetivos, os responsáveis por cada atividade executada, tempo estimado para conclusão, ambiente onde irá acontecer as atividades, ferramentas utilizadas, conteúdos que deverão ser trabalhados, produções dos educandos envolvidos, e para finalizar a avaliação.

Diante do que foi exposto Filatro (2008) cita que uma matriz de design instrucional, é um documento que apresenta informações importantes e detalhadas sobre as atividades desenvolvimento durante o desenho educacional, a matriz é um eixo claro na comunicação entre todos os envolvidos e responsáveis pelo desenvolvimento de uma visão detalhada e dinâmica da atividade, o quadro 4 abaixo apresenta uma Matriz de design instrucional.

Quadro 4: Matriz de Design Instrucional

The diagram shows a 9x9 grid representing the Instructional Design Matrix. The columns are labeled: Unidade, Tema, Objetivos, Papel, Atividade, Conteúdo, Ferramentas, Duração, and Avaliação. Above the grid, two boxes provide context: 'Identificação da unidade com o seu tema.' points to the first two columns, and 'Que tópicos serão abordados?' points to the first column. Below the grid, five boxes with arrows point to specific cells: 'Para que estamos estudando isso,' points to the 'Objetivos' cell; 'Que ferramentas' points to the 'Ferramentas' cell; 'Quem realiza o quê?' points to the 'Papel' cell; 'O que os participantes farão efetivamente?' points to the 'Atividade' cell; and 'Em quanto tempo?' points to the 'Duração' cell. A sixth box, 'Como garantir que os objetivos foram', points to the 'Avaliação' cell.

Unidade	Tema	Objetivos	Papel	Atividade	Conteúdo	Ferramentas	Duração	Avaliação

Fonte: Filatro (2008, p. 44)

A matriz de design instrucional deve ser utilizada na elaboração de atividades de forma dinâmica e virtual, visando a motivação dos educandos da EJA e a efetiva aprendizagem de forma colaborativa, dinâmica e interativa com foco no aprendizado, pois a interação é essencial e por isso considerada fundamental em situações geradoras de conhecimento em um ambiente digital

Assim, através de uma matriz bem elaborada, atitudes empreendedoras podem ser repassadas para os educandos da EJA, através de comportamentos e habilidades, para que eles consigam desenvolver e gerir projetos de vida, o que envolve também projetos profissionais inovadores, organizado e conduzindo sua carreira, desta forma uma matriz bem elaborada deve identificar conhecimentos, habilidades e atitudes pessoais, e as principais características de um empreendedor de sucesso, envolvendo os sujeitos da EJA para aproveitar oportunidades.

Portanto, incluir os educandos da EJA e direcionar para o empreendedorismo social é transformador, assim o educador estará contribuindo para a construção da cidadania, que esteve sempre presente em acontecimentos históricos e que marcaram conquistas sociais e com visão de alternativa para inserção dos sujeitos no mundo do trabalho cada vez mais no papel de protagonistas de suas histórias, movimentando a economia local e na valorização de sua cultura, sem deixar de lado o desenho educacional que dará acesso a esse mundo globalizado e empreendedor.

Para a construção de um desenho didático contextualizado (DDC) proposta desta dissertação, a matriz de design instrucional proposta por Filatro (2008) apresentada no quadro 4 é utilizada como inspiração. Sendo um ponto de partida para se pensar o DDC voltado para a EJA, em uma modelagem direcionada a contemplar as temáticas das tecnologias digitais e do mundo do trabalho.

6 DESENHO DIDÁTICO NA EJA E SUA RELAÇÃO COM O MUNDO DO TRABALHO E O USO DAS TDIC

Baseado em propor um desenho didático contextualizado – DDC, que articule o mundo do trabalho com as tecnologias digitais de informação e comunicação na educação de jovens e adultos. Este capítulo expõe os resultados da pesquisa fundamentado pela revisão bibliográfica, dados coletados através do questionário de perfil e o grupo de discussão experienciados ao logo da pesquisa.

O desenho didático é compreendido aqui como método de planejamento estruturando, uma interface interativa, mediada pelas tecnologias digitais e mundo do trabalho. Para a construção do DDC reúnem-se aqui os conhecimentos teóricos de pesquisas anteriores, e o embasamento do campo de pesquisa com base nas vivências dos sujeitos da EJA, para que a proposta do produto atenda a realidade, sendo possível sua replicabilidade entre as turmas da EJA em diferentes níveis, sendo capaz de cumprir com o objetivo de gerar o diálogo entre o mundo do trabalho e as tecnologias digitais, propiciando para os sujeitos da EJA a disputa pelo seu espaço na sociedade.

Em complemento a estruturação do DDC com uma abordagem pedagógica voltada para a andragogia, que diferente da pedagogia que aborda uma comunicação para a aprendizagem na vertical que é de educador para educando, muito utilizado entre crianças e adolescentes, a andragógica é uma comunicação na horizontal em que o educador assume o papel de facilitador e a uma reciprocidade entre educador e educandos, sendo uma abordagem voltada para os adultos, os quais já possuem uma bagagem com experiências passadas e autonomia na sua aprendizagem. Assim, a experiência dos adultos é a principal característica para o ensino e aprendizagem na EJA, trazendo a prática do dia a dia para a sala de aula agregando os conhecimentos (FILATRO, 2008).

No contexto da sala de aula, a aplicabilidade do desenho didático é propor para além de uma aprendizagem eficaz, criar uma experiência capaz de integrar a trajetória dos sujeitos enquanto saberes. O termo usado desenho ou design quer dizer projeto, projetar algo, planejamento, termos que implicam na criatividade por parte das pessoas que o utilizam como projetista, planejador, desenhista e outros que utilizam o termo design para um método com o intuito de juntar ideias a partir das análises teóricas dos propósitos e contexto da sala de aula, em prol da criação de um ambiente com experiências motivadoras e de incentivo (ROMISZOWSKI; ROMISZOWSKI, 2005).

Dessa forma, o desenho didático está centrado no sujeito da EJA, enquanto protagonista de sua trajetória, em que o DDC contribui como mediador das temáticas mundo do trabalho e tecnologias digitais, das quais são fundamentais para a formação dos sujeitos da EJA, além de pensar em desenho que perpasse a sala de aula, em incentivo ao ensino ao longo da vida, valorizando o aprendizado contínuo, o qual transforma o sujeito fazendo ir mais longe, tornando Jovens e Adultos mais antenados no mundo do trabalho, nas tecnologias que influenciam, formando um incentivo para um pensamento mais crítico.

Segundo Harada *at al* (2016) o Design Centrado no Humano (DCH) é como uma tendência que vem crescendo em relação ao desenvolvimento de produtos dos quais se voltam a atenção para os aspectos e características do humano e suas experiências. O DCH compreende técnicas que corroboram em comunicar, agregar, enfatizando e estimulam o envolvimento das pessoas e suas necessidades transcendendo suas próprias percepções, se preocupando com a forma que é percebido pelas pessoas, não contemplando apenas o indivíduo, mas todos as pessoas em volta que de alguma forma influencia na vida do indivíduo.

Nesse caso, o foco está nós estudantes da EJA e em volta se encontram o corpo docente, os colaboradores da escola, o ambiente de trabalho e o familiar, os quais exercem influência podendo contribuir para o desenvolvimento dos sujeitos, os quais estão cercados de experiência e limitações pessoas.

O DDC agrega características das metodologias ativas, que são estratégias fundamentadas com o objetivo de incentivar os sujeitos ao aprendizado de forma autônoma e participativa, além da busca por uma didática que estimula o pensar, a iniciativa de tornar os sujeitos responsáveis pela construção do seu conhecimento.

Dessa forma, as metodologias ativas para terem resultados precisam acompanhar os objetivos propostos, tendo sempre um começo, meio e fim. As metodologias ativas são o caminho para um desenvolvimento atrelado as atualizações do mercado, agregando conhecimentos e saberes em novas práticas, tendo como aliada as tecnologias digitais que atrelada integra de todos os espaços e tempos exemplo disso o ensino híbrido (MORAN, 2015, 2018).

A partir dos direcionamentos teóricos atrelados a compreensão da percepção das vertentes para o entendimento e externalização do desenho didático, a seguir e contemplado o perfil e percepções dos sujeitos da EJA trabalhadores/empreendedores pesquisados, contemplando uma análise dos educandos da EJA no município de Cruz das Almas – Ba.

Seguido da abordagem sobre desenho didático na percepção do grupo docente a partir dos encontros do grupo de discussão e entrevista com a atual coordenadora da EJA que se

mostrou fundamental para delimitar as características do produto piloto, abordado já em seguida sobre o Desenho didático contextualizado – DDC, enquanto planejamento e processo de estruturação e detalhamento sobre o DDC e como usar atrelado as tecnologias digitais e o mundo do trabalho.

6.1 PERFIL E PERCEPÇÕES DOS SUJEITOS DA EJA TRABALHADOR/EMPREENDEDOR PESQUISADOS

O perfil dos sujeitos da EJA enquanto trabalhadores/empreendedores retratado neste subcapítulo a partir das informações coletadas no campo de pesquisa, apresentando evidências com base na realidade das escolas que atuam com a EJA no município de Cruz das Almas – BA, lócus da pesquisa.

Segundo dados do IBGE (2021) o município de Cruz das Almas está situado no recôncavo baiano com população estimada de 63.923 pessoas em 2021, e segundo os últimos dados do censo demográfico disponíveis até o momento desta pesquisa que são de 2010, indica o Índice de Desenvolvimento Humano do Município (IDH) em 0,699. Mas que ao logo dos últimos 12 anos pode ter ocorrido oscilações tendo em vista a precarização do ensino, a pandemia do COVID-19, as altas taxas de desemprego, a inflação, fatores que impactam no desenvolvimento de toda uma sociedade e em destaque na educação, que possui um papel fundamental na formação das pessoas.

Em se tratando de dados referentes a EJA é perceptível a negligência na acessibilidade das informações, cercada de incertezas e rupturas no compartilhamento de dados. Segundo a pesquisa de Santos (2019) em um panorama da EJA no recôncavo da Bahia, a cidade de Cruz das Almas contemplava 712 estudantes na EJA em 13 escolas, com 42 professores atendendo aos Eixos I e II entre os turnos diurno e noturno.

Esse panorama ao logo dos anos passou por transição e retrocessos, ainda com dados inconclusivos sobre as matrículas exatas em 2022. Mas, com base na entrevista com a atual coordenadora as matrículas chegam a mais de 600 estudantes entre idas e vindas da frequência e abandono da sala de aula.

Dessa forma, a EJA no município passou por transição na junção de turmas e também redução das escolas que atuam com a EJA em que no primeiro contato com a secretaria de educação no início de 2021 foi informado 12 escolas e durante o andamento da pesquisa em 2022 foi informado a lista de 9 escolas contemplando a EJA no município.

Entre as escolas listadas pela secretaria de Educação do município que atuam com a EJA situadas entre a zona rural e urbana, estão: O Centro Municipal Lourival José dos Santos; Escola João Fiuza na Pumba; Escola professora Otilia Contado no povoado Lisboa e a Escola Aprígio Marcelino da Costa na Tiririca, contemplando assim 4 unidades escolares na zona rural e 5 na zona urbana sendo o Centro Municipal Lourival José dos Santos; CEC – Centro Educacional Cruzalense; CENDEC – Centro de Convivência Esportiva Educacional; Escola Hamilton Ribeiro Cerqueira e o Colégio José Batista da Fonseca.

Para a compreensão do perfil dos estudantes de EJA no município, foi aplicado um questionário de perfil (Apêndice A). A aplicação dos questionários aconteceu em quatro escolas atuantes com a modalidade de EJA no município de Cruz das Almas – Ba. Sendo, duas escolas no período vespertino e duas escolas no período noturno. Tendo como princípio para a seleção e aplicação da pesquisa a acessibilidade entre os estudantes que se voluntariaram a participar.

A didática de aplicação do questionário ocorreu de forma participativa. No primeiro encontro do grupo de discussão com as professoras voluntárias foi abordado a aplicação do questionário com os estudantes da EJA em suas respectivas turmas, com o consentimento e de forma voluntária os estudantes que tivessem interesse em participar.

Para aplicação do questionário, as professoras voluntárias cederam de 15 a 20 min no início da aula, para que os estudantes interessados participassem. Durante esse tempo, foi realizada uma comunicação sobre a percepção das tecnologias digitais no dia a dia dos estudantes da EJA e a percepção em relação ao mundo do trabalho, como forma de introduzir o assunto e o contexto da pesquisa a realidade dos sujeitos, para que assim em seguida a aplicação do questionário fosse realizada.

A aplicação do questionário precisou ser realizada de forma verbal, para a melhor compreensão dos estudantes participantes da pesquisa, tendo em vista a interpretação das perguntas, com a maioria das perguntas de múltipla escolha e juntamente com a professora de cada turma e mais um assistente, fomos sanando as dúvidas individuais para melhor compreensão e validação de dados coerentes.

Assim, entre as duas turmas do vespertino foram 29 estudantes participantes, entre eles jovens entre 15 a 20 anos de idade; e nas duas turmas do noturno foram 14 estudantes participantes, sendo jovens e adultos entre 23 a 76 anos de idade. Entre as turmas que participaram o perfil da EJA do vespertino para o noturno, possui suas diferenças e peculiaridades, levando em consideração a localização das escolas em que as turmas do vespertino fazem parte da zona urbana do município, enquanto as turmas do noturno que participaram estão localizadas na zona rural de Cruz das Almas -BA.

Tabela 1 – Perfil dos estudantes da EJA em Cruz das Almas - BA

CARACTERÍSTICAS	GERAL	VESPERTINO	NOTURNO
Sujeitos participantes da pesquisa:	43 Estudantes	29 Estudantes	14 Estudantes
Idade	15 a 76 anos	15 a 20 anos	23 a 76 anos
Sexo	58,1% Masculino e 41,9% Feminino	75,9% Masculino e 24,1% Feminino	21,5% Masculino e 78,5% Feminino

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Entre os estudantes da EJA pesquisados, enquanto na turma noturna predomina a presença das mulheres, nas turmas do vespertino predomina a presença dos homens. Em relação a pergunta para identificação do sexo, utilizada baseada no modelo mais enxuto, foi incluído as opções: Prefiro não responder e a opção – Outros com espaço para que o sujeito participante da pesquisa complementasse da melhor forma.

Mas essas opções não foram contempladas, por isso a pesquisa não traz menção a diversidade de gêneros, que é uma realidade presente nos diferentes espaços e no ambiente escolar não seria diferente. Por se tratar de uma pesquisa de campo, com base nas respostas dos sujeitos, os dados comparativos perpassam pelos aspectos e as peculiaridades das turmas entre noturno e vespertino, a representatividade das mulheres e homens participantes da pesquisa, sujeitos da EJA enquanto realidade vivenciada no espaço escolar e influências sociais das tecnologias e do mundo do trabalho em que estão inseridos.

No processo de transição escolar em que inicialmente se tinham 12 unidades escolares atuando com a EJA, foi feita uma reestruturação reduzindo para 9 escolas, com a junção de algumas turmas. Dessa forma, as turmas participantes da pesquisa são da etapa 1, ensino fundamental.

Tabela 2 – Renda dos Estudantes da EJA em Cruz das Almas – BA

ESTIMATIVA DE RENDA	GERAL	VESPERTINO	NOTURNO
De R\$ 0,00 Até R\$ 500,00	79%	79,3%	78,6%
De R\$ 501,00 Até R\$ 900,00	2,3%	3,5%	0%
1 Salário-Mínimo	14%	10,3%	21,5%
1 A 2 Salários-Mínimos	4,7%	6,9%	0%
Mais De 2 Salários-Mínimos	0%	0%	0%

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Conforme demonstrado na tabela 2, ao serem perguntados sobre o nível de renda, a grande maioria contemplando 79% dos pesquisado indicou a variação da renda de R\$ 0,00 até R\$ 500,00, e apenas uma pequena parcela entre 14% possuem uma renda baseada em 1 salário mínimo, e uma pequena parcela de 4,7% que possuem uma renda de 1 a 2 salários mínimos e 2,3% recebem entre R\$ 501,00 Até R\$ 900,00.

Os dados em relação a renda dos sujeitos estão associados a relação da atividade de trabalho. Assim, o questionário de perfil perpassa pelo mundo do trabalho na busca pela compreensão da realidade dos estudantes, enquanto atuação profissional, dificuldades encontradas e projeções futuras.

Tabela 3 – Atuação profissional dos estudantes da EJA em Cruz das Almas - BA

ATUAÇÃO PROFISSIONAL	GERAL	VESPERTINO	NOTURNO
Trabalhador(a) CLT	0%	0%	0%
Autônomo(a)	34,9%	37,9%	28,6%
MEI (Microempreendedor(a) individual)	2,3%	3,5%	0%
Desempregado(a)	55,8%	58,6%	50%
Aposentado(a)	7%	0%	21,4%

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

No quesito de atuação profissional foi incluída a opção de aposentado(a) por parte de uma demanda dos próprios sujeitos participantes da pesquisa que não se enquadravam nas opções de atuação profissional e por isso, foi incluído a opção de aposentado para atender a essa demanda. Apenas nas turmas do noturno parte era aposentada.

Na tabela 3, é possível identificar os pontos em comum em que até mais de 50% das turmas os sujeitos se encontram desempregados, e uma parcela realizam atividades de trabalho como autônomos. Entre os pesquisados não foi identificado trabalhador(a) CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), o que demonstra a precarização do trabalho formal, popularmente conhecido como trabalho de “carteira assinada”, levando assim os sujeitos ao trabalho autônomo. Apenas um dos pesquisados se considera MEI – Microempreendedor(a) Individual.

A precarização do trabalho é uma realidade em expansão, reflexo de faltas de políticas sociais e econômicas na valorização dos trabalhadores, sendo apenas um mecanismo de exploração da força de trabalho, o que reflete na pesquisa entre os sujeitos participantes os quais se reinventam como autônomos na busca da geração de renda, em diversas atividades, os famosos “bicos”, termo popular para trabalhos pequenos em que 79% dos pesquisados indicou

receber de R\$ 0 até R\$ 500,00. A seguir na tabela 4 é listada as atividades de trabalho informadas pelos estudantes da EJA do município.

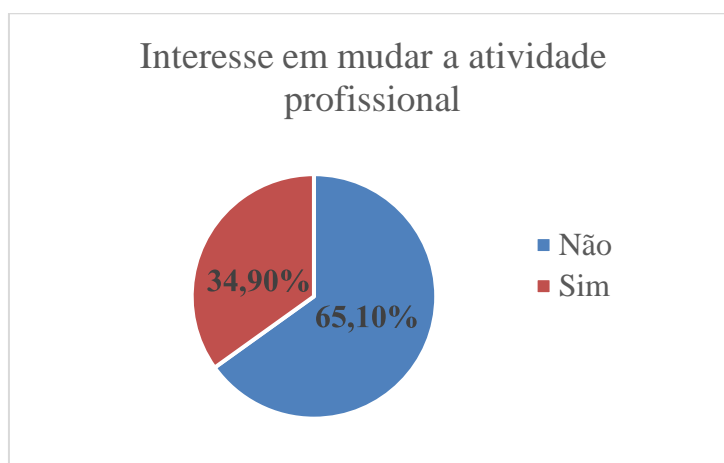
Tabela 4 -Atividade de trabalho desempenhada pelos estudantes da EJA em Cruz das Almas – BA

ATIVIDADE DE TRABALHO	GERAL	VESPERTINO	NOTURNO
Não exerce nenhuma atividade de trabalho	51,2%	51,7%	50%
Lavrador (a)	11,7%	3,45%	28,7%
Doméstica / Cuidador(a) de Criança	7%	6,9%	7,1%
Vendedor(a) de pastel	2,3%	0%	7,1%
Vendedor(a) de roupas	2,3%	3,45%	0%
Artesanato	2,3%	0%	7,1%
Lava a jato	2,3%	3,45%	0%
Borracheiro(a)	4,7%	6,9%	0%
Montador(a) de móveis	2,3%	3,45%	0%
Ajudante de pedreiro	2,3%	3,45%	0%
Pintor(a) de Carro	2,3%	3,45%	0%
Pintor(a) de Casa	2,3%	3,45%	0%
Ajudante em mercadinho – serviços gerais	4,7%	6,9%	0%
Carpinteiro(a)	2,3%	3,45%	0%

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Entre as atividades de trabalho realizadas pelos sujeitos a uma diversidade de atuação, que mais chama a atenção é a grande parcela dos pesquisados que não exerce nenhum tipo de atividade de trabalho em geral 51,2%. Em um comparativo entre os estudantes que indicaram estarem desempregados e se possui alguma atividade de trabalho apenas 16,7% desempenham alguma atividade, os outros 83,3% estão desempregados e não realizam nenhum tipo de atividade de trabalho que gere renda.

Entre os estudantes participantes da pesquisa que indicaram atividade profissional, quando perguntados sobre sentir dificuldade na atividade profissional em que realizam, 88,4% não sentem dificuldade e apenas 11,6% marcaram que sim, sentem dificuldade. Entre as dificuldades descritas pelos pesquisadores estão: 1) Coragem – apontada por dois dos estudantes como motivo de dificuldade, no sentido de força para o trabalho; 2) dificuldade no depósito do mercado; 3) Por causa dos produtos químicos; 4) na hora de entender alguns desenhos dos móveis. Seguindo, a pesquisa buscou entender também, se os estudantes tinham interesse em mudar a atividade profissional, conforme mostrado no gráfico 1.

Gráfico 1 – Interesse em mudar a atividade profissional

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Quanto a ter interesse em mudar de atividade profissional apenas 34,90% indicaram que sim, o que chama a atenção que a grande maioria não tem interesse. E quando questionados sobre qual mudança na atividade profissional desejam, entre os que marcaram sim, 52,9% estão incertos quanto a mudar de trabalho, no questionário responderam que ainda tinham dúvidas e outros informaram que qualquer trabalho para não ficar parado. Entre os que indicaram a mudança da atividade de trabalho 47,1%, informou que desejam mudar profissionalmente para atuação como: Pedreiro; Pintor; Mecânico; Motorista de caminhão; Carteiro e Manicure, e em um dos relatos foi citado a mudança para a aposentadoria.

Com base nos dados da pesquisa, em que a maior parcela se encontra desempregada e atuando como autônomos, a incerteza em mudar de profissão limita a percepção dos sujeitos em visualizar novas oportunidades, compreender o que leva os sujeitos a incerteza enquanto a atividade de trabalho que sentiria prazer em realizar, torna o trabalho uma ação apenas para subsidiar a existência.

Voltar os sujeitos da EJA a uma perspectiva de alcançar novos caminhos, e de que é possível visualizar alternativas que valorize os estudantes, os capacitando para o mundo do trabalho, para além da mão de obra, muitas vezes classificada como barata, mas despertar o real valor dos sujeitos para alcançarem lugares de destaque e sobre tudo, tratar o trabalho com a relação de estar fazendo o que gosta.

Assim, a pesquisa deixou aberto o questionamento para que os estudantes em relação a possuir algum planejamento/projeto de vida, sendo possível compreender de forma individual os anseios dos estudantes e as relações com o trabalho e projeção futura, conforme tabela 5, a seguir.

Tabela 5 - Planejamento/projeto de vida dos estudantes da EJA em Cruz das Almas – BA

PLANEJAMENTO/PROJETO DE VIDA	GERAL	VESPERTINO	NOTURNO
“Não sei”	25,6%	37,93%	0%
“Tenho dúvidas”			
“No momento nenhum”			
“aprender a ler”	16,27%	0%	50%
“concluir os estudos”	7%	6,89%	7,15%
“Ter uma casa melhor”	4,65%	3,45%	7,15%
“Comprar minha casa”			
“Ter um trabalho que não tenho”	7%	0%	21,4%
“Ter um bom trabalho para ter meu dinheiro para viajar”			
Mudar de trabalho”			
“Ter meu próprio negócio/comércio/estabelecimento”	18,6%	24,13%	7,15%
“Ser um empreendedor”			
“Aposentadoria”	2,32%	0%	7,15%
“Mudar de vida”	2,32%	3,45%	0%
“Cantar”	2,32%	3,45%	0%
“Ser motorista”	2,32%	3,45%	0%
“Ficar rico”	2,32%	3,45%	0%
“Entrar para o exército ou polícia”	2,32%	3,45%	0%
“Ser Doutor”	2,32%	3,45%	0%
“Estudar contabilidade”	2,32%	3,45%	0%
“Comprar uma moto”	2,32%	3,45%	0%

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Se tratando de planejamento/projeto de vida, várias ideias e pensamentos sobre o futuro rodeiam para uma projeção de onde se quer chegar. Entre os estudantes participantes da pesquisa, essa pergunta foi respondida de forma curta e objetiva, como demonstrado na tabela 5, os relatos dos estudantes agrupados por similaridade nas respostas. Os dados apresentados, chamam a atenção para os 25,6% dos respondentes incertos, que não possuem planejamento de vida ou que estão em dúvida, esse dado é tendenciado pela turma vespertina em que pode estar correlacionado a faixa etária em que são jovens entre 15 a 20 anos, uma vez que nas turmas do noturno com um público adulto entre 23 até 76 anos, não foi identificado incertezas nesta pergunta.

Entre os pesquisados das turmas noturnas, aprender a Ler é o que mais se repete, quando citado sobre projeto de vida, correspondendo a 50%, seguido de ter um trabalho com 21,4%, fases como: “Ter um trabalho que não tenho”; “Ter um bom trabalho para ter meu

dinheiro para viajar”; Mudar de trabalho”, pode ser considerado como incerteza entre o público noturno uma vez que não especificam qual trabalho ou atividade desejam executar, mas visualizam o trabalho como um projeto de vida para melhorarem a sua situação atual.

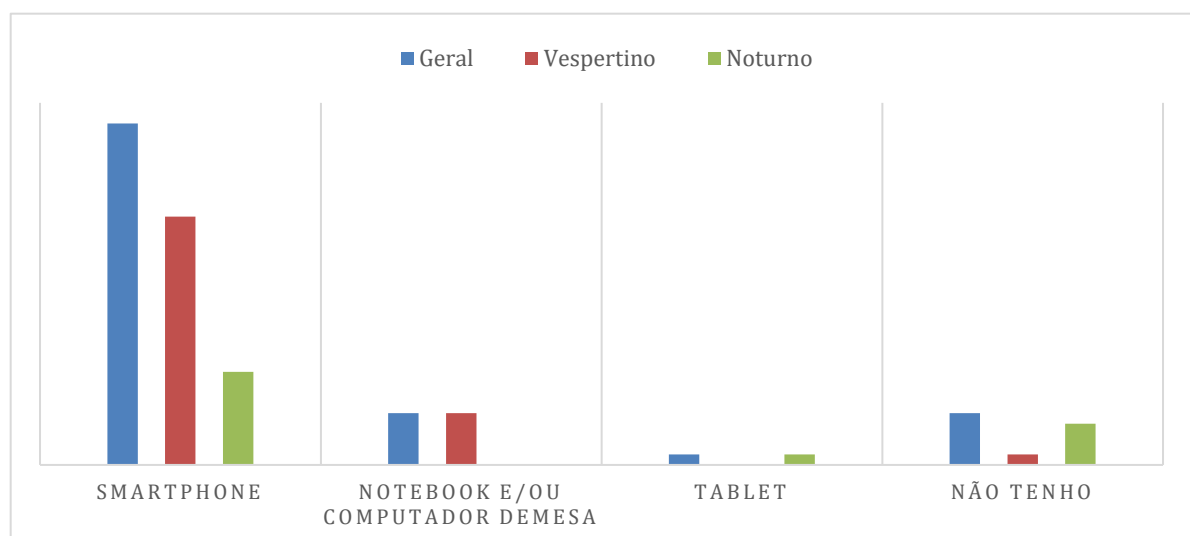
O Empreendedorismo surge nas respostas dos pesquisados, com representatividade de 18,6 %, expressando que o planejamento ou projeto de vida é “Ter meu próprio negócio/comércio/estabelecimento”; “Ser um empreendedor”. Em comparativo a parcela dos sujeitos desempregados, o empreendedorismo surge pela necessidade e precarização do trabalho, sendo visto como uma alternativa para driblar o desemprego.

Em complementação, concluir os estudos é citado como planejamento, assim como ter uma casa é citado em ambos os turnos das turmas pesquisadas. Com uma pequena representatividade os pesquisados especificaram os planejamentos indicando as profissões que desejam como listado na tabela 5.

O questionamento sobre planejamento/projeto de vida, através das respostas é possível compreender as incertezas e a limitação de perspectiva futura. Propor ações de incentivo em que os sujeitos se sintam valorizados e capazes de conquistar seu espaço é um caminho a se pensar em relação a percepção dos sujeitos enquanto protagonistas de suas histórias, e que ter planos para o futuro é manter viva a resiliência.

Seguido da compreensão sobre o mundo do trabalho, as tecnologias digitais de informação e comunicação – TDIC, foram contempladas na pesquisa a partir da identificação de aparelhos digitais pelos pesquisados, com destaque para o *Smartphone*, como abordado no gráfico 2, a seguir.

Gráfico 2 – Aparelhos digitais que os estudantes da EJA de Cruz das Almas-Ba possuem



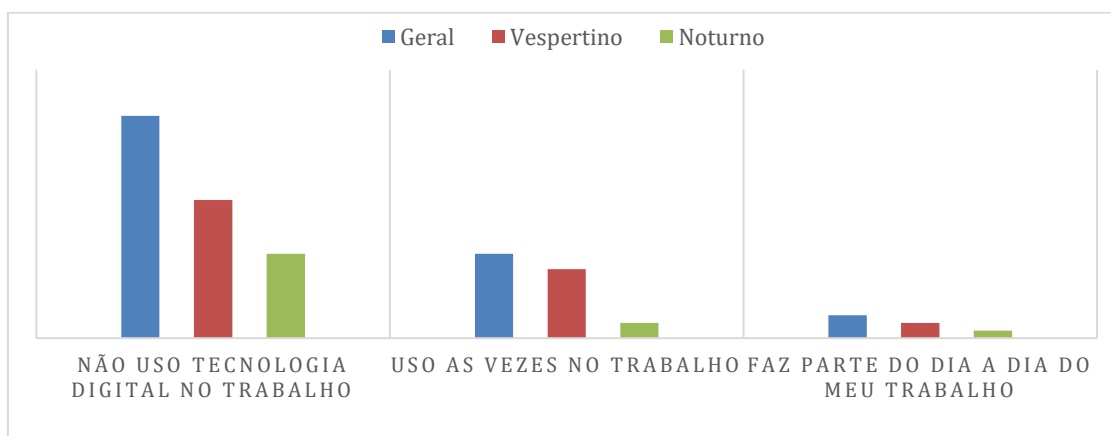
Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O uso do Smartphone entre os estudantes é notório, cerca de 76,7% dos pesquisados indicaram possuir celular, apenas 11,6% informaram possuir computador, dado esse tendenciado pelo público vespertino, entre os estudantes do noturno apenas 1 pesquisado marcou a opção tablet, e podemos perceber uma boa parcela daqueles que não possuem aparelhos digitais, 11,6%, dos quais a maior parte se dá entre os estudantes do noturno.

É perceptível a limitação em ter aparelhos digitais entre os sujeitos da EJA, cruzando os dados dos que possuem mais de um aparelho digital como por exemplo: *Smartphone e Notebook*, apenas 1 dos pesquisados marcou duas opções entre os 43 estudantes participantes da pesquisa, o que corresponde a 2,32% das respostas. Sendo compreensível a limitação dos recursos tecnológicos entre os estudantes, associado a alta taxa de desemprego e o nível de renda apontados na pesquisa. Sendo esses, fatores que influênciam no poder de compra.

Quando comparado o uso de tecnologias digitais com a atividade de trabalho, sendo possível ter como base a partir do gráfico 2 abordado anteriormente o destaque para a grande parcela que possui smartphone se demanda da tecnologia para o trabalho que desempenho o resultado mostra que uma boa parte não usa tecnologia no trabalho, conforme gráfico 3, a seguir;

Gráfico 3 – Atividade de trabalho demandam o uso de tecnologias digitais?

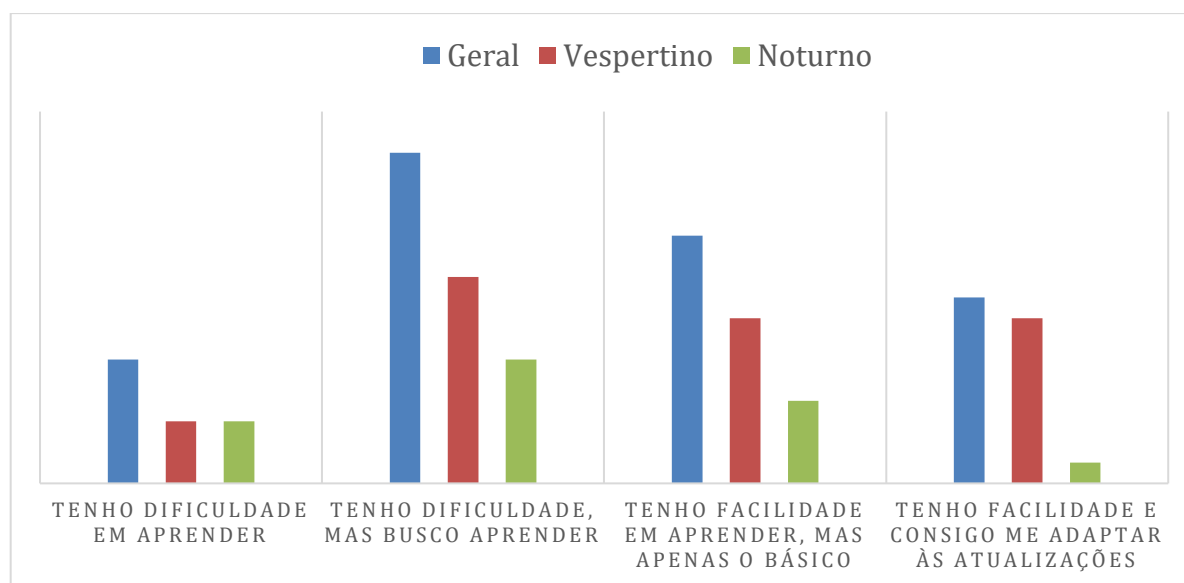


Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O uso da tecnologia digital entre os estudantes da EJA do município de Cruz das Almas-Ba não se apresenta como relevante, pelo destaque de que 67,4% informaram não usar. Entre os que usam as vezes corresponde a 25,6% dos respondentes e apenas 7% indicaram que as tecnologias digitais fazem parte do dia a dia do trabalho, se limita ao uso do *smartphone* como canal de comunicação, relato sinalizado pelos estudantes participantes da pesquisa.

Já correlacionando com a aprendizagem através das tecnologias digitais para o mundo do trabalho, como é vista pelos sujeitos da EJA, a pesquisa identificou em destaque a afirmação entre os estudantes da alternativa “tenho dificuldade mais busco aprender representando 37,2% das respostas, conforme o gráfico 4, a seguir:

Gráfico 4 – Aprendizagem através das tecnologias digitais para o mundo do trabalho



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Se tratando de aprendizagem através das tecnologias, a variação entre as respostas apresenta a diversidade dos estudantes enquanto autoavaliação a partir das suas vivências. Em os resultados gerais, 37,2% se consideram com dificuldade, mas ainda sim buscam aprender. Seguido de 27,9% dos que tem facilidade em aprender, mas apenas o básico. Com representação de 20,9% se destacam os que tem facilidade e conseguem se adaptar às atualizações, enquanto 14% informaram apenas que tem dificuldade de aprender.

No quesito de facilidade e adaptação as atualizações das tecnologias, conforme demonstrado no gráfico 4, os estudantes das turmas vespertinas se destacam com relação a turma noturna em que a maioria informou ter dificuldade, mas ainda sim buscam aprender.

O questionamento sobre a aprendizagem reforça as limitações da realidade da EJA em que os sujeitos vivenciam, se tratando das tecnologias digitais em que mesmo em meio as dificuldades os estudantes buscam aprender, desde o básico até mesmo os que possuem maior facilidade em lidar com o digital.

Enquanto presença das tecnologias no ambiente escolar, os estudantes pesquisaram responderam à pergunta: **“Fale sobre as suas experiências com o uso de computadores,**

acesso à internet e outras tecnologias digitais presentes nas aulas da EJA?” Esse questionamento confirmou a ausência de recursos no espaço escolar e a precarização com relação a recursos tecnológicos de forma limitada.

Por se tratar de uma pergunta aberta, os estudantes pesquisados responderam conforme percepção e o que chama a atenção é que no geral 65,1% das respostas indicaram não utilizam ou não possuem acesso tecnologias digitais na escola, sendo que 27,6% das respostas indicaram o uso das tecnologias destacando o celular como canal de comunicação, tendo grupo da turma do *WhatsApp* e o uso para pesquisa, auxiliando na realização das atividades passadas nas aulas, assistir vídeo aulas para auxiliar na aprendizagem. Os demais correspondendo a 16,3% responderam à pergunta informando apenas o uso das tecnologias para se comunicar com os familiares.

Entre os estudantes das turmas vespertinas, 79,3% descreveram não usar ou não possuir acesso e 20,7% confirmaram o uso das tecnologias para auxiliar nas atividades da escola, levando em consideração a precarização do acesso à internet e computadores no espaço escolar, as pesquisas e comunicação citada se dá através do celular, tendo em vista que apenas uma pequena parcela dos pesquisados possuem computador.

Na turma noturna que tendenciou o resultado geral, 50% dos estudantes responderam que usam para se comunicar com a familiares, o que podemos considerar que não possuem experiências com as tecnologias na sala de aula. Sendo que 35,7% indicaram não usar as tecnologias na escola e apenas 14,3% indicaram o grupo da turma no *WhatsApp* para comunicação sobre as aulas, material passado e assistir vídeos passados pelos professores.

Os dados da pesquisa reforçam a escassez de recursos tecnológicos no espaço escolar a partir da percepção dos estudantes, os quais abordam sua relação com o digital de forma superficial utilizando apenas o básico e assim, se acomodam em meio a realidade que estão inseridos.

Entre as turmas pesquisadas, existe uma diferenciação entre os perfis enquanto na turma vespertina o público é mais jovem, são mais agitados e eufóricos percepção a partir da abordagem para aplicação do questionário, a busca pelo imediatismo de finalizar o quanto antes o preenchimento do formulário é um reflexo desse comportamento.

Entre os jovens o uso do celular é mais constante, possuindo uma maior interação com a tecnologia no que tangem o uso do *smartphone* e pouco mais da metade correspondendo a 51,7% dos estudantes realizam alguma atividade de trabalho o que demonstra a inserção dos jovens no mundo do trabalho, mas que de forma precária, por falta de oportunidades do mercado

com políticas e programas mais eficientes de inserção ao trabalho munidos de direitos em prol da valorização e seguridade da vida humana.

Entre os estudantes das turmas noturnas, já é um público mais adulto, se mostrou mais atenciosos, não demonstraram pressa durante a explanação das informações e aplicação do questionário, ficando também perceptível a pouca interação e contato com as tecnologias digitais, e tendo o celular como principal canal de comunicação, destacando o contato com a família.

E em sua grande maioria não usam tecnologia para o trabalho, sendo que metade ou seja, 50% dos pesquisados indicou possuir alguma atividade de trabalho, das quais foram listadas na tabela 4 informando de ambas as turmas, os outros 50% não possuíam nenhuma atividade, assim como na turma vespertina uma grande parcela também não realiza.

Pensar em um desenho educacional contextualizado para contribuir com o diálogo entre o mundo e as tecnologias digitais de informação e comunicação – TDIC, com base no perfil dos estudantes é pensar a partir das necessidades e gargalos encontrados na análise dos dados, correlacionando a partir da perspectiva docente, que agrega um olhar mais didático pedagógico, que só é possível através da experiência do professor(a) no chão da escola.

A expressão “chão da escola” segundo Pereira (2017) remete a concretude das relações vividas no espaço escolar. Para além do planejamento, estratégias e gestão escolar, a realidade perpassada entre os educadores nas didáticas das aulas e o acompanhamento dos desenvolvimentos dos estudantes requer maior destaque na hora de se pensar os planos pedagógicos de ensino a fim de propor ações baseadas na realidade dos sujeitos, de forma atrativa para prender a atenção desse público gerando um impacto positivo.

Assim, a proposta do desenho didático contextualizado – DDC, tem como elemento principal para as tecnologias digitais e o mundo do trabalho, o incentivo ao empreendedorismo social como caminho para munir os sujeitos da EJA de conhecimentos a favor do seu desenvolvimento e impacto social em torno da comunidade em que estão inseridos, já que uma boa parcela dos estudantes deseja ter o seu próprio negócio como projeto de vida. Esse interesse por empreender parte das circunstâncias de precarização da empregabilidade, já que nenhum dos entrevistados indicou atuar profissionalmente como Trabalhador (a) CLT, em sua grande maioria se encontram desempregados e os que trabalham atuam como autônomos.

Dessa forma, a percepção dos sujeitos da EJA com relação ao mundo do trabalho se apresenta em dois extremos os que não apresentam nenhuma perspectiva, possuem dúvidas sobre atuação profissional e a relação com o trabalho está associada a geração de renda, conforme uma das frases citadas na pesquisa “Ter um trabalho que não tenho”, a necessidade

de se ter um trabalho é o ponto de partida, mas ainda sim paira sobre os estudantes as incertezas e inseguranças, trazer a consciência aos estudantes para o desenvolvimento de suas habilidades e como utilizá-las para benefício próprio no mundo do trabalho, é um caminho para trazer mais convicção para os sujeitos de que é possível alcançar novos espaços na sociedade se reinventando através da criatividade vencendo as barreiras das limitações impostas pela sociedade.

O ambiente escolar é o espaço propício para proporcionar os sujeitos da EJA um diálogo mais próximo do mundo do trabalho, no desenvolvimento dos conhecimentos trabalhados e o uso das tecnologias digitais se faz essencial, principalmente com o avanço da necessidade da comunicação digital que se deu em 2020 por meio da pandemia do covid-19. Partido da compreensão da perspectiva dos estudantes, seguimos com a análise do grupo de discussão entre as docentes da EJA participantes da pesquisa, no subcapítulo seguinte em complementação a compreensão sobre desenho didático.

6.2 DESENHO DIDÁTICO NA PERCEPÇÃO DO GRUPO DOCENTE

O Desenho didático na percepção do grupo docente é abordado a partir dos encontros do grupo de discussão, baseados no grupo focal com o intuito de compreender a partir do diálogo e troca de experiências a partir da vivência do chão da escola a qual contempla a realidade e as peculiaridades dos sujeitos em suas experiências que se complementam a partir do ambiente em que estão inseridos.

Dessa forma, a compreensão do desenho didático passa por uma abordagem descritiva dos relatos e contribuição dos docentes participantes da pesquisa, e em seguida uma abordagem crítica em complementação para a elaboração do desenho didático contextualizado – DDC, fruto do diálogo entre os docentes da EJA do município de Cruz das Almas – BA e compreensão do perfil e percepções dos sujeitos trabalhadores/empreendedores da EJA.

Os encontros do grupo de discussão aconteceram aos sábados como forma mais acessível de viabilizar a participação das professoras, tendo em vista a carga horária de trabalho durante a semana que impossibilitava o encontro. No dia 03 de setembro de 2022, ocorreu o primeiro encontro no qual foi estruturado para abordar a proposta da pesquisa e a importância da presença das docentes.

Anterior ao grupo de discussão foi realizado o contato com as escolas e professores com base nos dados disponibilizados para secretaria de educação, entre os contatos devido a disponibilidade e questões pessoais, das nove escolas contactadas forma pouco mais de 15

professores convidados, mas proveu a disponibilidade de apenas 4 professoras, as quais contribuíram de forma enriquecedora para a presente pesquisa.

Entre as professoras pesquisadas também foi aplicado um questionário de perfil (Apêndice B) para melhor compreender suas trajetórias. O questionário foi compartilhado dias antes do primeiro encontro com o intuito de conhecer os docentes e preparar o direcionamento das perguntas a partir dos resultados.

As docentes participantes do grupo de discussão possuem entre 30 a 53 anos de idade e atuam como professoras na EJA entre 2 a 20 anos de atuação na EJA no município de Cruz das Almas atuando com a EJA. Segundo conteúdo do referencial curricular municipal – Cruz das Almas-BA da Educação de Jovens e Adultos – EJA de 2020, disponibilizado pela secretaria de Educação que se baseia nas diretrizes curriculares nacionais, além de complementar ao currículo evidenciando a contextualização, a interdisciplinaridade como condutores de interação e articulação entre as diversidades das experiências no campo dos saberes.

O município busca estratégias de aproximação dos sujeitos da EJA ao mundo do trabalho através de programas e ações interdisciplinares no intuito de promover o desenvolvimento das habilidades dos estudantes além do mundo do trabalho incentivando o desenvolvimento acadêmico dos estudantes, bem como é destacado pela pesquisa de Santos (2019) destacando que:

O município de Cruz das Almas, dentre as ações que realiza, podemos citar, como boa prática educativa a parceria com instituições superiores, que levam seus estudantes de licenciatura para realização de aulas dinâmicas com os estudantes da EJA, além de incentivá-los ao prosseguimento da escolarização, para ingressarem no nível superior (SANTOS, 2019, p.166).

Enquanto experiência das docentes participantes do grupo de discussão, a pesquisa de perfil abrangeu perguntas em relação ao mundo do trabalho e das tecnologias digitais de informação e comunicação – TDIC. Quando perguntadas sobre quais os equipamentos tecnológicos possuíam ou utilizam para acessar a internet, entre as respostas, duas das professoras marcaram apenas a opção *notebook*, uma marcou apenas a opção de *smartphone* e uma das professoras indicou possuir e utilizar *notebook*, *tablet* e *smartphone*.

Quando questionadas sobre o uso das tecnologias digitais como se consideram, 75% dos docentes indicaram ter facilidade em aprender, mas apenas o básico. Apenas 1 dos docentes, correspondendo a 25% das respostas, indicou que está sempre atenta nas novidades em relação as tecnologias. Correlacionado com o uso de equipamentos tecnológicos que as

docentes possuem e utilizam, a docente que indicou está atendida indicou possuir apenas o *smartphone*.

Dessa forma, o questionário de perfil contemplou a compreensão das práticas docentes enquanto articulação de atividades com base na realidade profissional dos estudantes e as respostas foram relacionadas a atividades que abordam o dia a dia do aluno, como forma de dialogar com as experiências dos sujeitos. Em complementação o relato de uma das docentes aborda a realização de produções de texto e roda de conversas sobre questões trabalhistas em prol de capacitar os estudantes dos seus direitos e deveres.

Já em relação a tipos de atividade pedagógicas que podem ser consideradas mais adequadas com o uso de tecnologias na EJA, as professoras relataram a “leitura online; vídeo aulas com análises de vídeos principalmente de documentários e filmes educativos que correspondam com às vivências desses estudantes, incluindo também a uso do celular na realização de pesquisas e o uso de calculadoras como suporte nas aulas de matemática. Uma das professoras informou não utilizar nenhuma tecnologia na realidade atual nas turmas que leciona. O que podemos compreender como uma limitação baseada na realidade em que vivencia no ambiente escolar.

Se tratando de limitações, as docentes compartilharam suas maiores dificuldades para usar as tecnologias nas suas aulas, em que estão associadas ao tempo reduzido, a ausência de uma sala de informática na escola, a falta de suporte técnico nas escolas para o manuseio das tecnologias, a carência de uma boa internet e aparelhos tecnológicos, bem como a falta de segurança citada por uma das docentes que impossibilita levar aparelhos tecnológicos próprios para abordar uma aula mais interativa.

A partir dessa triagem de perfil das docentes é perceptível a vasta experiência do chão da sala de aula pelo tempo de atuação na EJA, e mesmo em meio a precarização de recursos tecnológicos as professoras buscam inserir nas aulas didáticas voltadas as experiências dos sujeito com o intuito de atrair a atenção, promover a aprendizagem de forma interdisciplinar capaz de impulsionar os sujeitos na sociedade munidos de saberes, os quais se desenvolvem a partir das relações no ambiente em que estão inseridos.

Baseado na pesquisa de perfil dos docentes e o referencial teórico sobre desenho didático abordado nesta pesquisa, foi estruturada uma sequência de 6 perguntas as quais conduziram o primeiro encontro do grupo de discussão. A Dinâmica do grupo iniciou a partir dos esclarecimentos sobre a pesquisa e o propósito da construção de um Desenho Didático Contextualizado – DDC, assim a cada pergunta era aberto entre 4 a 6 minutos para o diálogo

entre as docentes, que comentaram aspectos relevantes baseados em suas trajetórias enquanto docentes da EJA no município.

A seguir é abordado as perguntas e comentários apresentados pelas docentes participantes da pesquisa, com base no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice D) para preservar a identidade das docentes participantes da pesquisa, o nome das mesmas não serão citados e os comentários das perguntas serão conduzidos de forma numerada, compreendendo assim para cada docente voluntária a pesquisa. Dessa forma a pesquisa a partir daqui se refere aos comentários individuais das docentes no grupo de discussão como sendo: Docente 1, Docente 2, Docente 3 e docente 4, contemplando assim as quatro professoras pesquisadoras o uso da numeração corresponde sempre a mesma docente referenciada.

- **Primeira pergunta: o que vocês entendem por desenho didático?**

Docente 1 inicia o grupo de discussão abordando que “se voltando para a questão da metodologia, a didática é como a gente vai lidar com a turma, o tipo de metodologia que nós vamos utilizar, mas antes de aplicar essa metodologia, é necessário ter uma compreensão dos conhecimentos dos estudantes, principalmente se tratando de EJA que é uma classe de reparação.

Então é a maneira que a gente vai lidar com determinados assuntos, é o que a gente é sempre comenta que o bom professor tem que ter didática, ou seja ele tem que saber utilizar as metodologias adequadas à classe. Às vezes nós professores temos um conhecimento abrangente de determinados assuntos, mas temos que estar atentas, a metodologia a serem utilizadas com a turma, até porque não existe turma homogênea e sim heterogênea.

Então, se tratando de EJA que compreende uma classe prejudicada por não terem oportunidade de concluir os estudos conforme proposto, eles voltam as salas de aula com o propósito de correr atrás do prejuízo, então eles possuem muitas dificuldades, dessa forma nossa didática e a nossa metodologia que vamos utilizar, precisa ser facilitadora para aprendizagem desses estudantes. Não infantilizar, mas tem que ser algo muito mais simples, muito mais delicado a fim de prender a atenção desses sujeitos”.

Em complementação a Docente 2 explana sua compreensão sobre desenho didático “como a forma que o professor procura trabalhar aquilo que atrai o aluno da EJA, porque o que ele se interessa é pelo que atrai no dia a dia dele.

Todos os dias eu não posso usar a tecnologia, por exemplo: todos os dias passaram um filme, um documentário mesmo que seja curtinho, porque eles entendem que para ele se eu

levar todos os dias a inovação da tecnologia, na mente dele isso ainda não é aula, por mais que eu expliquei que depois de assistir iremos fazer uma reflexão e registrar, mas para ele se isso acontecer todos os dias eles vão pensar:

Se eu soubesse que era isso eu não viria, porque eles acham ainda que isso não é aula, então eu sempre complemento a novidade dessas da tecnologia e outra com trabalho manual do dia a dia, o ver o tocar, se for a aula de matemática tá trabalhando com o material concreto, com reportagem, pintura, é o que atrai eles”.

A abordagem sobre desenho didático expressado pelas docentes carrega em suas falas a importância de se observar o dia a dia dos estudantes, a fim de propor uma metodologia de ensino a qual atenda essa realidade vivenciada pelos sujeitos, acompanhando assim atividades concretas as quais os estudantes se sintam participantes e que não sejam meros espectadores de um conteúdo, além de ter uma compreensão tradicional de ensino citada pela docente 2, enquanto limitação ao uso das tecnologias digitais nas aulas uma vez que os estudantes não são atraídos por essa didática.

- **Segunda Pergunta: O modelo de plano de aulas e disciplinas que vocês usam hoje atendem a necessidade de organização didática? Por quê?**

Docente 1 contribui, informando que se fosse seguir os organizadores curriculares, é óbvio que foge da realidade dos estudantes, então trazendo para a experiência da EJA, pego esses organizadores primeiro e analiso a turma que leciono e começo a fazer as adequações, porque os organizadores da EJA não contemplam.

Mas, com o pouco de experiência na sala de aula começo a fazer a adequação a realidade deles, porque se formos ao pé da letra, seguindo o passo a passo dos organizadores, com certeza eles não vão ter motivação nenhuma para permanecer na sala de aula, porque estaríamos tratando de assuntos que eles não conhecem e a motivação vem a partir daquele momento que você tem uma base, assim a gente tem que fazer realmente um apanhado geral de todos aqueles organizadores e realizar as modificações com base na realidade da sala de aula.

A gente também tem que levar em conta, que a turma da EJA está ali em busca do básico inicialmente, a maioria não sabe ler, então eles realmente querem aprofundar a leitura deles, cada um tem seu interesse, alguns trazem para a religião as leituras bíblicas deles, a maioria dos estudantes do sexo masculino estão voltados para a matemática, mas isso não quer dizer que as demais disciplinas não são importantes, só que as outras disciplinas, por exemplo humanas, necessário fazer um apanhado geral para saber o que ele já vivenciaram, mesmo eles

não tendo aprofundamento para trazer algo real e dando exemplo da vivência e do cotidiano deles.

Então assim atende a necessidade, desde que você vá conhecer a sua turma e vá fazer ali uma peneira naqueles assuntos, porque já começamos com a dificuldade dos estudantes da EJA não terem livros e quando tem livros, tinha algo que não tinha a ver, sempre fazendo pesquisas e fazendo o resumo dos resumos para termos êxito e um feedback naqueles assuntos que estamos passando”.

A Docente 2 concorda com a explanação anterior, em cita a precarização dos conteúdos complexos voltados para a EJA e a ausência de livros didáticos que atendam a EJA, e complementa que “se buscar analisar os conteúdos que se mostram avançados e fora da realidade dos estudantes, o que dificulta muito, precisando adaptar muito os planos que são apresentados para nós docentes, sendo necessário trabalhar algo mais voltado a realidade para poder dar uma aula mais inovadora e que de fato os estudantes se interessam”.

No quesito modelo de plano de aulas, as professoras destacam o descaso em se pensar um plano mais voltado para a realidade da EJA e que é preciso sempre ajustar o plano com base na realidade que identificam na sala de aula, explanando também a precarização enquanto material didático no caso do livro voltado para a EJA, o que volta a reflexão a valorização das experiências dos sujeitos a partir da fala da docente 1 nesta pergunta sobre a motivação está relacionada com as experiências, a partir do que se sabe em busca de novos conhecimentos. O novo se não aplicado da melhor forma pode afastar em vez de atrair os sujeitos.

Docente 3, comunga do mesmo pensamento explanado pelas professoras anteriores, e reafirma com base no seu relato de experiência na sala de aula em dizer que “a realidade é essa, o que vemos hoje na educação de jovens e estudantes é realmente isso.

Essa semana eu passei um texto relacionado a aquarela, a música, e eu tentei trabalhar com eles pelo celular mesmo tendo uma relação à internet, zona rural que é uma comunidade bastante carente. Ao passar o texto aquarela e colocar a música no meu celular, eles olharam para mim e disseram: professora esse texto é muito grande, aí eu falei que iríamos trabalhar com a primeira estrofe, mas eles insistiram em um texto menor, pois eles precisam ler.

E esse é o desejo e necessidades deles, na minha sala de aula o mais jovem tem 45 anos e eles estão ali justamente com o objetivo de ler, tem um mesmo que está ali querendo aprender a ler para tirar habilitação. Dessa forma, a gente tem que ter todo um cuidado uma forma do que a gente vai levar para sala de aula, com o intuito de atrair a atenção e contribuir para o desenvolvimento dos estudantes, com uma abordagem diferenciada. Então, no meu caso mesmo, que trabalho no ciclo 1 2 3 e 4, a gente não possui livros e se depara com situações

limitantes e depende muito do amor do professor pela educação de jovens e adultos para continuar.

Embora tenha 23 anos atuando na educação, apenas 3 anos atuando com a EJA é e algo apaixonante porque a gente está ali para contribuir com eles e eles querem aprender, eles têm a força de vontade, o interesse e dedicação. Nesse frio mesmo eles estão na sala de aula porque eles querem, então a gente tem que ter todo o cuidado como que a levamos para eles, como eu falo essa experiência que eu tive com a música aquarela, que eu não queria trabalhar a música toda, mas é uma música e eu precisava mostrar o texto, porém eles acharam muito grande e eu expliquei que só íamos trabalhar com a primeira estrofe mas, mesmo assim eles queriam texto pequenos e eu geralmente utilizo esse trabalho com 1º ano do ensino fundamental 1, tenho uma aluna que possui dificuldade de identificar as letras mas ela está lá todos os dias frequentando as aulas.

Busco acompanhá-la mais de perto, uma vez que sua turma está mais avançada. Assim, a construção do conteúdo para as aulas requer todo um cuidado em relação ao que levar para aplicar com os estudantes.

Do ponto de vista da Docente 4 o modelo do plano de aulas passa por modificações para se adaptar à realidade da sala de aula, perpassando por “uma análise do conhecimento prévio de cada aluno para verificar as necessidades de cada um, em seguida fazer a aplicação do plano que atenda essas necessidades. Nas minhas turmas o maior desejo deles é ler e escrever”.

- **Terceira Pergunta - Como vocês entendem sequência didática?**

Docente 1 aponta que “consegue entender por sequência didática como uma contextualização de tudo que você vai fazer, então como o exemplo da música aquarela, dentro dessa música, podendo trabalhar em diferentes níveis, abordando questões interdisciplinar, ao exemplificar a música no caso dos estudantes não souberem ler, começo iniciando com as iniciais do tema da música, sendo possível trabalhar também com as questões voltadas para a matemática, quantas estrofes possui a música, quantos versos a música tem, a depender pode ser possível correlacionar com a história... e assim fazer um contextualização de um único texto ou uma única música, capaz de trabalhar vários assuntos dentro dela, a questão das sílabas, enfim vários conteúdos podem ser abordando dentro a partir de uma única música. É como o próprio nome já disse sequência didática, então vou seguir uma sequência ali com base naquela música, esse é o meu conhecimento de sequência didática”.

A Docente 2 aborda sequência didática com base no campo de atuação em que está atuando, citando sua busca por “abordar assunto para sala com dinamismo, que seja um filme, um documentário, abordando uma reflexão em seguida a partir do ensinamento deixado, tendo o cuidado de nunca passar didática por passar.

No meu entender sempre faço uma sequência em analisar a turma, identificar os interesses para trabalhar a didática da aula abordando uma reflexão ao final, se os estudantes vão em uma viagem ou passeio, essa dinâmica fora da sala de aula é abordada em uma aula seguinte sobre o que entenderam, se gostaram do lugar o que poderia melhorar, sempre fazer essa reflexão”.

A Sequência didática, perpassa um roteiro a partir dos comentários das docentes enquanto atuação na sala de aula, sendo iniciado com a análise da turma em prol de compreender o ritmo e os saberes compartilhados entre os estudantes, seguido do planejamento que a partir do levantamento da turma é estruturada a atividade para a aula, a execução da atividade que é o momento de colocar a mão na massa, sendo a vez do aluno participar e para fechamento a reflexão com base na experiência vivenciada a fim de compreender os resultados promovidos pela atividade.

• **Quarta Pergunta - Quais atividades são possíveis desenvolver sobre o mundo do trabalho com o uso das tecnologias disponíveis na escola?**

Docente 1, “com base na escola que trabalho, os recursos que nós temos: *data show*, caixa de som, já possui acesso à internet só deixa a desejar a quantidade de megabytes para abranger em todas as salas, geralmente a maioria das escolas possuem uma sala que a internet seja mais próxima da secretaria, então quando uso o *PowerPoint* é preciso trocar de sala para facilitar o acesso, como abordado anteriormente para os estudantes a tecnologia como passar um documentário não é muito atraente, tem horas que se for passar um vídeo vem as piadinhas por exemplo: “passa um filme de ação aí”. Mas, mesmo assim a gente tenta está fazendo essas modificações na aplicação das atividades para não ficar muito monótona, promovendo atividades para desenvolver com baseadas na experiência dos estudantes”.

Concordando com a fala anterior a Docente 2, que já atuou na mesma escala que a docente 1, “lembra a preocupação de sempre trazer novidade para os estudantes utilizando os recursos tecnológicos disponíveis, trazendo uma reflexão, abordando a importância dos conteúdos para o dia a dia dos estudantes. Porém, tendo também cuidado de não estar sendo repetitivo, e desmotivar os estudantes em pensar: “poxa se eu soubesse eu não vinha”. Entre os estudantes ainda se tem a necessidade do ensino tradicional, se não escrever no quadro para que

eles usem o caderno, não ler, não é uma aula. Trazer com cautelas as tecnologias, mostrando a eles que isso vai servir para o mercado de trabalho, para o dia a dia deles, para o desenvolvimento, para tudo”.

Docente 4, complemento enquanto sua experiência na sala de aula “utilizando recursos tecnológicos como a utilização de caixa de som para a aula, o uso de *data show* para compartilhar um documentário e os estudantes ficam empolgados com as aulas diferentes”.

A abordagem das docentes enquanto atividades sobre o mundo do trabalho e o uso das tecnologias disponíveis na escola, compreendem a limitação do acesso à internet e precarização dos equipamentos, mas ainda sim a criatividade entre as professoras promove momentos de interação com as turmas como abordado nos relatos, com ressalva a dosagem que esses recursos tecnológicos são utilizados para que não disperse os estudantes do real propósito da atividade e nem os desmotive com a sensação da falta de conteúdo na aula, por não utilizar os recursos tradicionais.

- **Quinta Pergunta - O que você espera de um desenho didático que atenda: O mundo do trabalho e as tecnologias digitais para ser aplicado na EJA?**

Docente 1, “a expectativa é sempre que aconteça o melhor. Mas, para que esse melhor aconteça, não basta viver apenas do verbo esperar, é necessário que o órgão responsável mais atento para a EJA, que é muito fragilizada em termos de atenção.

Então assim, quem fosse os coordenadores de EJA, tivessem atento para esse público que necessita de um olhar mais clínico para um impacto maior, propondo com livro com base na realidade da EJA, já ajudaria muito na didática da sala de aula. Ainda assim, é um pouco excludente, falando pelas minhas experiências, de dedicação e esforço, acredito que falta esse olhar clínico no órgão de cima, de da atenção para a EJA, deixando muito a desejar nas classes da EJA. Na realidade os jovens e adultos da EJA são mais tradicionais e estão na busca pelo básico como a leitura, escrita e cálculos matemáticos.

O tradicional ainda funciona, não existe ainda o método perfeito como se fosse uma receita de uma determinada comida e chega na sala de aula dá certo, assim a gente vai adequando os métodos. Não podemos deixar de esquecer do nosso mestre Paulo Freire que fala muito dessa questão da vivência de aproveitar o que o aluno já tem, se aprofundando na realidade deles, no conhecimento deles, no cotidiano deles.

Já estamos trabalhando sem esse recurso de um livro para EJA que a gente acha que é fundamental, fazendo aqui uma crítica de forma geral, que por mais que nós queremos o melhor para nossos estudantes, por mais que a gente tenha esse olhar, já trabalhei com quase todas as

professoras que estão aqui, conheço a realidade dos professores do EJA. Já começa com a falta de respeito dos próprios professores do EJA, que acham que a gente trabalha à noite por questão de ser menos tempo, sendo uma falta de respeito com os próprios professores, não sabendo da realidade de muitos estudantes carentes, que são estudantes cansados, que possuem uma rotina de trabalho intensa, mas que estão ali em busca do algo melhor.

Além das situações delicadas como estudantes usuários de drogas que vão ali para escola como refúgio e nós não vemos esse olhar clínico, então fazemos o que está ao nosso alcance, e pelo que eu vejo, a EJA do meu ponto de vista ainda é muito excludente”.

Docente 2 ressalta sua perspectiva sobre o olhar do docente 1, complementando que “seja um plano que respeite a realidade dos estudantes e que seja acessível a todos, que possa proporcionar conhecimento significativo, por ser um público bem diferente e diversificado em cada sala de aula. Eu atuo com o fundamental II numa faixa etária de 17 a 45 anos, então que realmente respeite a realidade desses estudantes, porque realmente a EJA não é respeitada, infelizmente não é. Precisa fazer mais coisas, a gente vê essa necessidade”.

Em crítica a faixa etária entre os estudantes da EJA em uma mesma sala, a Docente 1 traz o questionamento de “como que colocam jovens de 17 anos juntos com 45 anos, 50 anos? São um público completamente diferenciado, às vezes a gente perde adultos de frequentarem a sala de aula por essa questão, por não respeitar essa faixa etária, a linguagem de um aluno de 17 anos não é igual a de uma pessoa de 50 anos, o que as pessoas não estão atentas a esse respeito entre as faixas etárias, deixa muito a desejar e dificulta o nosso trabalho, infelizmente”.

“Agora mesmo com essa junção de turmas, os próprios estudantes estão vendo isso como uma falta de respeito. Foi uma junção de turmas que precisou fazer, mas que desagradou bastante, afastando ainda mais os adultos com maior faixa etária do colégio. Porque nossa EJA é assim, hoje a gente está com 15 estudantes na sala, amanhã estamos com 8, tem dia que está pode estar com 3, tem dia que a gente pode estar com 20 estudantes.

Eles não seguem aquele segmento de que todos os dias têm que ir para aula, mas eles todos frequentam só que de forma intercalada”, segundo fala da docente 2 que força “o cuidado e respeitando as diferenças, propondo conteúdos e ações que estejam na realidade dos estudantes, mas acima de tudo a EJA precisa de ser respeitada, porque não é”.

A Docente 3, também relata sua experiência em relação a instabilidade das frequências dos estudantes nas aulas, por motivos como ir à igreja à noite, algum evento ou em períodos de chuva que dificultam o assim. Além de ressaltar a necessidade dos sujeitos da EJA de respeito, argumentando que é preciso abrir um espaço para ouvir os estudantes e seus anseios.

“Essa questão do respeito e até mesmo em relação aos materiais didáticos como a ausência de livro para o ensino, eu falo com experiência própria por não ter que de então de certa forma é uma falta de respeito. Se os estudantes vão até a escola e fazer a matrícula é porque eles estão ali em busca de algo e não para brincar, eles vão mesmo para estudar, porém e perceptível as dificuldades, o que acaba tirando o prazer de estudar e muitos acabam desistindo.

Os estudantes precisam mesmo desse acolhimento, porque eles não estudaram porque não quiseram, nos históricos quando a gente pergunta, eu falo direcionado mais para minha realidade, eles falam que tinha que cuidar dos irmãos, trabalhar muito cedo e eles não tiveram essa oportunidade da escola na idade certa. Então assim, retornaram na educação de jovens e adultos e a gente precisa respeitar esse público, porque eles são dignos de amor e precisam ser respeitados, acolhidos e amados como qualquer outro aluno”, reafirma a docente 3.

A Docente 4, relata a importância da fala das colegas de profissão e passa pelas mesmas experiências, mesmo com a falta constante dos estudantes por motivos diversos eles sempre voltam a sala de aula, um dos principais motivos está nas demandas do trabalho no fumo citado pela professora. Mas os estudantes não desistem e volta a reforçar a necessidade de respeito.

Os estudantes da docente 3 se assemelham aos estudantes citados pela docente 4, os quais “trabalham de forma temporária com o fumo, e mesmo ausentes nas aulas, sempre fala que é para deixarem as vagas deles que em setembro eles vão retornar, sempre com aquele cuidado porque não estão frequentando esse período justamente por conta do trabalho e depois eles retornam, a gente precisa olhar para isso e ver que eles vão voltar, tudo no tempo deles, porque se eles precisam trabalhar e a gente sabe como é a dificuldade hoje em dia principalmente no nosso país, em que as coisas não estão fáceis. Então eles precisam do trabalho, mas também querem estudar. Então como é que tiramos isso deles? Como tirar esse direito? Por isso é muito complicado”.

Entre as expectativas dos docentes ressaltam a compreensão do respeito para com os sujeitos da EJA, suas trajetórias e saberes associados a um desenho didático que atenda a diversidade, abarcando os espaços em que os estudantes estão inseridos gerando um espaço de escuta dos anseios por parte dos sujeitos. Os docentes, buscam em suas aulas adaptar a didática do ensino a partir das experiências dos estudantes e enfrentam dificuldades com relação a ausência de materiais auxiliares do ensino, como o uso de um livro didático que atenda a realidade da EJA e os recursos tecnológicos disponibilizados nas escolas são limitados.

- **Sexta Pergunta: Como vocês veem os estudantes da EJA e suas ações voltadas para o empreendedorismo?**

Docente 2 – “alguns dos meus estudantes, principalmente as meninas mais jovens, estão aprendendo a fazer cabelo, tranças, unha em gel, doces, licor... durante o período de São João, feriados e datas importantes, elas quase que fugiram, mas não fugiram porque não queriam ir para a aula, mas por conta do trabalho e sempre pediam para guardar atividade por não pode frequentar as aulas durante os dias que trabalham, mas sempre retorna e acompanham as aulas, uma parte desse público tá lutando para ter seu espaço.

E os meninos alguns trabalham colocando forro de gesso e dizem que vão viajar, mas as pessoas que não possuem um trabalho acabam acomodados para ir para o colégio, já esses povos da correria, como eles mesmo dizem, precisam e tem interesse em estar na escola, mas também de correr atrás do seu trabalho”.

Docente 1 – “Como já trabalho com público mais jovem, fico triste em ver os relatos, infelizmente meu público é só jovem que estudam na parte da tarde. Então o que tenho observado é que esses jovens que eu trabalho eles estão vendo empreendedorismo ainda como uma questão da venda de drogas, infelizmente.

Eu tenho estudantes que já veio até me pedir emprego, porque estão sendo aviãozinho, e eu falo a dura realidade, onde pai e mãe estão desempregado e assim muitos vêm os pontos de droga como fonte de emprego e por mais que eles queiram sair, para eles é como se fosse a única situação de ajudar a família, por isso é muito triste esse relato, mas assim os meninos de periferia eles acabam sendo vítimas e a sociedade fecha os olhos e só vê a solução de mandar a polícia está matando e estamos terminando esses negros pobres e não param para analisar, não estou aqui para fazer a defesa de drogas, jamais, estou fazendo uma reflexão infelizmente, porque esse é um dos motivos que mais os jovens se envolve nas drogas hoje e a sociedade e o governo de forma geral fecha os olhos para isso.

As meninas hoje estão querendo se as esposas de traficantes, porque é como se fosse ostentação para elas hoje, então infelizmente o empreendedorismo que eles estão vendo é esse. Por isso, incentive eles a estudarem, vejo tudo ainda como uma luz no fundo do túnel e dou o exemplo a eles da minha realidade como foi, mas quando eles chegam para fora com outras realidades, aí eu não vejo meus jovens infelizmente tendo um outro olhar para o empreendedorismo, essa é a triste realidade”.

Docente 2 – “Esse público que você reclamou também é meu público da tarde, mas esse público que eu citei dos estudantes trabalhadores, é o público da noite, realmente os

estudantes da tarde, tem esse mesmo perfil com a faixa etária de 15 a 20 e os da noite de 16 a 45 por aí, mas realmente no perfil da tarde esse mesmo que descreveu”.

Docente 3 - “Tendo em vista a localidade da escola por se na zona rural, os estudantes estão voltados mais ao trabalho árduo, são pessoas idosas a partir de 45 anos, são mais trabalhadores, as pessoas que estão ali na lida, entre os que trabalham na temporariamente com o fumo, como pedreiro, na roça. Não tendo a presença do empreendedorismo, por serem mais velhos, acredito que os jovens tenham mais essa questão de ser empreendedor, mas os meus já são mais idosos”.

A Docente 4, ressalta a semelhança entre os seus estudantes e os da docente 3, por também ser uma escola situada na zona rural em que os estudantes são possuem uma faixa etária de adultos, em que são voltados para o trabalho arduo, assim como citado anteriormente.

Compreender a percepção das docentes em relação ao empreendedorismo, revela o contato do dia a dia dos estudantes com relação ao mundo do trabalho e os caminhos trilhados em busca da geração de renda, muitas vezes direcionando para caminhos ruins os quais acaba marginalizando os estudantes sem perspectiva de novas oportunidades para melhorar a qualidade de vida e garantir o seu espaço na sociedade.

Assim, com base nas experiências compartilhadas pelas professoras no grupo de discussão, tratando pontos importantes para a construção de um desenho didático contextualizado – DDC, que atenda as peculiaridades dos sujeitos da EJA respeitando suas experiências. A pesquisa também conta com o relato da Coordenadora da EJA, através de uma entrevista baseada nas nos questionamentos apresentados no grupo de discussão na qual abordou conceitos importante para uma a construção de uma abordagem de desenho didático que atenda da melhor forma os estudantes.

Com mais de 20 anos de atuação na EJA, a Coordenadora da EJA do município possui uma longa entre transições na carreira, perpassando como docente, diretora de uma unidade escola até mesmo coordenadora da EJA, em que já havia atuado como coordenadora por quatro anos a oito anos atrás e agora em meados de 2022, retorna como coordenadora da EJA no município novamente e se define como militante apaixonada pela EJA. Mas, relata que assumiu em um momento muito difícil, citando o movimento de junção das turmas, ponto bastante abordado de forma crítica pelo grupo de discussão.

Com as movimentações devido ao período de pandemia os professores e estudantes precisaram se adaptar a uma nova realidade do ensino online em que muitos não frequentaram as aulas, já em 2022 com o retorno as aulas presenciais, meados de junho em que a cidade tem um comercio aquecido devido as festividades juninas, com muitos trabalhos temporários os

quais os estudantes da EJA aproveitam esse período para garantirem uma renda e assim, acabam faltosos durante esse período. E foi durante esse período que a secretaria realizou um levantamento de frequências e com base nas informações realizou a junção das turmas. Um ponto a se levar em consideração é a necessidade de flexibilização, não sendo possível julgar a EJA nesse período. A equipe avaliadora não conhecia o chão da sala de aula da EJA, sendo uma equipe que entende de leis e alguns são professores, mas com experiências baseadas no ensino normal.

A EJA requer um corpo a corpo e o ensino online por conta da pandemia, prejudicou essa relação, afirma a coordenadora expressando sua experiência enquanto professora da EJA durante o período da pandemia, em que os encontros das aulas online limitavam, e assim o uso dos bloquinhos de atividade foram utilizados para alcançar os estudantes.

Em relação a percepção da presença das tecnologias digitais na EJA é abordada pela coordenadora em abordar que sempre trabalhou com as suas turmas de EJA as tecnologias digitais, através de filmes, aulas explorando recursos da internet. Com ressalva ao dizer que “as tecnologia das escolas públicas principalmente em Cruz das almas é muito precária e como a gente não tinha o hábito, durante o período de aulas online, acabou assustando os estudantes por ser as aulas online, os estudantes até usarem as tecnologias mas, a gente estava junto com eles manuseando junto com eles, aprendendo de maneira mais lenta, mas isso acelerou pela necessidade e isso assustou, como se fosse uma coisa diferente que eles não tinham hábito e não se sentiram seguros, não só eles como muitos professores e os estudantes conseguem perceber a nossas inseguranças e nossas certezas”.

As tecnologias digitais vieram de forma acelerada e sua necessidade a partir da pandemia, e o que mais assustava na EJA era a falta do contato com os estudantes, porque na EJA existe um diálogo de acolhimento, de incentivo e motivação, mas houve um rompimento e a didática de ensino precisou se reinventar para suprir essa necessidade com inovação nas aulas para ser facilitadora da aprendizagem dos estudantes.

Voltada para atuação na coordenação da EJA, a percepção dos professores em relação as tecnologias com os estudantes, foi abordada as transições dos professores os quais buscaram se adaptar e em meio as limitações juntamos forças a favor do desenvolvimento do ensino.

Em exemplo citado pela coordenadora: “um dos professos de matemática que não sabia da aula da matemática pelo celular, então chamei um professor colega que sou coordenadora dele em Governador Mangabeira - BA, e pede para explicar como ele dava as aula de matemática e assim, começou a explicar como eles tirava os vídeos da internet e colocava lá escrevendo tudo no quadro, ele buscava no *youtube* vídeo das aulas fazendo as

continhas e enviava para os estudantes, quantas vezes ele pegou o papel colocou o celular no suporte e ele com a mão dele ia fazendo para os meninos fazerem, ele foi se reinventando e conseguiu, e também ajudou o professor de Cruz das Almas a replicar essa abordagem em sua didática de ensino”.

Dessa forma, a coordenadora compreende desenho didático como uma sequência para compreender qual modelo, como a gente elabora e como usar as estratégias para a aprendizagem. Enquanto plano de aulas e de disciplinas se apresenta uma certa resistência em divergências para execução do plano anual, faz falta os encontros para avaliar e reestruturar os planos de aula de acordo com a realidade.

Em sequência a Coordenadora aponta que “a EJA é esquecida pela BNCC – Base Nacional Comum Curricular, em que não vem trazendo nada para EJA. Então quando fala em planejamento e a estrutura do planejamento do município é todo em cima da BNCC, como os professores da EJA ficaram? Eles assistiram pessoas falando da BNCC e tendo formação dela, na hora de abordar sobre a EJA é deficiente”.

Em abordagem as práticas e programas propostos na EJA em relação a atividades desenvolvidas para o mundo do trabalho utilizando as tecnologias é pontuado pela coordenadora aborda a limitação em relação a equipamentos tecnológicos, ao se pensar em aulas mais didáticas e de incentivo as pesquisas usando celular, existem restrições nem todos os estudantes possuem celular, gerando atividades mais lentas porque chega a ter dois ou três celulares na sala apenas.

Segundo relato da coordenadora que já atuou como professora da EJA em turmas no interior do município, “quando vai para zona rural principalmente as pessoas acham que todo mundo tem celular, mas muitas vezes o celular é dividido pela mulher e pelos filhos, às vezes por irmãos, então muitas vezes é dois celulares em casa para cinco pessoas, e nem sempre está em mãos na sala de aula”.

A Coordenadora lembrou projetos já aplicados na EJA intitulado eu sou trabalhador, trazendo pessoas que trabalhavam no meio rural, advogados para abordar sobre arrendamento e também orientar em casos de violência, profissionais de beleza para corte de cabelo, para realização de palestras, trazendo conhecimento, além de trabalhar atividade de pesquisas sobre cada uma dessas diversas profissões como forma de aproximar do mercado de trabalho com as tecnologias.

Muitos dos sujeitos da EJA, realizam “bicos” termo utilizado para se referir a trabalhos temporários, mas segundo a coordenadora a um grande incentivo para o empreendedorismo, em que relata suas experiências no chão da sala de aula, “um exemplo é o ano de 2020 onde eu

trabalhei com as nove tecnologias africanas, aí eles fizeram várias coisas até me surpreenderam fizeram até óleo de coco, trabalharam com plantas medicinais, fizeram artes, pesquisas, a gente tentou trabalhar com essas coisas de empreendedorismo para que eles pudessem aprender. Um aluno disse que estava sem trabalho e eu perguntei se tinha terreno na zona rural e se já tentou plantar, e ofereci um pacote de feijão para começar, dessa forma enquanto estava estudando poderia trabalhar para ele mesmo, para conseguir gerar seu dinheiro, completar os estudos e depois fazer uma faculdade e entrar no mercado de trabalho, mas sólido”.

A Coordenadora abordou sobre as mudanças a matriz curricular da EJA que estão em planejamento e uma das coisas que propõe um projeto de vida, abordando o empreendedorismo que pode ser trabalhado como incentivo aos estudantes, para aprovação falta passar pelo conselho de educação.

Com base na percepção dos docentes e relatos da coordenação de EJA no município fica evidente os encontros e desencontros do ensino, são relatos distintos, mas que se complementam na abordagem a precarização e negligência no campo da EJA, o que é reflexo da BNCC e se replica entre os ambientes escolares, em que os professores que atuam com turmas da EJA não se sentem representados.

São ações de resiliência e militância por parte dos docentes que fortalecem a EJA, são microações realizadas pelos professores que impactam na vida dos estudantes e verberam na comunidade em que estão inseridos, promovendo um conhecimento a partir das experiências, incentivando um conhecimento ao longo da vida.

6.3 O DESENHO DIDÁTICO CONTEXTUALIZADO (DDC)

Chegamos ao tão esperado momento, o ponto alto da pesquisa no desenrolar da proposta de produto da pesquisa, a qual se compromete em apresentar um Desenho Didático Contextualizado – DDC denominado como produto piloto por se trata da primeira explanação enquanto ferramenta para se replicável, e sendo necessário passar pelo crivo dos docentes e sujeitos da EJA, para os quais o DDC foi projetado.

O Desenho Didático Contextualizado tem o intuito de corroborar com o ensino e aprendizagem voltados para as experiências dos sujeitos da EJA, enquanto trabalhadores/empreendedores elencando o mundo do trabalho e as tecnologias digitais, respeitando os diferentes saberes.

Incentivando a criatividade e inovação nas aulas, as pesquisas mostram a necessidade de se pensar um desenho didático com as seguintes características: atemporal que perpassa as

transições e não se torna obsoleto com o passar dos anos; acessível de simples compreensão, propondo uma forma mais fácil para os sujeitos e que seja alcançável, estando ao alcance de todos, em específico entre professores e estudantes da EJA. Essas 3 características se constituem a partir da compreensão histórica teórica abordada através da literatura.

Em complementação, 4 novas características se juntam a construção do DDC, identificadas a partir do campo de pesquisa e se mostram fundamentais para se contemplar, sendo as características: atrativo, com o intuito de volta a atenção dos sujeitos da EJA; Objetivo, sendo direto ao ponto no que se pretende e como pretende; concreto, saindo do campo da teoria e explorando o real que são as experiências dos sujeitos da EJA; e como última característica e não mesmo importante o simplificado, no sentido de tornar mais simples conteúdos complexos com o intuito de promover uma didática capaz de atender a todas as pessoas, indiferente do seu nível, promovendo a aprendizagem com base no tempo do aluno, uma vez que entendemos a EJA em sua diversidade.

Trazendo elementos educacionais em consonâncias com a experiência profissional em negócios digitais na promoção de infoprodutos elencando ao incentivo ao empreendedorismo social com o uso do *Canvas* na elaboração da ferramenta do DDC, capaz de proporcionando interatividade e interdisciplinaridade a partir do seu uso para elaboração e abordagem didática em uma aula abordando um tema direcionador proposto pelo docente.

Canvas é uma palavra inglesa que deriva do latim significa “tela”. Pense numa tela em branco. Você pode colocar nela o que a sua imaginação permitir e, assim criar uma visão compartilhada de algo que anteriormente era só seu. [...] O termo foi popularizado por Alex Osterwalder, criador do Canvas do modelo de negócios (Business Model Canvas) que constitui a base da metodologia criada por ele para promover inovação e geração de business Models (ALVES, 2016, p. 32).

A popularização do uso do Canvas, como ferramenta do processo de ensino-aprendizagem se popularizou, e Alves (2016) aborda esse alinhamento do Canvas que significa tela em relação a ferramenta Canvas do modelo de negócios, que foi um dos pioneiros na elaboração e estruturação deste modelo, que é voltado para o mundo dos negócios na formulação de um empreendimento.

O Direcionamento do DDC, é uma ferramenta que constitui de metodologias ativas para sua aplicabilidade a qual promove a interação, criatividade e a inovação, fugindo do método de ensino tradicional do qual o professor é quem ensina e passamos a construção da figura do professor como facilitador.

As metodologias ativas são consideradas os caminhos para avançar no conhecimento, nas competências socioemocionais e em novas práticas de ensino, em que o papel do professor está em ajudar os estudantes a irem além dos seus limites (MORAN, 2018). Além do compartilhamento de experiências das quais os sujeitos da EJA se identificam, por abordar o concreto, propicia a imaginação e estímulos a criatividade, explorando a diversidade.

A projeção das formas que o DDC foi construído a partir da compreensão de design de produto abordado por Bürdek (2006) em que desenvolve a partir de um processo criativo, agregando a criatividade, ao senso de invenção e inovação de técnicas otimizadas a uma metodologia. O termo design se apresenta de diferentes formas ornando com o propósito metodológico de otimização de uma determinada atuação. Segundo Alves (2016, p. 24) “ na etimologia da palavra, verá que em inglês, design, entre outras coisas significa criar ou planejar com um propósito específico”. Dessa forma, o design é orientado na busca de soluções para um problema.

Sobre tais compreensões a respeito do Desenho Didático Contextualizado na busca de gerar novas oportunidades de aprendizagem na EJA, tendo em vista a diversidade a partir dos relatos das docentes, com estratégias elencadas as metodologias ativas com o intuito de surpreender os estudantes, deixando os processos menos previsíveis e atraente para prender a atenção dos estudantes bem como é citado por Moran (2018).

Com o intuito de corroborar com uma educação integral voltada ao humano, em sua totalidade compreendendo a realidade dos sujeitos não apenas um de seus comportamentos, elencando a uma aprendizagem na qual compreende seu papel democrático e sua importância em uma compreensão mútua contribuindo para as relações humanas (MORIN, 2001).

Dessa forma, a partir dos levantamentos das necessidades sujeitos da EJA e as características listadas no início deste subcapítulo o DDC é construído de 4 fases dadas por blocos e etapas a serem seguidas a partir do direcionamento e orientações passadas pelo docente, como sendo um planejamento de aula no qual o aluno interage como responsável do seu próprio aprendizado.

O Projeto foi idealizado para ser realizado em etapas, seja durante as aulas ou intercalando com atividade para a casa, dependendo do ritmo da turma pode ir avançando, sendo possível até mesmo aplicar em uma única aula. O intuito da distribuição em fase é propor aulas dinâmicas e que atraiam os estudantes para concluir na aula seguinte atraindo assim a atenção dos estudantes por se tratar de algo concreto. Em relação os materiais para sua aplicação estão a impressão do *canvas* do desenho didático contextualizado, o uso de *post-it* (ou nota adesiva) para tornar a experiência mais dinâmica e caneta, se possível o uso da internet

através do celular ou computador compartilhado. A sua aplicação de forma tradicional, pensada como meio facilitador de acesso a todos para utilização de forma acessível e ao alcance dos estudantes para a sua utilização.

O DDC pode ser aplicado como estrutura para ensinar um conteúdo, bem como para desenvolver um projeto de campo e até mesmo como incentivo orientar para empreender tendo em vista os dados da taxa de desemprego e o índice de trabalhadores autônomos, munir essas pessoas de conhecimentos para o mercado de trabalho é gerar oportunidade de mudança da realidade em que estão inseridos, impactando as pessoas em sua volta.

Assim, o DDC compreende os campos iniciais referentes a Disciplinas/Áreas do conhecimento juntamente com o campo de tema central os quais é abordado pelo docente sobre a proposta de aula a ser passada, essa é a primeira ação condutora para propor autonomia aos sujeitos. Entre as fases e os direcionamentos cada etapa indica um *emoticon* com o intuito de trazer mais leveza e atrair a atenção, facilitando a fixação das etapas que o DDC contempla.

Fase 1

A etapa inicial compreende a identificação da atividade enquanto propósito de realização, para atrair a atenção dos sujeitos para participarem de forma comprometida. Antes de iniciar a fase 1, é importante apresentar os materiais didáticos utilizados como o uso de post-it, caneta e o uso da internet seja pelo celular ou computador compartilhado. Em seguida, a apresentação da disciplina ou área(s) do conhecimento e o tema central da atividade para situar os estudantes para iniciar a primeira fase que compreende os campos referentes ao protagonista, seguido da identidade e o campo da experiência inicial, conforme o quadro 5, a seguir;

Quadro 5 – Produto Piloto Fase 1

Disciplinas/ Áreas do conhecimento:
Tema central:
Fase 1
★ Protagonista
🆔 Identidade
📖 Experiência inicial

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O Protagonista representa quem é o foco principal da atividade e sua característica principal a ser trabalhada. No caso do campo do Protagonista é o momento inicial de trazer o aluno da EJA para a prática, o protagonista não muda, será sempre o aluno, mas a complementação pode variar conforme necessidade. E o ícone do Protagonista é representada pelo emoticon de uma estrela (★). Exemplo: nome do aluno / Pintor.

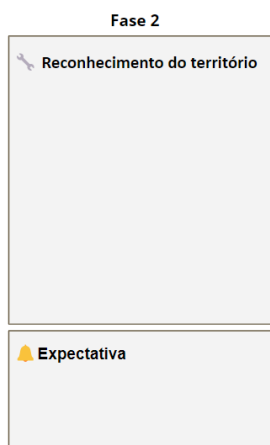
O segundo campo da primeira fase corresponde a identidade e tem como emoticon ID (ID). Esse espaço compreende tributos que caracterizam o protagonista distinguindo os dos demais. Ex: Características com base no tema central sobre a descrição do protagonista. E para fechamento dessa etapa, a explanação no campo da Experiência inicial e o emoticon de pausa (II) representando uma pausa da construção do canva e se voltar ao diálogo sobre o desenvolver da primeira fase, como forma de aproveitar o processo da aprendizagem, reforçando ao aluno que a aprendizagem se dá a partir da iniciativa por parte deles mesmos.

Fase 2

A Segunda fase contempla o reconhecimento do território e expectativas. Em relação ao reconhecimento do território compreende ao emoticon de chave de fendas que remete a apertar os pontos soltos (🔧), esse campo é preparado para os estudantes listarem os recursos disponíveis a favor do protagonista, as ferramentas e recursos que são favorecer a atividade em questão.

Seguido para o campo da Expectativa, contempla o emoticon de sino (🔔), em que é retomando o diálogo com base no reconhecimento do território, descrevendo a expectativa almejada com relação aos resultados que desejam na execução da atividade.

Quadro 6 – Produto Piloto – Fase 2



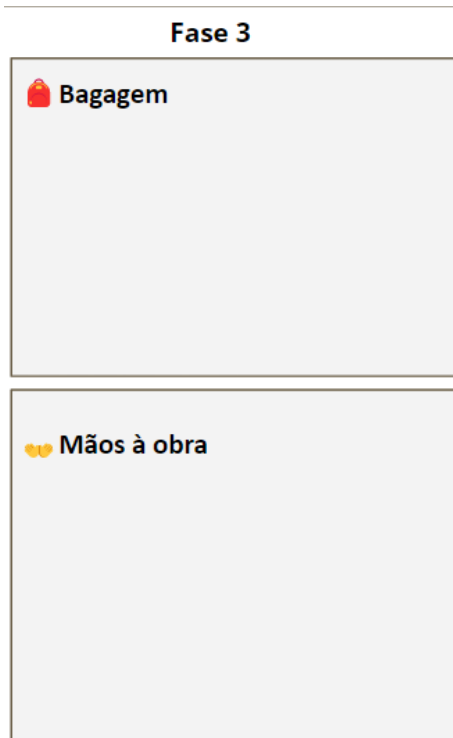
Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A Segunda fase é o momento de pesquisa e reflexão, hora dos sujeitos compreenderem o território inserido em relação a atividade proposta o que se encontra ao seu redor, realizando um levantamento com base do tema central. E partindo para a expectativa na exposição do que se espera alcançar com a atividade a reflexão se volta ao diálogo a partir da imaginação dos estudantes, estimulando a criatividade.

Fase 3

Nessa fase, o desenho didático contextualizado compreende a bagagem e a mãos à obra, elencando a pesquisa com a concreto, sempre em uma evolução para que o sujeito se desenvolva ao longo da atividade de forma didática, simplificada e estimulando a ação do aluno no processo de realização em que ele conduz as etapas de cada fase propostas pelo professor.

Quadro 7 – Produto Piloto – Fase 3



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A Bagagem é também um campo de pesquisa, dessa vez voltado para a aprendizagem, tendo como representação o emoticon uma mochila (🎒). Esse espaço é proposto para a idealização, explorar a aprendizagem, busca por referências explorando os recursos digitais.

Em um segundo momento após esse levantamento da bagagem e a vez da Mãos à obra com o emoticon de mão dadas (👐) como sendo o momento de colocar em prática o que está




sendo abordado ao longo das fases, trazendo a atividade para o concreto. Esse momento, é fundamental para a construção da realização dos estudantes enquanto exploração das ideias e criatividade colocar em prática é possibilitar espaço para realização daquilo que foi idealizado. Esse espaço tem grandes chances de estimular os sujeitos a se posicionarem como protagonistas e a visualizarem certezas em meio as incertezas e inseguranças.

Fase 4


A quarta fase é a finalização do DDC e compreende os campos da Realidade, Autoavaliação e novos projetos. Sendo uma fase mais reflexiva, após perpassar pelas atividades anteriores é momento do sujeito se auto avaliar, conferindo a sua realidade e também com perspectivas futuras para seguir sendo protagonista em busca de conhecimentos que agreguem no seu desenvolvimento pessoal.

Quadro 8 – Produto Piloto – Fase 4

Fase 4

 Realidade
 Auto avaliação
 Novos projetos

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O campo da Realidade possui como *emoticon* a imagem de um campo () , esse espaço é para a reflexão em que o sujeito apresentará os resultados obtidos comparados a trajetória das atividades. Conferindo as anotações incluídas no campo de expectativas incluída na fase 2 e incluir no campo da realidade a conclusão que chegou. Este campo pode indicar as

mesmas informações incluídas nas expectativas no caso de ter alcançado ou modificado conforme o comparativo.

Em seguida a etapa de auto avaliação, com *emoticon* de confirmação (☑) que propõe o diálogo com base na experiência da atividade, pontos positivos e pontos negativos. Seguido do campo novos projetos, com o ícone representando uma retroalimentação do desenho didático (🔄), nessa etapa de reflexão, de incluir novos projetos ou etapas para dá continuidade e recomeçar utilizando o desenho didático contextualizado – DDC, já com base na colaboração dos sujeitos para o tema central.

Com base no detalhamento das 4 fases que compreendem o DDC, elaborado a partir do formato *canvas*, para maiores esclarecimentos de forma dinâmica e suas orientações de como usar estão expressos no quadro 9 a seguir e no apêndice G para uso didático.

QUADRO 9 - DESENHO DIDÁTICO CONTEXTUALIZADO (DDC)

Disciplinas/ Áreas do conhecimento:			
Tema central: (contexto da atividade em aula) Ex: Panfleto para divulgação dos serviços			
Fase 1	Fase 2	Fase 3	Fase 4
<p>★ Protagonista- (Quem é o foco principal da atividade. No caso de uma atividade de aprendizagem o aluno e sua complemen ser tratada. Exemplo: Nome do aluno - Pintor)</p>	<p>🔧 Reconhecimento do território (listagem dos recursos disponíveis a favor do protagonista)</p>	<p>🛡️ Bagagem (Idealização, explorar a aprendizagem, busca por referências explorar os recursos digitais)</p>	<p>🇧🇷 Realidade (resultado obtido com a atividade)</p>
<p>🆔 Identidade (atributos que caracterizam o protagonista distinguindo os dos demais. Ex: Características com base no tema central sobre a descrição do protagonista).</p>			
<p>🗨️ Experiência inicial (Diálogo sobre o desenvolver da primeira fase/ anotações de feedback)</p>	<p>🔔 Expectativa (Diálogo com base no reconhecimento do território, descrever a expectativa do resultado que deseja alcançar)</p>	<p>👏 Mãos à obra (Momento de colocar em prática, trazer para o concreto)</p>	<p>✅ Auto avaliação (Diálogo com base na experiência da atividade, pontos positivos, pontos negativos)</p>
			<p>📩 Novos projetos (essa etapa de reflexão, de incluir novos projetos ou etapas para dá continuidade e recomeçar utilizando o desenho didático.)</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A elaboração do Desenho Didático Contextualizado – DDC, reuni os aspectos identificados ao decorrer da pesquisa, contribuindo na promoção do diálogo entre o mundo do trabalho e as tecnologias digitais na EJA, através do seu uso no formado de *canvas* que proporciona uma interação mais concreta, abordando a vivência dos estudantes.

Em complementação a validação do DDC, foi realizado um segundo encontro com o grupo das docentes participantes da pesquisa para apresentar o projeto piloto e discutir quanto a sua aplicabilidade na realidade da EJA. Entre as docentes houve poucos questionamentos, as professoras se mostraram atentas aos esclarecimentos sobre o uso do DDC.

Não foram sinalizados gargalos com relação ao DDC proposto, as professoras abordaram a importância de inovar no ensino, enquanto as características apresentadas na produção da pesquisa, as docentes concordaram e voltaram a citar a necessidade de algo simplificado para os sujeitos da EJA e suas diversidades.

Dessa forma o projeto piloto em sua versão apresentada no grupo de discussão não houve alterações, as professoras pontuam o interesse em testar o desenho didático em suas turmas e para uma melhor compreensão, as docentes apresentaram o interesse de analisar melhor o desenho didático, sua viabilidade para aplicação nas aulas, mas informação o volume de atividades os quais se intensificam no segundo semestre do ano e acaba restringindo esse espaço para testar novas metodologias.

A partir dessas análises o desenho didático apresentado no quadro 9, passou pela validação do corpo docente participante da pesquisa no segundo grupo de discussão, como ferramenta propicia para o desenvolvimento dos sujeitos da EJA em relação as tecnologias digitais para o mundo do trabalho atendendo os critérios propostos pela pesquisa.

Enquanto formado de aplicação, o DDC pode ser utilizado de forma impressa nas aulas enquanto se tem a limitação dos recursos tecnologias digitais, mais ainda sim o Canvas do DDC possui inovação por desenvolver uma ferramenta capaz de atendem os estudantes da EJA contemplando suas necessidades enquanto trabalhadores/empreendedores.

Os aspectos tecnológicos propostos pela pesquisa é a migração do DDC para sua versão digital, tornando mais acessível para ser consumido entre os professores e estudantes. A integração com a aba de pesquisas do *google* para facilitar que os estudantes pesquisem o conteúdo de interesse sem sair do Canvas DDC.

Além disso, se tem como proposta a implementação da opção áudio guiado – em que o aluno é capaz de ouvir as orientações e obter o direcionamento em cada etapa e um possível modo de áudio ditado, para corroborar com os estudantes que sente dificuldade na leitura e com a soletração das palavras pode ajudar.

Dessa forma, o DDC está em sua versão inicial em estudo baseado nesta pesquisa sobre a percepção e validação docente do roteiro didático o qual é abordado e sua funcionalidade, sendo importante a percepção da aplicabilidade entre os sujeitos da EJA, sendo estes os principais beneficiários com a ferramenta no que tange dialogar as TIDC e o mundo do trabalho em incentivo ao empreendedorismo social como caminho para valorização de saberes e habilidades presentes entre os Jovens e Adultos da EJA, voltando a reforçar o aprendizado ao longo da vida.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muito a se tratar sobre a Educação de Jovens e Adultos – EJA, em relação aos movimentos e disputas que perpassam em seu contexto histórico na busca por espaço, o qual muitas vezes é negligenciado. Mas, em meio as adversidades há espaço para a resistência e a busca por espaço na luta pelos direitos e valorização dos saberes dos sujeitos da EJA.

No âmbito desses espaços, as tecnologias digitais e o mundo do trabalho com incentivo ao empreendedorismo social, dialogam em favor de traçar novas oportunidades em meio a precarização do trabalho. A valorização dos sujeitos da EJA e seus saberes, cria oportunidades antes limitadas pela sociedade, e com incentivo a criatividade é possível formar jovens e adultos capazes de se desenvolver no mundo do trabalho a partir das suas habilidades e aprendizados adquiridos ao longo da vida.

Nesse aspecto um DDC – Desenho Didático Contextualizado contribui com o mundo no trabalho e as tecnologias digitais na EJA, na medida em que atende os requisitos identificados e analisados no decorrer da pesquisa, sendo estes: atemporalidade, acessibilidade, alcance, atração, objetivo, concretude e principalmente simplificação. Tudo isso num processo não linear, cíclico e que é desenvolvido a partir do trabalho colaborativo, do entendimento da necessidade do outro, da geração rápida de ideias e da criação de infoprodutos.

A partir do grupo de discussão com docentes da EJA, foi possível compreender a realidade da EJA vivenciada por eles entre limitações e superações. Trabalhar com a EJA é amor, é planejar as aulas nos mínimos detalhes, traçando estratégias que prendam a atenção dos estudantes, atrelado a isso correlacionado as experiências dos sujeitos para melhor absolver as informações.

Ao longo desta pesquisa, perseguimos possíveis respostas para a pergunta: como um design educacional contextualizado pode contribuir para o diálogo entre o mundo do trabalho e as TDIC na EJA? Os achados da pesquisa revelam o DDC contribui de maneira positiva e potencializadora quando: permite aos docentes a personalização dos percursos didáticos aos estilos e ritmos individuais de aprendizagem; quando se adapta às características institucionais e territoriais dos sujeitos; quando promove atualização a partir de feedback frequente; quando articula os saberes escolares com o acesso a informações e experiências externas à escola; e por fim, quando a realidade laboral do estudante é elemento transversal ao percurso do processo de ensino e aprendizagem.

Quanto às questões associadas apresentadas na introdução na busca por mais esclarecimentos e aprofundamento teórico das temáticas discutidas na pesquisa foram contempladas nos capítulos subsequentes embasados pelos teóricos que discorrem sobre os assuntos do mundo do trabalho, tecnologias digitais e EJA, incluído a percepção do campo de pesquisa dos professores e alunos pesquisados.

Dentre os esclarecimentos apresentados sobre as questões estão: no contexto educacional da EJA qual é o lugar ocupado pelo mundo do trabalho e pelas TDIC? sendo abordado desde o contexto histórico, no início da relação do mundo trabalho e a trajetória da EJA que se apresenta entre progressos e retrocessos, mas se mantém na busca do seu espaço. O Mundo do trabalho já é uma realidade dos sujeitos da EJA, e as tecnologias digitais se torna cada vez mais necessárias, por isso devido as limitações identificadas na pesquisa é retratada a partir da inclusão digital para aproximar os sujeitos da EJA a essa realidade no desenvolvimento de suas habilidades.

Seguindo os questionamentos, como se revelam as categorias trabalho e tecnologias digitais de informação e comunicação no perfil dos sujeitos da EJA? A pesquisa abordou diferentes perspectivas, sobre o trabalho foi identificada uma diversidade de atividade realizadas entre os alunos os quais atuavam como autônomos de forma informal e a relação com as tecnologias digitais se mostrou distante, mesmo que a maioria dos alunos possuam acesso ao celular como canal de comunicação, e ainda assim, se tem pouca interação com as tecnologias voltada para o trabalho.

E quanto a qual é o desenho didático que pode fazer com que os sujeitos da EJA usem as TDIC no seu mundo do trabalho formal ou informal? a pesquisa mostrou ser possível através do DDC, sendo a aplicação de um design educacional contextualizado que possui relevância na construção de aulas mais dinâmicas e estruturadas, proporcionando experiências, e possui um grande potencial se aplicada no diálogo entre o mundo do trabalho e as TDIC na EJA, o DDC propõe essa relação dinâmica e com o intuito de contribuir com o desenvolvimento do aprendizado dos estudantes, estimulando a criatividade e favorecendo o empreendedorismo social.

O uso do DDC tem grande potencial no processo de ensino e aprendizagem dos sujeitos da EJA para utilização das TDIC no mundo do trabalho, com base nas pesquisas bibliográficas e a pesquisa de campo com os docentes e tendo uma compreensão do perfil dos estudantes da EJA do município de Cruz das Almas – BA, campo estudado é possível tecer esta compreensão.

Diante do contexto vivenciado a pesquisa foi concluída e reflete os resultados obtidos por completo. Podendo alcançar novos avanços em pesquisas futuras que em novos contextos não pandêmicos possam ampliar seus resultados. Uma vez que a análise do produto piloto do DDC foi realizada em foco pelo grupo docente em abordagem no grupo de discussão, ter uma leitura da percepção dos sujeitos da EJA sobre o DDC é uma experiência futura necessária para uma validação sobre a perspectiva: aluno x professor.

Sendo fundamental essa interação no ambiente escolar ao utilizarem o modelo do DDC na dinâmica das aulas, uma experiência enriquecedora, com projeção de aplicação futura para um parecer mais crítico baseado no uso da ferramenta, sendo mais perceptível as características de duração de aplicabilidade, experiência da aprendizagem, dificuldades encontradas ao decorrer do caminho, a compreensão dos avanços dos estudantes e o desenvolvimento para o mundo do trabalho com o olhar sobre empreendedorismo social. Essas e muitas outras inquietações surgem ao se deparar com uma nova ferramenta e que ao decorrer das pesquisas é possível ir contemplando. Sendo estes assuntos a serem discutidos em pesquisas futuras.

Para os teóricos com os quais dialogamos no decorrer deste trabalho, dentro de um modelo bem estruturado de design instrucional, há muito espaço para o diálogo, a autonomia, e a contextualização. As discussões e reflexões realizadas com os agentes do processo educacional nos ajudaram a perceber a viabilidade prática do modelo Canvas de para o DDC. Se cada atividade, estratégia ou conteúdo selecionado contém em si mesmo a proposta integral do desenho didático, de preferência expressa em um suporte tecnológico inteligente e dinâmico, a contextualização se torna possível, porque as atividades podem ser substituídas, antecipadas, reorganizadas ou descartadas com base na concordância do grupo e na mediação do professor. Cada fase do desenho didático contextualizado, cada recurso tecnológico disponibilizado, cada situação didática relatada comporta numerosos desafios a serem desvendados e oportunidades renovadas de articulação teoria-prática-teoria. Entre as diversas questões abordadas, podem ser utilizadas de subsídios para futuras pesquisas e aplicações do DDC em diferentes abordagens de ensino, propondo a relação entre as TIDC e o mundo do trabalho.

REFERÊNCIAS

- ABÍLIO, Ludmila Costhek. **Uberização: Do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado**. Psicoperspectivas, v. 18, n. 3, p. 41-51, 2019.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- ALVES, Flores. **Design de Aprendizagem com o uso de canvas: Traherthem**, São Paulo, DVS Editora, 2016.
- ANTUNES, Ricardo. **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. Boitempo Editorial, 2020.
- ARROYO, Miguel González. **Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública**. Diálogos na educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, v. 296, p. 19-50, 2005.
- ARROYO, Miguel González. **Pedagogias em movimento: o que temos a aprender dos movimentos sociais**. Currículo sem fronteiras, v. 3, n. 1, p. 28-49, 2003.
- ARROYO, Miguel González. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Editora Vozes Limitada, 2017.
- ARROYO, Miguel González. **Passageiros da Noite: Do Trabalho para EJA – Itinerários pelo Direito a uma Vida Justa**. Cap. 1-8. Petrópolis, RJ: Vozes.2017.
- BASTOS, Maria Flávia; RIBEIRO, Ricardo Ferreira. **Educação e empreendedorismo social: um encontro que (trans) forma cidadãos**. Revista Diálogo Educacional, v. 11, n. 33, p. 573-594, 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. Câmara da Educação Básica. **Exposição de motivos ao encaminhamento das diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF: CNE, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/1997/pceb017_97.pdf> acesso em 30 de jun. 2022.
- BRASIL. **Presidência da República. Decreto nº 5.478, de 24 de junho de 2005. Institui, PROEJA**, 2005. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2005/decreto-5478-24-junho-2005-537577-norma-pe.html#:~:text=e%20Adultos%20%2D%20PROEJA..> acesso em 30 de jun. 2022.
- BRASIL. **Proposta para Base Nacional Comum da formação de professores da educação básica**. Versão Preliminar. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/setembro-2019/124721-texto-referencia-formacao-de-professores/file>> acesso em 30 de jun. 2022.
- BRASIL. **Painel Coronavírus**. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/> acesso em:30 jan. 2022.

BÜRDEK, Bernhard E. **História, Teoria e Prática do Design de Produtos**. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade**. Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. **Information technology, globalization and social development**. Geneva: UNRISD, 1999.

CARVALHO, Maria Cezarela Oliveira. **EJA Conectada: A Pedagogia dos Multiletramentos nos Processos Educativos de Jovens e Adultos Escolarizados**. 2019. Disponível em: < <http://www.saberaberto.uneb.br/jspui/handle/20.500.11896/1014>> acesso em 26 de jun. 2021.

CERVERA, Mercè Gisbert; MON, Francesc Marc Esteve. Digital learners: la competencia digital de los estudiantes universitarios. **La Cuestión Universitaria**, n. 7, 48 -59, 2011.

DA COSTA, Hérica Tanhara Souza et al. **O uso das tecnologias digitais de informação e comunicação no ensino remoto**. 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA19_ID5354_01102020203527.pdf> acesso em 10 de jul. 2021.

COSTA, João Henrique Mendes. **A educação empreendedora no ensino de jovens e adultos do município de Bagé, Região da Campanha-RS: uma estratégia para o desenvolvimento regional**. 2019. Disponível em: < <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/2763>> acesso em 26 de jun. 2022.

DANTAS, Tânia Regina. **Formação de professores de EJA na perspectiva de inclusão social**. Revista de Educação, Ciência e Cultura, v. 24, p. 29-39, 2019.

DIAS, Cláudia Augusto. **Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas**. Informação & Sociedade, v. 10, n. 2, 2000.

DI PIERRO, Maria Clara; HADDAD, Sérgio. **Transformações nas políticas de educação de jovens e adultos no Brasil no início do terceiro milênio: uma análise das agendas nacional e internacional**. Cadernos Cedes, v. 35, p. 197-217, 2015.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo**. Elsevier Brasil, 2008.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo corporativo: como ser empreendedor, inovar e se diferenciar na sua empresa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo corporativo**. Elsevier Brasil, 2009.

DRUCKER, Peter. **Administração de organizações sem fins lucrativos: princípios e práticas**. São Paulo: Pioneira, 1994.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://mizanzuk.files.wordpress.com/2018/02/boris-fausto-historia-do-brasil.pdf>> acesso em 19 de out. 2022.

FERRAZ, Janaynna de Moura. **Para além da inovação e do empreendedorismo no capitalismo Brasileiro**. 2019. (Tese). Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/30364>> acesso em 20 de out. 2021.

FERREIRA, João André Amorim. **A Docência na Era Digital: Práticas Pedagógicas e Redes de Saberes**. Editora Olyver, 2021. Disponível em: <https://59ff462e-2ac9-42a7-a2f7-20d950e930eb.filesusr.com/ugd/d6e37b_486900af924c4a74821ac5d453527880.pdf> acesso em: 24 de out. 2021.

FERREIRA, Windyz B. **EJA e Deficiência: estudo da oferta da modalidade EJA para estudantes com deficiência. Educação de jovens e adultos: o que dizem as pesquisas**. Recife: J. Luiz Vasconcelos Ed, P. 75 – 121, 2009.

FIOCRUZ, Fundação Oswaldo Cruz. **Por que a doença causada pelo novo vírus recebeu o nome de Covid-19?** São Paulo. 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/pergunta/por-que-doencacausada-pelo-novo-virus-recebeu-o-nome-de-covid-19>. acesso em 04 de abr. 2021.

FILATRO, Andrea. **Design Instrucional Contextualizado: educação e tecnologia**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

FILATRO, Andrea. **Design Instrucional na Prática**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2008.

FILATRO, Andrea. **Design instrucional sob uma perspectiva andragógica. I** WebCurrículo, São Paulo, PUC, 2008.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa-3**. Artmed editora, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva 30 anos depois: regressão social e hegemonia às avessas**. Revista Trabalho Necessário, v. 13, n. 20, 2015.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e Trabalho: bases para debater a Educação Profissional Emancipadora**. PERSPECTIVA, Florianópolis, v.19, n.1, p.71-87, jan./jun.

2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/8463/7770>. acesso em 30 de jun. 2022.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. Atlas, 4. ed. – São Paulo, 2002.

GOMES, Alberto Albuquerque. **Apontamentos sobre a pesquisa em educação: usos e possibilidades do grupo focal**. EccoS–Revista Científica, v. 7, n. 2, p. 275-290, 2005.

GOMES, Ana Paula de Oliveira; DANTAS, Jailka Ingrid Martins. **Educação de Jovens e Adultos e Empreendedorismo a Serviço do Protagonismo Histórico do Ator Social**. Revista Barbante nº 31, 2020. Disponível em: <https://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2020/4/2020_04_0271_0287.pdf> acesso em 24 de out. 2021.

HADDAD, Sérgio. DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de jovens e adultos**. Revista Brasileira de Educação 14 (2000): p. 108-130.

HADDAD, Sérgio. **A educação de pessoas jovens e adultas e a nova LDB**. 1997.

Disponível em: <

<http://bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/handle/11465/1767/3.pdf?sequence=1&is>> acesso em 18 de jun. 2021.

HARADA, Fernanda Jordani Barbosa et al. **O design centrado no humano aplicado: a utilização da abordagem em diferentes projetos e etapas do design**. Blucher Design Proceedings, v. 2, n. 9, p. 1254-1266, 2016.

HISRICH, Robert D.; PETERS, Michael P.; SHEPHERD, Dean A. **Empreendedorismo-9**. Amgh Editora, 2014.

_____. INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

Matrículas na educação de jovens e adultos caem; 3,3 milhões de estudantes na EJA em 2019. Disponível em: < http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/matriculas-na-educacao-de-jovens-e-adultos-cai-3-3-milhoes-de-estudantes-na-eja-em-2019/21206 > acesso em 04 de abr. 2021.

_____. IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2021. Disponível em:< <https://www.brasildefato.com.br/2021/04/30/ibge-desemprego-bate-recorde-com-14-4-milhoes-quase-6-milhoes-estao-desalentados> > acesso em 18 de jun. 2021.

_____.IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2019. Disponível em:< <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio> > acesso em 20 de ago. 2021.

_____.IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2019. Disponível em:< <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?edicao=30362&t=publicacoes>> acesso em 24 de out. 2021.

_____. IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2021. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?=&t=destaques>> acesso em 12 de Set. 2021.

_____. IBGE, PNAD Contínua. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua-PNAD Contínua**. Educação 2019, 2020. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf> acesso em 17 de out. 2022.

_____. IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Cidade e Estado Censo 2010** (2021 e 2010). Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/cruz-das-almas.html>> acesso em 20 de nov. 2022.

JOAQUIM, Bruno dos Santos; PESCE, Lucila. **As tecnologias digitais da informação e da comunicação nos contextos da educação de jovens e adultos: uma revisão de literatura (2007-2014)**. Olhares: Revista do Departamento de Educação da Unifesp 4, no. 1 (2016): 86-106.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas: Papirus, 2003.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

KIRCHOF, Edgar Roberto. **Literatura Brasileira I**. IESDE BRASIL SA, 2008.

LARRAZ, V. **La competencia digital a la universitat**. (Tesis doctoral, Universitatd'Andorra). Disponible en la base de datos TDX (TD-017-100006/201210). 2013.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Mariana de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. Atlas, 5. ed. – São Paulo, 2003.

LAZARTE, Leonardo. **Ecologia cognitiva na sociedade da informação**. Ciência da Informação, v. 29, n. 2, p. 43-51, 2000.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento da era da informática**. Editora 34. ed. 1988.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Editora 34, 2010.

MACHADO, Silvia Cota. **Análise sobre o uso das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs) no processo educacional da geração internet**. Revista Novas Tecnologias na Educação RENOTE, v. 14, n. 2, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/70645>. Acesso em 15 de nov. 2021

MARQUEZ, Nakita Ani Guckert; GODOY, Dalva Maria Alves. **Políticas públicas para educação de jovens e adultos: Em Movimento e Disputa**. Revista de Educação Popular, Uberlândia, v. 19, n. 2, p. 25-42, maio-ago. 2020.

- MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2000.
- MARX, Karl. **O Capital**. Livro I, São Paulo: Boitempo, 1983.
- MANFREDI, Silvia Maria. **Trabalho, profissão e escolarização: revisitando conceitos**. In: MANFREDI, Silvia Maria. Educação profissional no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.
- MELO NETO, Francisco Paulo de; FROES, César. **Empreendedorismo social: a transição para a sociedade sustentável**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.
- MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo, 2015.
- MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2006.
- MICHAELIS. **Michaelis moderno dicionário da língua portuguesa**, 2022. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/di%C3%A1logo/>>. acesso em 20 de jun. 2022.
- MORAN, José. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda**. Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, p. 02-25, 2018.
- MORAN, José. **Mudando a educação com metodologias ativas. Coleção mídias contemporâneas**. Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens, v. 2, n. 1, p. 15-33, 2015.
- MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, Brasília, 2001.
- MORIN, Edgar. **O método IV. As idéias: a sua natureza, vida, habitat e organização**, Portugal: Publicações Europa-América, 1990.
- MORIN, Edgar. **O problema epistemológico da complexidade**. Lisboa: Europa- -América, 1996.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução Eliane Lisboa. 4ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- MORIN, Edgar. **Um festival de incertezas**. Espiral-Revista do Instituto de Estudos da Complexidade, v. 4, p. 5-12, 2020.
- OLIVEIRA, Edson Marques. **Empreendedorismo social no Brasil: atual configuração, perspectivas e desafios–notas introdutórias**. Revista da FAE, v. 7, n. 2, 2004.
- PEREIRA, Alexandre Barbosa. **Do controverso “chão da escola” às controvérsias da etnografia: aproximações entre antropologia e educação**. Horizontes Antropológicos, v. 23, p. 149-176, 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Feevale, 2. Ed. – Novo Hamburgo, 2013.

RAMOS, L.O; RAMOS, R.L. **Design Educacional: Curso Aberto da Universidade Federal da Bahia - SEAD/UFBA**, 2020.

ROMISZOWSKI, A. J.; ROMISZOWSKI, H. **Retrospectiva e Perspectivas do Design Instrucional e Educação a Distância: Análise da Literatura**. *Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância*. v. 3, n. 1, 2005.

SÁ, Genivaldo Ferreira. **A Inserção dos Estudantes do Proeja, Egressos de um Centro de Educação Profissional, no Mundo do Trabalho, por meio do Programa Primeiro Emprego do Governo Estadual em Cícero Dantas-BA**. 2019. Dissertação (Mestrado). 92 páginas. Departamento de Educação do Campus I, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2019.

SANTAELLA, L. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal**. São Paulo: Iluminuras/Fapesp, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Boitempo Editorial, 2020.

SANTOS, Jocenildes Zacarias. **Aprendizagem da Lecto-escrita das Crianças no Primeiro ano do Ensino Fundamental no Moodle**, 2014. Disponível em: <https://silo.tips/queue/universidade-do-estado-da-bahia-uneb-departamento-de-educacao-programa-de-pos-gra-5?&queue_id=-1&v=1656890060&u=MjgwNDdo0MzE6YzdkYzpmMjk4OjlkMTQ6OTllZDpkMzgyOjg3Mjg=>> acesso em 02 de jun. 2022.

SANTOS, Jocenildes Zacarias. **Redes de Aprendizagem: A Construção da Lecto-Escrita nos Labirintos da Web** (dissertação), 2006. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp080998.pdf>> acesso em 18 de jun. 2021.

SANTOS, Juliana Gonçalves dos. **Panorama da EJA no Recôncavo da Bahia: reflexões acerca da realidade**. *Textura*, v. 13, n. 22, p. 162-168, 2019.

SAVIANI, Dermeval. **O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, p. 147-164, 1994.

SCHAFF, Adam. **A sociedade informática**. 4. ed. São Paulo: Universidade Paulista/ Editora Brasiliense, 1995.

SILVA, Kétia Kellen Araújo da; BEHAR, Patrícia Alejandra. **Competências digitais na educação: uma discussão acerca do conceito**. *Educação em Revista*, v. 35, 2019.

SILVA, Kétia Kellen Araújo da; BEHAR, Patrícia Alejandra. **Modelo de competências digitais em educação a distância: com foco no aluno**. *MCompDigEAD*, 2018. Disponível em< <http://nuted.ufrgs.br/MCompDigEAD.pdf>> acesso em 03 de nov. de 2022.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas**. 2 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

SOBRAL, A.M.; LISBOA, E.S.N.; TEIXEIRA, C.R. **Sequência Didática com a Utilização da Tecnologia nas Turmas da EJA**. In: Teixeira, C.R. (Org.). Sequência Didáticas na Educação de Jovens e Adultos. João Pessoa: Editora UFPB, 2019. cap. 4. p. 47-53.

Disponível em:

<<http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/download/235/76/921-1?inline=1>> acesso em 08 de jun. 2022.

UNESCO. MEC. **Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos**. V CONFINTEA. IN: Educação de jovens e adultos: uma memória contemporânea – 1996 – 2004. Brasília: MEC, 2004. Disponível em: < https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000116114_por> acesso em: 18 de jun. 2021.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Penso Editora, 2015.

ZACARIAS, Francisco Michell Silva. **O uso das TIC como ferramenta auxiliar no processo de ensino e aprendizagem em eletroquímica**. 2017, Disponível em: < <https://pos-graduacao.uepb.edu.br/ppgecm/download/produtos/2017/Francisco-Michell-Silva-Zacarias.pdf>> acesso em 20 de ago. 2022.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DE PERFIL - ESTUDANTES DA EJA

Olá, tudo bem?

Desde já muito obrigada por participar da pesquisa!

Este questionário faz parte de uma pesquisa de dissertação no Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos - MPEJA, o intuito das perguntas é compreender sobre o perfil, a realidade do mundo trabalho e as tecnologias digitais de informação e comunicação no ensino.

A pesquisa contém 13 perguntas e vai durar em média 3 minutos, sua participação é muito importante!

PERFIL DO ALUNO

1. Idade _____
2. Sexo: A) () Feminino B) () Masculino C) () Outros D) () Prefiro não responder
3. Escola e turma: _____
4. Por favor, informe seu nível de renda:
A) () De R\$ 0,00 Até R\$ 500,00
B) () De R\$ 501,00 Até R\$ 900,00
C) () 1 Salário-Mínimo
D) () 1 A 2 Salários-Mínimos
E) () Mais De 2 Salários-Mínimos

MUNDO DO TRABALHO

5. Atuação Profissional:
A) () Trabalhador (A) CLT
B) () Autônomo (A)
C) () MEI
D) () Desempregado (A)
E) () Aposentado (A)
6. Qual atividade realiza: _____
7. Sente dificuldade na atividade profissional que realiza?
A) () Não B) () Sim! Qual? _____
8. Tem interesse em mudar a atividade profissional?
A) () Não B) () Sim! Qual? _____

9. Possui algum planejamento/projeto de vida, Qual?

TECNOLOGIA DIGITAL DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

10. Possui algum desses aparelhos digitais:

- A) Smartphone
- B) Notebook E/Ou Computador De Mesa
- C) Tablet
- D) Kindle

11. A atividade de trabalho que realiza hoje, demanda o uso de tecnologias digitais?

- A) Não uso tecnologia Digital
- B) Uso as vezes
- C) Faz parte do dia a dia

12. Em relação à aprendizagem através das tecnologias digitais para o mundo do trabalho, como você se considera?

- A) Tenho dificuldade em aprender
- B) Tenho dificuldade, mas busco aprender
- C) Tenho facilidade em aprender, mas apenas o básico
- D) Tenho facilidade e consigo me adaptar às atualizações.

13. Fale sobre as suas experiências com o uso de computadores, acesso à internet e outras tecnologias digitais nas aulas da EJA ?

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES DA EJA

Olá, tudo bem?

Desde já muito obrigada por participar da pesquisa!

Este questionário faz parte de uma pesquisa de dissertação no Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos - MPEJA, o intuito das perguntas é compreender sobre o perfil, a realidade do mundo trabalho e as tecnologias digitais de informação e comunicação no ensino.

A pesquisa contém 14 perguntas e vai durar em média 4 minutos, sua participação é muito importante!

PERFIL DO PROFESSOR

1. Idade _____
 2. Sexo: a) () feminino b) () masculino c) () outros
 3. Tempo de atuação como professor na EJA: _____
 4. Escola (s) e turma (s) que atua: _____
-

MUNDO DO TRABALHO E TECNOLOGIA DIGITAL DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

5. Quais equipamentos você possui e/ou utiliza para acessar a internet?
 - A. Computador de mesa
 - B. Notebook
 - C. Tablet
 - D. Smartphone
 - E. Outro. Especifique: _____
6. Em relação ao uso das tecnologias digitais, como você se considera?
 - A. () Tenho dificuldade em usar aparelhos digitais
 - B. () Tenho dificuldade, mas busco sempre aprender
 - C. () Tenho facilidade em aprender, mas apenas o básico
 - D. () Tenho facilidade, mas consigo me adaptar às atualizações
 - E. () Estou sempre antenado (a) nas novidades em relação às tecnologias digitais

7. Em sua prática docente, quando você articula alguma atividade com realidade profissional dos estudantes ou seu mundo do trabalho, de que forma você realiza? Relate algumas experiências.

8. Quais são os tipos de atividades pedagógicas que você considera mais adequados com uso de tecnologias na EJA?

9. Quais são as suas maiores dificuldades para usar as Tecnologias nas suas aulas?

Prezado(a) Professor (a) gostaria que pudesse compartilhar com esta pesquisa, o plano pedagógico utilizado como base para as aulas na EJA. O conteúdo compartilhado será utilizado como base para conduzir a continuidade da pesquisa, os dados serão utilizados de forma sigilosa para compreender a realidade vivenciada pelos professores e dá início às perguntas norteadoras para a segunda etapa da pesquisa que é referente ao grupo de discussão. **Podendo disponibilizar o plano de aulas, nos envie no email: consutlua@gmail.com**

APÊNDICE C - ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA O GRUPO DE DISCUSSÃO

PERGUNTAS DISPARADORAS DA DISCUSSÃO

1. O QUE VOCÊS ENTENDEM POR DESENHO DIDÁTICO ?
2. O MODELO DE PLANO DE AULA E DISCIPLINA QUE VOCÊS USAM HOJE ATENDEM A NECESSIDADE DE ORGANIZAÇÃO DIDÁTICA? POR QUÊ ?
3. COMO VOCÊS ENTENDEM SEQUÊNCIA DIDÁTICA?
4. QUAIS ATIVIDADES SÃO POSSÍVEIS DESENVOLVER SOBRE O MUNDO DO TRABALHO COM O USO DAS TECNOLOGIAS DISPONÍVEIS NA ESCOLA?
5. O QUE VOCÊ ESPERA DE UM DESENHO DIDÁTICO QUE ATENDA: O MUNDO DO TRABALHO E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS PARA SER APLICADO NA EJA?
6. COMO VOCÊS VEEM OS ESTUDANTES DA EJA E SUAS AÇÕES VOLTADAS PARA O EMPREENDEDORISMO?



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS, MESTRADO PROFISSIONAL - MPEJA

APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

-

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante:

Documento de Identidade nº:

Sexo: F () M ()

Data de Nascimento:

Endereço:

Cidade:

CEP:

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: O DIÁLOGO ENTRE O MUNDO DO TRABALHO E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.

2. PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: LUANA DE SANTANA RIBEIRO

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: **O DIÁLOGO ENTRE O MUNDO DO TRABALHO E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO**

CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, de responsabilidade do pesquisador **LUANA DE SANTANA RIBEIRO**, discente da Universidade do Estado da Bahia, que tem como objetivo: **Compreender como o mundo do trabalho e as tecnologias digitais presentes no contexto da EJA podem dialogar por meio de um design educacional contextualizado.**

A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios: A possibilidade de ações pedagógicas inovadoras voltadas ao mundo do trabalho e tecnologias digitais de informação e comunicação. Participando da pesquisa, você integrará ao grupo pesquisado de professores da EJA no município de Cruz das Almas -BA, respondendo inicialmente um questionário de perfil e em seguida vamos desenvolver um grupo de discussão que se trata de uma roda de conversa para entender como você, enquanto professor(a) na EJA, tem experienciado sua atuação no ambiente escolar a partir das influências do mundo do trabalho e das tecnologias digitais.

Sua participação é livre e voluntária, não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Mas, muito importante para que possamos entender os desafios enfrentados pela EJA envolvendo o mundo do trabalho e as tecnologias digitais de informação e comunicação, tendo a oportunidade de contribuir na elaboração do Desenho Didático Contextual para a EJA.

O Encontro do grupo de discussão, aconteceu de forma online por meio do recurso de videoconferência pelo *Google Meet*, em que os professores compartilharam informações para a construção do desenho didático e para a pesquisa de perfil será elaborado o questionário *online* utilizando como recurso o *survio* (<https://www.survio.com/br/>), no qual as respostas manterão o critério de confidencialidade, não contendo contato ou dados pessoais do participante.

Serão realizados dois encontros com o grupo de discussão, o primeiro norteado a partir de questionamentos levantando a discussão sobre desenho didático a partir da perspectiva dos professores e suas vivências no ambiente escolar e suas relações com os sujeitos, o segundo encontro será direcionado a produção do desenho didático construído coletivamente, com os professores, na tentativa de validar o modelo proposto como produto final da pesquisa. A data dos encontros do grupo de discussão será definida em conformidade com a disponibilidade e acessibilidades dos participantes.

Se tratando de uma videoconferência, os encontros serão gravados unicamente para a análise de dados na construção do produto do desenho didático, não será exposto para outros, apenas a pesquisadora Luana de Santana Ribeiro e a Orientadora Dr^o Lanara

Gimaraes terão acesso para revisão das informações e construção da pesquisa. Os dados coletados e a gravação serão arquivada para fins da pesquisa durante 5 anos, após esse período, os dados e a gravação serão excluídos.

Quanto aos riscos os professores participantes podem se sentir vulneráveis em partilhar informações com o grupo e fica aberto para desistir a qualquer momento. A gravação não será divulgada a público e após o período de 5 anos será excluída. No caso de desistência por parte de um ou mais professor sua identidade será mantida em segredo e qualquer informação ou dado vinculado será excluído.

Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e, portanto, o (a) Senhor (a) não será identificado (a). Caso queira o (a) senhor (a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisador ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) Senhor (a) apresentar serão esclarecidas pelo pesquisador e o (a) Senhor (a) caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira o (a) Senhor (a) tem direito a indenização caso seja prejudicado (a) por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

IV. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS.

PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL: Luana de Santana Ribeiro, **ORIENTADORA**
Prof^a. Dr^a. Lanara Guimarães de Souza

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador-Ba. CEP: 41.150-000. Tel.:

Telefone: 75 9 9253-0574, **E-mail:** luanacastoribeiro16@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 2º andar, sala 23, Água de Meninos, Salvador- BA. CEP: 40460-120. Tel.: (71) 3312-3420, (71) 3312-5057, (71) 3312-3393 ramal 250, e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP- End: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF.

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa **O DIÁLOGO ENTRE O MUNDO DO TRABALHO E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**, e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via que a mim.

Salvador, 03 de setembro de 2022.

Assinatura do participante da pesquisa

Luana de Santana Ribeiro
Assinatura do pesquisador discente
(orientando)

Lanara Guimarães de Souza
Assinatura do professor responsável
(orientador)

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Reconhecido Homologado pelo CNE (Portaria MEC nº 1009, DOU de 11/10/13, seção 1, pág. 13.)
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - MPEJA

DEDC - CAMPUS I
Departamento
de Educação



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA



APÊNDICE E

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA COPARTICIPANTE

Autorizo o (a) pesquisador/a **LUANA DE SANTANA RIBEIRO** a desenvolver a pesquisa entre professores e alunos da EJA em Cruz das Almas/BA o projeto de pesquisa intitulado “**O DIÁLOGO ENTRE O MUNDO DO TRABALHO E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**” o qual será executado em consonância com as normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos. Declaro estar ciente que a Secretaria Municipal de Educação é corresponsável pela atividade de pesquisa proposta e dispõe da infraestrutura necessária para garantir a segurança e bem estar dos participantes da pesquisa.

Salvador, 02 de Maio de 2022.

Geisa Novais dos Santos
Secretaria Municipal de Educação
Rua ...

.....
Representante da Secretaria Municipal de Educação de Cruz das Almas
(Assinatura e carimbo do responsável institucional)



APÊNDICE F - MODELO CARTA CONVITE PARA PARTICIPAR DO GRUPO DE DISCUSSÃO

Salvador, 08 de agosto de 2022.

CARTA CONVITE

Estimado/a Docente da Educação de Jovens e Adultos

Cumprimentamos você na esperança de que estejam bem!

Nosso contato é para convidar você para integrar o grupo de professores da EJA a participarem da pesquisa em contribuição a elaboração da dissertação e criação de um produto no Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos - MPEJA, desenvolvido pela mestrand Luana Santana e orientado pela professora Dr^a Lanara Guimarães. Relembro que no início do ano você respondeu ao questionário de perfil. Agora, vamos desenvolver o Grupo de discussão que se trata de uma roda de conversa para entender como você, enquanto Professor(a) na EJA, tem experienciado sua atuação no ambiente escolar a partir das influências do mundo do trabalho e das tecnologias digitais.

Sua participação é livre e voluntária, mas muito importante para que possamos entender os desafios enfrentados pela EJA envolvendo o mundo do trabalho e as tecnologias digitais de informação e comunicação, tendo a oportunidade de contribuir na elaboração do Desenho didático contextualizado para a EJA.

Caso não possa participar, gentileza nos informar respondendo a essa mensagem.

Aguardamos sua presença virtual em nosso Grupo de discussão que será realizado:

Dia 1: 03 de setembro de 2022, às 9:00 até 10:30

Dia 2 – 22 de outubro de 2022, às 9:00 até 10:30

O Link será enviado um dia! Via Email e contato do WhatsApp.

Cordialmente,

Luana de Santana

Mestranda no MPEJA/UNEB

APÊNDICE G – DESENHO DIDÁTICO CONTEXTUALIZADO – DDC

Disciplinas/ Áreas do conhecimento:

Tema central:

Fase 1

Fase 2

Fase 3

Fase 4

★ Protagonista

🔧 Reconhecimento do território

🧳 Bagagem

🌍 Realidade

ID Identidade

👐 Mãos à obra

✅ Auto avaliação

📄 Experiência inicial

🔔 Expectativa

🔄 Novos projetos



APÊNDICE H – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O DIÁLOGO ENTRE O MUNDO DO TRABALHO E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Pesquisador: LUANA DE SANTANA RIBEIRO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 57414022.4.0000.0057

Instituição Proponente: Universidade do Estado da Bahia- Departamento de Educação- Campus I

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.401.731

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um protocolo de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional de Educação de Jovens e Adultos – MPEJA, Departamento de Educação – Campus I. Pesquisa qualitativa, de natureza aplicada, com o objetivo exploratório por meio de procedimentos da revisão bibliográfica. A técnica de obtenção dos dados e a realização do grupo de discussão voltado para 12 professores atuantes nas escolas de EJA no município de Cruz das Almas e o questionário de perfil aplicado com amostra definida pelo critério de acessibilidade entre professores e estudantes para uma melhor compreensão do público estudado. A fim de moldar o produto proposto da pesquisa que é um Desenho Didático

Objetivo da Pesquisa:

De acordo com a autora o protocolo de pesquisa proposto tem como objetivos:

Objetivo Primário: Compreender como o mundo do trabalho e as tecnologias digitais presentes no contexto da EJA dialogam e podem potencializar a qualidade da educação ofertada nesta modalidade, por meio de design educacional contextualizado.

Objetivo Secundário:

- Analisar os fundamentos teóricos, políticos e educacionais do mundo do trabalho no contexto da educação de jovens e adultos;
- Analisar as bases político-sociais e pedagógicas das tecnologias digitais de informação e comunicação na EJA;
- Mapear e discutir desenhos didáticos de articulação

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,

Bairro: Água de Meninos

CEP: 40.460-120

UF: BA

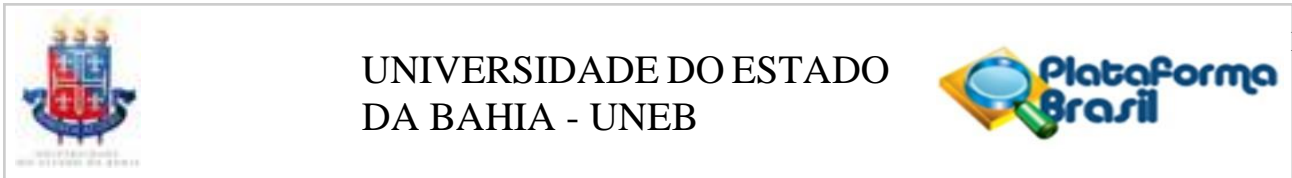
Município:

SALVADOR

Telefone: (71)3216-1330

Fax: (71)3216-1445

E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.401.731

dialógica entre a temática do trabalho e o uso de tecnologias digitais de informação e comunicação na EJA;•
 Propor um desenho didático contextual que articule o mundo do trabalho com as tecnologias digitais de informação e comunicação na educação de jovens e adultos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Quanto ao grupo de discussão que será gravado para fins de análise dos dados, os professores participantes podem se sentir vulneráveis em partilhar informações com o grupo e fica aberto para desistir a qualquer momento. A gravação não será divulgada a público e após o período de 5 anos será excluída. No caso de desistência por parte de um ou mais professor sua identidade será mantida em segredo e qualquer informação ou dado vinculado será excluído. Em relação ao questionário de perfil, o risco pode está relacionado ao desconforto de preencher e sede dados na pesquisa e fica também a disposição de desistir de preencher o questionário, no caso de preencher e informar desistência o questionário será excluído assim que solicitar. Tanto o grupo de discussão como o questionário de pesquisa manterão a confidencialidade dos dados, expondo apenas os dados coletados e a construção do produto que é o Desenho Didático Contextualizado.

Comentários: A pesquisadora reconhece os riscos potenciais, atendendo as normativas 466/2012 e 510/2016
Benefícios:

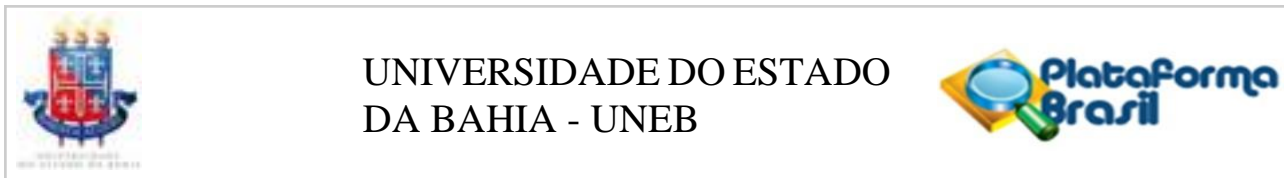
A pesquisa contempla a entrega de um produto, o qual será desenvolvido um Desenho Didático Contextualizado - DDC, beneficiando assim a comunidade científica na produção de novos conhecimentos para a EJA; Contribuído como método facilitador para os próprios pesquisados enquanto professores na EJA; contribuído para a valorização da Educação de Jovens e Adultos e oportunizado aos estudantes da EJA novos conhecimentos aplicáveis no mundo do trabalho e as tecnologias digitais de informação e comunicação.

Comentários: A pesquisadora atende as normativas 466/2012 e 510/2016.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Destacamos que todos os comentários deste parecer são baseados na correlação dos princípios éticos (autonomia, não maleficência, beneficência, equidade e justiça) com os aspectos da pesquisa (objeto, participante, metodologia e aspectos do campo). Sempre na perspectiva da orientação e sem julgamento de valores, conforme preconiza a ética no seu significado mais profundo que é propor a dignidade humana.

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3216-1330 **Fax:** (71)3216-1445 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.401.731

A pesquisa é relevante, original e exequível.

Critério de inclusão: Participantes do grupo de discussão todo e qualquer professor da EJA atuante no município de Cruz das Almas, bem como para responder ao questionário de perfil fica disponível para professores e estudantes da EJA referentes ao município de Cruz das Almas.

Critério de Exclusão:

O orçamento: Em conformidade.

O cronograma: Em conformidade.

Instrumento de registro de dados: Em conformidade.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- 1 – Termo de compromisso do pesquisador responsável: Em conformidade.
- 2 – Termo de confidencialidade: Em conformidade.
- 3 – A autorização institucional da proponente: Em conformidade.
- 4 – A autorização da instituição coparticipante: Em conformidade
- 5 - Folha de rosto: Em conformidade.
- 6 – Modelo do TCLE: Em conformidade
- 7 – Modelo do Assentimento: não se aplica
- 8 – Declaração de concordância com o desenvolvimento do projeto de pesquisa: Em conformidade.
- 9 – Termo de concessão: Apresenta-se em conformidade.
- 10 - Termo de compromisso para coleta de dados em arquivos: Em conformidade

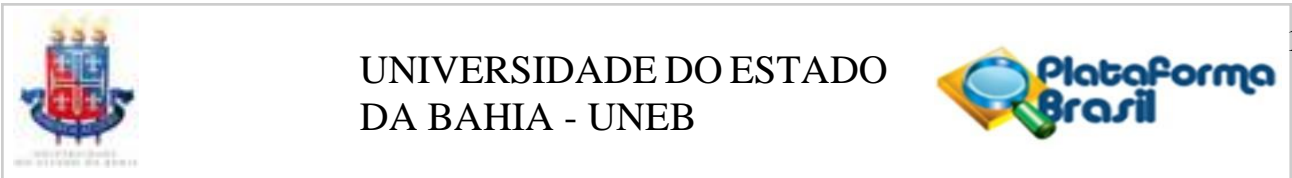
Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Tendo em vista o exposto no protocolo e no formulário de informações básicas da Plataforma Brasil o projeto é considerado APROVADO conforme dispõe a Resolução 466/12 que norteiam a

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3216-1330 **Fax:** (71)3216-1445 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB

Continuação do Parecer: 5.401.731

pesquisa envolvendo seres humanos.

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1921494.pdf	03/05/2022 15:17:15		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_para_Estudantes.pdf	03/05/2022 15:16:19	LUANA DE SANTANA RIBEIRO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_para_Professores.pdf	03/05/2022 15:16:01	LUANA DE SANTANA RIBEIRO	Aceito
Outros	questionario_e_roteiro.pdf	03/05/2022 15:03:40	LUANA DE SANTANA RIBEIRO	Aceito
Outros	termo_coparticipante.pdf	03/05/2022 14:48:30	LUANA DE SANTANA RIBEIRO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_de_compromisso_do_pesquisador_Luana.pdf	30/03/2022 12:47:21	LUANA DE SANTANA RIBEIRO	Aceito
Declaração de concordância	Declaracao_de_concordancia_com_o_desenvolvimento_do_projeto_de_pesquisa_a_Luana.pdf	30/03/2022 12:40:33	LUANA DE SANTANA RIBEIRO	Aceito
Outros	termo_de_confidencialidade_Luana.pdf	30/03/2022 12:39:12	LUANA DE SANTANA RIBEIRO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_detalhado_da_pesquisa_Luana.pdf	30/03/2022 12:29:39	LUANA DE SANTANA RIBEIRO	Aceito
Outros	autorizacaodainstituicao.pdf	30/03/2022 11:34:20	LUANA DE SANTANA RIBEIRO	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	30/03/2022 11:18:42	LUANA DE SANTANA RIBEIRO	Aceito

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,

Bairro: Água de Meninos

CEP: 40.460-120

UF: BA **Município:** SALVADOR

Telefone: (71)3216-1330

Fax: (71)3216-1445

E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.401.731

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 11 de Maio de 2022

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,

Bairro: Água de Meninos

CEP: 40.460-120

UF: BA

Município:

SALVADOR

Telefone: (71)3216-1330

Fax: (71)3216-1445

E-mail: cepuneb@uneb.br

APÊNDICE I – SLIDES DO SEGUNDO ENCONTRO DO GRUPO DE DISCUSSÃO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
 Reconhecida e homologada pelo CNE (Portaria MEC nº 1096, D.O.U. de 10/04/03, seção 1, pág. 13.)
 MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - MPEJA

PRIMEIRA CAMPUS | Departamento de Educação |
 UNEB
 UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

 MPEJA

**SEJAM BEM VINDAS AO
 2º GRUPO DE DISCUSSÃO DA PESQUISA**

**O DIÁLOGO ENTRE O MUNDO DO TRABALHO E AS TECNOLOGIAS
 DIGITAIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Mestranda: Luana de Santana Ribeiro
 Orientação: Profª. Drª. Lanara Guimarães de Souza

DESENHO DIDÁTICO CONTEXTUALIZADO

Construção a partir de:

- 1º Encontro do grupo de discussão
- Questionário de perfil > Professores
- Questionário de perfil > Alunos
- Revisão da literatura
- Modelos de design institucional / desenho didático

DESENHO DIDÁTICO CONTEXTUALIZADO

Perfil dos estudantes da EJA do município de Cruz, ao aplicar o questionário:

Vespertino: 29 alunos participantes

Jovens de 15 a 20 anos / agitados / eufóricos / possuem maior interação com tecnologia (celular) / 48,21% (14) possuíam alguma atividade de trabalho.

Noturno: 14 alunos participantes

Adultos 23 a 76 / atenciosos / não demonstraram pressa / Pouca interação com tecnologia (celular) / 50% (7) possuíam alguma atividade de trabalho.

 **Questionamento: Em relação ao perfil dos alunos sobre trabalho, o que vocês complementariam ?**

DESENHO DIDÁTICO CONTEXTUALIZADO

Características que precisa conter:

- Atemporal
 - Acessível
 - Alcançável
-
- Atrativo
 - Objetivo
 - Concreto
 - Simplificado

Enquanto vivência da sala de aula, as características atendem a EJA na construção de um desenho didático? E/ou quais mudanças ou complemento pode ser aplicado?

DESENHO DIDÁTICO CONTEXTUALIZADO

Produto Piloto:

Disciplinas/ Áreas do conhecimento:			
Tema central: (contexto da atividade em aula) Ex: Panfleto para divulgação dos serviços			
Fase 1	Fase 2	Fase 3	Fase 4
<p>★ Protagonista- (Quem é o foco principal da atividade. No caso de uma atividade de aprendizagem o aluno e sua complemen ser tratada. Exemplo: Nome do aluno - Pintor)</p>	<p>🗺️ Reconhecimento do território (listagem dos recursos disponíveis a favor do protagonista)</p>	<p>📁 Bagagem (Idealização, explorar a aprendizagem, busca por referências explorar os recursos digitais)</p>	<p>🏡 Realidade (resultado obtido com a atividade)</p>
<p>👤 Identidade (atributos que caracterizam o protagonista distinguindo os demais. Ex: Características com base no tema central sobre a descrição do protagonista).</p>		<p>👉 Mãos à obra (Momento de colocar em prática, trazer para o concreto)</p>	<p>✅ Auto avaliação (Diálogo com base na experiência da atividade, pontos positivos, pontos negativos)</p>
<p>📄 Experiência inicial (Diálogo sobre o desenvolver da primeira fase/ anotações de feedback)</p>	<p>📌 Expectativa (Diálogo com base no reconhecimento do território, descrever a expectativa do resultado que deseja alcançar)</p>		<p>🔄 Novos projetos (essa etapa de reflexão, de incluir novos projetos ou etapas para dá continuidade e recomençar utilizando o desenho didático.)</p>